

Organizador
Organiser



Clube de Lisboa

GLOBAL CHALLENGES

2024

Conferências
de Lisboa

Lisbon Conferences

6ª CONFERÊNCIA DE LISBOA

Um Mundo Dividido

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE

6ª Conferência de Lisboa

6th Lisbon Conference

2024

Conferências
de Lisboa

Lisbon Conferences

6ª Conferência de Lisboa
UM MUNDO DIVIDIDO
A DIVIDED WORLD
6th Lisbon Conference

2024

Conferências
de Lisboa

Lisbon Conferences

Com o alto patrocínio do Presidente da República
Under the high patronage of the President of the Portuguese Republic



Presidência da República



Algès
Torre - Bab el

Índice

Table of contents

Prefácio <i>Foreword</i>	08
A 6ª Conferência de Lisboa <i>The 6th Lisbon Conference</i>	13
Programa <i>Programme</i>	18
ABERTURA <i>OPENING</i>	24
A GUERRA COMO PROLONGAMENTO DA GEOPOLÍTICA <i>WAR AS AN EXTENSION OF GEOPOLITICS</i>	46
A GEOPOLÍTICA DOS MINERAIS CRÍTICOS E DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA <i>THE GEOPOLITICS OF CRITICAL MINERALS AND ENERGY TRANSITION</i>	68
O JORNALISMO EM TEMPO DE GUERRA <i>JOURNALISM IN TIMES OF WAR</i>	92
NACIONALISMOS, IDENTIDADES E GLOBALIZAÇÃO <i>NATIONALISMS, IDENTITIES AND GLOBALISATION</i>	102
INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, FUTURO DO EMPREGO E DESIGUALDADES <i>TECHNOLOGICAL INNOVATION, FUTURE OF EMPLOYMENT, INEQUALITIES</i>	120
A ÓPERA COMO PALCO DE CRISES E JOGOS DE PODER <i>OPERA AS A STAGE OF CRISES AND POWER GAMES</i>	142
ENCERRAMENTO <i>CLOSING</i>	150
Biografias <i>Short Bios</i>	158
O Clube de Lisboa <i>The Club of Lisbon</i>	168
Parceiros e Patrocinadores <i>Partners and Sponsors</i>	170





Prefácio

Foreword

A 6ª Conferência de Lisboa decorreu nos dias 10 e 11 de outubro de 2024, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Durante dois dias, 30 oradores nacionais e internacionais debateram as perspetivas e desafios do nosso Mundo Dividido. A conferência realizou-se em tempos particularmente incertos e num momento crucial da conjuntura internacional, imediatamente antes das eleições nos EUA, da COP 29 em Baku e da Cimeira do G20 no Brasil. Neste contexto, não só refletiu sobre os desafios existentes, como também analisou as perspetivas futuras e as possíveis respostas às tendências atuais.

A conferência organizou os debates em 4 painéis e 2 talks, incluindo a análise das várias dimensões da guerra e da geopolítica mundial, dos grandes desafios dos minerais críticos e da transição energética, da evolução dos nacionalismos e processos de globalização, da inovação tecnológica, do futuro do emprego e das desigualdades. Foi ainda abordado o papel do jornalismo em tempos de guerra, bem como a forma como a ópera expressa crises e jogos de poder. O conteúdo desta publicação corresponde a um resumo das intervenções e debates realizados.

The 6th Lisbon Conference was held on 10 and 11 October 2024 at the Calouste Gulbenkian Foundation.

For two days, 30 national and international speakers debated the prospects and challenges of our Divided World. The Conference took place in particularly uncertain times and at a crucial moment in the international conjuncture, just before the US elections, COP 29 in Baku and the G20 Summit in Brazil. In this context, it not only reflected on existing challenges, but also analysed future prospects and possible responses to current trends.

The conference organised the debates into 4 panels and 2 talks, including an analysis of the various dimensions of war and global geopolitics, the major challenges of critical minerals and the energy transition, the evolution of nationalism and globalisation processes, technological innovation, the future of employment and inequalities. The role of journalism in times of war was also discussed, as well as how opera expresses crises and power games. The content of this publication is a summary of these speeches and debates.

A intervenção do Presidente da República e o alto patronato da Presidência mais uma vez nos honraram nesta edição, particularmente com a menção que enfaticamente foi feita à contribuição positiva das conferências e das atividades do Clube de Lisboa. No encerramento pelo Presidente da Câmara de Lisboa foi salientada, igualmente, a centralidade de Lisboa e de Portugal para interlocução com as mais diversas partes do mundo e para a abordagem dos desafios que nos confrontam.

A conferência realizou-se presencialmente e conseguiu mobilizar um número considerável de participantes, que participaram ativamente em todas as sessões com perguntas e comentários. Foi elaborado um registo gráfico (*graphic recording*) dos painéis, produzindo representações visuais dos conteúdos dos debates, que integram esta publicação, bem como vídeos disponíveis nas redes do Clube de Lisboa.

O Conselho Diretivo do Clube de Lisboa agradece aos oradores e participantes, às entidades fundadoras do projeto das Conferências de Lisboa e aos patrocinadores que tornaram possível o sucesso deste evento. É importante salientar o trabalho de uma equipa dedicada que assegurou toda a logística, incluindo o registo dos participantes, o apoio permanente aos oradores e a tradução simultânea dos debates.

Em 2024, as Conferências de Lisboa assinaram 10 anos de existência, um marco importante de longevidade e empenho de um conjunto de entidades que têm colaborado na promoção de debates diversificados e abertos sobre temas internacionais relevantes. Com as conferências e as publicações a elas associadas, acreditamos que temos contribuído para reforçar o papel de Lisboa como polo de referência internacional para a reflexão e debate de desafios globais e do desenvolvimento.

O Conselho Diretivo do Clube de Lisboa

The intervention of the President of the Republic and the high patronage of the Presidency once again honoured us in this edition, particularly with the emphatic mention of the positive contribution of the Clube de Lisboa's conferences and activities. In the closing session, the Mayor of Lisbon also highlighted the centrality of Lisbon and Portugal for dialogue with the most diverse parts of the world and for addressing the challenges that confront us.

The conference managed to mobilise a considerable number of participants, who actively took part in all the sessions with questions and comments. A graphic recording of the panels was produced, with visual representations of the content of the debates, which are presented in this publication, as well as videos available on the Club of Lisbon's social media.

The Board of Directors of the Club of Lisbon would like to thank the speakers and participants, the founding entities of the Lisbon Conferences' project and the sponsors which enabled the success of this event. It is important to acknowledge the work of a dedicated team that ensured all the logistics, including participants' registration, permanent support for the speakers and simultaneous translation of the debates.

In 2024, the Lisbon Conferences celebrated 10 years of existence, an important milestone of longevity and commitment from a group of organisations that have collaborated to promote diverse and open debates on relevant international issues. With the Conferences and correlated publications, we have contributed to reinforce the role of Lisbon as an international hub for reflection and debate on global challenges and development.

The Board of Directors of the Club of Lisbon



6ª Conferência de Lisboa

UM MUNDO DIVIDIDO A DIVIDED WORLD

6th Lisbon Conference



Na 6ª edição das Conferências de Lisboa refletimos e debatemos os desafios e perigos do nosso Mundo Dividido.

The 6th edition of the Lisbon Conferences debated the challenges and dangers we face in a Divided World.



O mundo está dividido, com o multilateralismo e a globalização a perderem terreno para jogos de potências, para o protecionismo e para o regionalismo, num quadro de ameaças existenciais, que vão desde as alterações climáticas ao rearmamento. Estas dinâmicas ocorrem em paralelo com avanços em vários domínios, desde as constantes inovações no digital a desenvolvimentos revolucionários na medicina.

Não sabemos hoje como será a situação em locais como a Ucrânia, o Médio Oriente, Taiwan, ou em várias regiões de África e do Sul da Ásia no futuro próximo. Porém, os cenários e narrativas correntes apontam para rotas de maior rivalidade entre as principais potências mundiais, com o acentuar da multipolaridade, a erosão do multilateralismo e um maior grau de divisão e conflitualidade.

A única forma de enfrentar estes desafios globais, neste ponto de viragem histórico em que a incerteza se tornou a norma, é promover a cooperação internacional a todos os níveis, através do diálogo, de entendimentos mútuos e da construção de pontes na comunidade internacional.

The world is divided, with multilateralism and globalisation losing ground to power games, protectionism and regionalism, against a backdrop of existential threats ranging from climate change to rearmament. These dynamics are taking place in parallel with advances in various fields, from constant digital innovations to revolutionary developments in medicine

We don't know today what the situation will be like in places such as Ukraine, the Middle East, Taiwan, or in various regions of Africa and South Asia in the near future. However, current scenarios and narratives reveal an increased rivalry between major powers, with the accentuation of multipolarity and the erosion of multilateralism, and a greater degree of division and conflict.

The only way to successfully address these global challenges, at this historical turning point where uncertainty has become the norm, is by promoting international cooperation at all levels through dialogues, mutual understanding and bridge-building within the international community.

Veja o vídeo
de apresentação
Watch the
presentation video



6

sessions

Cerca de
Around

468

participantes
participants

2

30

oradores

speakers

Dias | *Days*
debate

de
from

11

países
countries

& 5

CONTINENTS

Programa Programme

10 Out Oct
quinta-feira thursday

ABERTURA

_ 09h45 _ 10h15

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA

Presidente do Clube de Lisboa

MARCELO REBELO DE SOUSA

Presidente da República Portuguesa

PAINEL 1

_ 10h15 _ 13h00

A GUERRA COMO PROLONGAMENTO DA GEOPOLÍTICA

ANA SANTOS PINTO

Professora de Estudos Políticos, Universidade NOVA, Lisbon

CATHRYN CLÜVER ASHBROOK

Conselheira Sénior na Fundação Bertelsmann, Berlim

ELISSA JOBSON

Leadership Member do International Crisis Group, Londres

LUIS TOMÉ

Diretor do Departamento de Relações Internacionais da UAL, Lisboa

WALTER RUSSELL MEAD

Distinguished Fellow do Hudson Institute, Nova Iorque

OPENING

_ 09.45 _ 10.15am

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Executive Trustee of the Calouste Gulbenkian Foundation

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA

Chairman of the Club of Lisbon

MARCELO REBELO DE SOUSA

President of the Portuguese Republic

PANEL 1

_ 11.30 _ 01.00pm

WAR AS AN EXTENSION OF GEOPOLITICS

ANA SANTOS PINTO

Professor of Political Studies at NOVA Lisbon University, Lisbon

CATHRYN CLÜVER ASHBROOK

Senior Adviser at Bertelsmann Stiftung, Berlin

ELISSA JOBSON

Leadership Member at the International Crisis Group, London

LUIS TOMÉ

Director of the UAL Department of International Relations, Lisbon

WALTER RUSSELL MEAD

Distinguished Fellow at the Hudson Institute, New York

PAINEL 2

_ 14h30 _ 17h15

**A GEOPOLÍTICA DOS MINERAIS CRÍTICOS
E DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA**

BIANCA DRAGOMIR

Diretora do Cleantech for Iberia, Valencia

HENRY SANDERSON

Editor Executivo da Benchmark Mineral Intelligence, Londres

HUNG TRAN

Senior Fellow do Atlantic Council's Geoeconomics Center, Washington

RAQUEL VAZ PINTO

Investigadora do IPRI-NOVA, Lisboa

TSUTOMU SATO

Senior Research Fellow do Nakasone Peace Institute, Tóquio

TALK 1

_ 17h15 _ 17h45

O JORNALISMO EM TEMPOS DE GUERRA

SOFIA LORENA

Jornalista do Público, Lisboa

LUÍSA MEIRELES

Diretora de Informação da LUSA, Lisboa

PANEL 2

_ 02.30 _ 05.15pm

**THE GEOPOLITICS OF CRITICAL MINERALS
AND ENERGY TRANSITION**

BIANCA DRAGOMIR

CEO of Cleantech for Iberia, Valencia

HENRY SANDERSON

Executive Editor at Benchmark Mineral Intelligence, London

HUNG TRAN

Senior Fellow at Atlantic Council's Geoeconomics Center, Washington

RAQUEL VAZ PINTO

Researcher at IPRI-NOVA, Lisbon

TSUTOMU SATO

Senior Research Fellow at Nakasone Peace Institute, Tokyo

TALK 1

_ 05.15 _ 05.45pm

JOURNALISM IN TIMES OF WAR

SOFIA LORENA

Journalist at Público, Lisbon

LUÍSA MEIRELES

Editor-in-chief of LUSA Portuguese News Agency, Lisbon

Programa Programme

11 **Out Oct**
sexta-feira friday

PAINEL 3

_ 09h45 _ 12h30

NACIONALISMOS, IDENTIDADES E GLOBALIZAÇÃO

FERNANDO AYALA

Professor da Universidade Católica do Chile, Santiago do Chile

FIDEL AMAKYE OWUSU

CEO da DefSEC Analytics Africa, Acra

HELENA CARREIRAS

Vice-Reitora e Professora do Iscte-IUL, Lisboa

MADALENA MEYER RESENDE

Professora da Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa

SHIVSHANKAR MENON

Diretor do Ashoka Centre for China Studies, Nova Deli

PANEL 3

_ 09.45am _ 12.30pm

NATIONALISMS, IDENTITIES AND GLOBALISATION

FERNANDO AYALA

Professor at the Catholic University of Chile, Santiago do Chile

FIDEL AMAKYE OWUSU

CEO of DefSEC Analytics Africa, Accra

HELENA CARREIRAS

Vice-Rector and Professor at Iscte-IUL, Lisboa

MADALENA MEYER RESENDE

Professor at NOVA Lisbon University, Lisbon

SHIVSHANKAR MENON

Director of Ashoka Centre for China Studies, New Delhi

PAINEL 4

_ 14h30 _ 17h15

**INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, FUTURO DO EMPREGO
E DESIGUALDADES**

BRANKO MILANOVIĆ

Académico sénior do Stone Center, New York

CATARINA BARATA

Investigadora do Instituto de Sistemas e Robótica, IST-UL, Lisboa

KARIM EL AYNAOUI

Presidente Executivo do Policy Center for the New South, Rabat

KATHY PEACH

Directora do Centre for Collective Intelligence Design, Nesta, Londres

LUÍS PAIS ANTUNES

Presidente do Conselho Económico e Social, Lisboa

TALK 2

_ 17h15 _ 17h45

A ÓPERA COMO PALCO DE CRISES E JOGOS DE PODER

BRUNO DE MENEZES RIBEIRO

Primeiro tenor de ópera, Lisboa & Roma

CONCEIÇÃO LINO

Jornalista sénior da SIC, Lisboa

ENCERRAMENTO

_ 17h45 _ 18h00

CARLOS MOEDAS

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

PANEL 4

_ 02.30 _ 05.15pm

**TECHNOLOGICAL INNOVATION, FUTURE OF EMPLOYMENT,
INEQUALITIES**

BRANKO MILANOVIĆ

Senior Scholar at Stone Center, New York

CATARINA BARATA

Researcher at Institute for Systems and Robotics, IST-UL, Lisbon

KARIM EL AYNAOUI

Executive President of the Policy Center for the New South, Rabat

KATHY PEACH

Director of the Centre for Collective Intelligence Design, London

LUÍS PAIS ANTUNES

President of the Economic and Social Council, Lisbon

TALK 2

_ 05.15 _ 05.45pm

OPERA AS A STAGE OF CRISES AND POWER GAMES

BRUNO DE MENEZES RIBEIRO

1st Opera Tenor, Lisbon & Rome

CONCEIÇÃO LINO

Senior Journalist at SIC TV, Lisbon

CLOSING

_ 05.45 _ 06.00pm

CARLOS MOEDAS

Mayor of Lisbon



ABERTURA

OPENING



Um
Mundo
Dividido
A Divided World
2024
Conferências de Lisboa

2024
Conferências
de Lisboa
Lisbon Conferences
Fórum Europeu de Cultura
10 > 11 OUT



GUILHERME
D'OLIVEIRA MARTINS

Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian
Executive Trustee of the Calouste Gulbenkian Foundation

”A Fundação Calouste Gulbenkian tem um enorme gosto e honra em receber iniciativas como esta e reconhecer ao Clube de Lisboa um trabalho extraordinário e inexcelável, sobretudo considerando a complexidade das questões que aqui são refletidas e debatidas, e que correspondem ao tempo difícil e incerto em que nos encontramos.

Tendo em conta os temas desta conferência, lembro naturalmente a afirmação de Carl von Clausewitz sobre a guerra ser a continuação da política por outros meios. Mas este é o ano do terceiro centenário do nascimento de Immanuel Kant. E, tal como Kant falou da paz perpétua, vemo-nos compelidos agora a contrariar a guerra perpétua, estabelecendo limites e lembrando as bases da dignidade humana. Afinal, a compreensão de limites de poder, de direitos fundamentais e a própria afirmação de Clausewitz merecem ser revisitadas, sobretudo neste tempo de incerteza e de irracionalidade.



Tal como Kant falou da paz perpétua, vemo-nos compelidos agora a evitar a guerra perpétua, estabelecendo limites e lembrando as bases da dignidade humana.

The Calouste Gulbenkian Foundation is delighted and honoured to host initiatives such as this one and to commend the Club of Lisbon for its extraordinary and unsurpassed work, especially considering the complexity of the issues being reflected on and debated here, which speak to the difficult and uncertain times in which we find ourselves in.

Looking at the issues addressed at this conference, I am naturally reminded of Carl von Clausewitz’s statement about war being the continuation of politics by other means. But this is the year of the third centenary of Immanuel Kant’s birth. And just as Kant spoke of perpetual peace, we are now compelled to counter perpetual war by setting limits and recalling the foundations of human dignity. After all, the understanding of power limits, fundamental rights and Clausewitz’s own statement deserve to be revisited, especially in a time of uncertainty and irrationality such as this.



Just as Kant spoke of perpetual peace, we are now compelled to avoid perpetual war by setting limits and recalling the foundations of human dignity.

O facto de estarmos perante uma assistência muito diversificada e jovem é sempre muito bom, pois significa que estamos a lançar boas sementes. Termino revisitando o século V a.C. e Sun Tzu, que dizia: "Um governante sábio é prudente. O bom general é ponderado". Prudência e ponderação: eis o que certamente a 6ª Conferência de Lisboa terá em conta.

The fact that we have a very diverse and young audience is always very good, because it means that we are sowing good seeds. I will end by revisiting the 5th century BC and Sun Tzu, who said: "The enlightened leader is heedful, and the good general full of caution". Heedfulness and cautiousness: that is what the 6th Lisbon Conference will certainly take into account.





FRANCISCO SEIXAS DA COSTA
Presidente do Clube de Lisboa
Chairman of the Club of Lisbon

”O título desta 6ª Conferência da Lisboa, “Um Mundo Dividido”, é o mais óbvio que se poderia ter para uma conferência no momento em que vivemos, porque é esse o quadro global em que assenta a nossa vida hoje em dia, e, mais do que isso, as nossas interrogações e preocupações.

Estamos num tempo inédito de guerras, envolvendo direta ou indiretamente membros permanentes do Conselho de Segurança, o que tem levado a um bloqueio deste órgão, provocado por duas potências que têm interesses diretos nos conflitos. Tal leva o papel da ONU a ser criticado e considerado, às vezes, irrelevante, quando a orientação das Nações Unidas está muito para além do Conselho de Segurança e da sua Assembleia Geral, sendo uma grande estrutura que constitui o chapéu a uma série de organizações que são essenciais para a regulação da ordem mundial em muitos aspetos. A circunstância deste descaso perante as Nações Unidas começa a expandir-se e a criar uma espécie de atitude negativa face ao papel das organizações internacionais. Mais do que isso, relativizam-se os princípios de base destas organizações e põe-se em causa todo o sentido pelo qual elas foram criadas e desenvolvidas ao longo de mais de sete décadas.

Esta é a grande preocupação sobre a crise sistémica que hoje vivemos, porque não estamos apenas num mundo dividido em termos de poderes que se confrontam no terreno da guerra ou da diplomacia ativa, mas também num mundo dividido em relação aos valores essenciais que foram consensualizados no pós-II Guerra Mundial – valores que, apesar das muitas reticências posteriormente, no período da Guerra Fria, se mantinham como uma espécie de elemento referencial para o funcionamento da sociedade internacional.

O que assistimos atualmente não é tanto a uma rutura imediata por via de alguns cenários de guerra, mas sim o colocar em causa dos princípios e das bases do sistema internacional. Esta rutura sistémica é trágica, porque tem um efeito no respeito pelo Direito Internacional e pelo Direito Hu-

his Conference's title “A Divided World” is the most obvious title you could have for a conference at the time we are living in, because that is the global framework on which our lives are based today, and, more than that, our questions and our concerns.

We are in an unprecedented time of wars, directly or indirectly involving permanent members of the Security Council, which has led to blockade of this very Council caused by two powers that have direct interests in the conflicts. This has led to the UN's role being criticised and sometimes considered irrelevant, with people forgetting that the UN's guidance goes far beyond the Security Council and the UN General Assembly; it is a large structure and an umbrella for several organisations that today are essential for regulating the world order in many respects.

The circumstance of this disregard for the United Nations is beginning to spread and to create a kind of negative attitude towards the role of international organisations. More than that, the basic principles of these organisations are being relativised and the whole purpose for which they were created and developed over the last 70 years is being called into question. This is the great concern about the systemic crisis we are experiencing today, because we are not only in a world divided in terms of powers that confront each other on the terrain of war or active diplomacy, but also in a world divided in relation to the essential values that were consensualised in the post-II World War period – values that, despite much reticence after the Cold War, were maintained as a kind of reference element for the functioning of international society.

What we are seeing today is not so much the immediate rupture caused by certain war scenarios, but rather the questioning of the principles and foundations of the international system. This systemic breakdown is tragic, because

manitário, incluindo no papel de instituições que entretanto se tinham criado, como o Tribunal Penal Internacional, pensando-se que iriam ser um elemento essencial para a regulação da sociedade futura.

O mundo está dividido não apenas nos poderes, mas também na questão dos princípios, onde nos fragilizamos e fraquejamos no interesse em mantê-los. Ao encontrarmos uma ordem alternativa que pode pôr em causa esses mesmos princípios – o que não quer dizer que não possam ser revistos e repensados –, arriscamo-nos a que o mundo fique dividido definitivamente em termos de bases fundamentais para a sua própria regulação. Isto tem implicações noutras estruturas no quadro das Nações Unidas, nomeadamente algumas que se prendem com questões ambientais, energéticas, de direitos humanos, entre outras. Não existe um substituto para a ONU e seria trágica a criação de estruturas diferentes de regulação, levando a uma separação de grupos no quadro internacional.

Esta fragmentação do discurso e do debate parece apontar para o fim de um período que pensávamos que o fim da Guerra Fria tinha inaugurado. Estamos no momento de dúvidas sobre se esse período de uma relativa paz – com algumas guerras, mas apesar de tudo de uma relativa paz e consenso – está a acabar, incluindo o ressurgimento da luta entre potências.

Relativamente à Europa, sobre a qual durante muitas décadas colocámos grandes esperanças no que respeita ao seu papel à escala global, está hoje transformada numa espécie de um continente acochado por uma guerra. Um continente que encontra a sua unidade e o seu cimento no medo e no pânico relativamente ao seu futuro. E isso também coloca a Europa numa relativa dependência face aos Estados Unidos.

Testemunhamos hoje um mundo marcado por uma retórica belicista. Como pano de fundo, assume importância a questão nuclear, com a possibilidade de proliferação nuclear, ou seja, de uma expansão contrária à necessidade anteriormente acordada de congelamento do clube nuclear, para evitar tensões e ameaças potenciais (ou reais).

Além disto, importa debater em que medida a questão da globalização está posta em causa pelos recuos de natureza nacionalista, protecionista, e identitária. Estes estão ligados não

it has an effect on the respect for international law and humanitarian law, and on the role of institutions that had been created in the meantime, such as the International Criminal Court, thinking that they were going to be an essential element in regulating future society.

The world is divided not only in terms of powers, but also on the issue of principles. By finding an alternative order that could jeopardise those same principles – which does not mean that they cannot be revised and rethought – we risk the world being definitively divided in terms of the fundamental bases for its own regulation. And this has implications for other structures within the framework of the United Nations, particularly those relating to environmental, energy and human rights issues, among others. There is no substitute for the UN, and the creation of different regulation structures would be tragic, leading to a separation of groups within the international framework. This fragmentation at the level of discourse and debate seems to point to the end of a period that we thought the end of the Cold War had ushered in. We are now wondering whether this period of relative peace – with a few wars, but nevertheless relative peace and relative consensus – is coming to an end.

Regarding Europe on which for many years and for many decades we have placed great hopes in terms of its role on a global scale, is today transformed into a kind of continent beset by war. A continent that finds its unity and its cement in fear and panic about its future. And this also places Europe in relative dependence on the United States.

We are witnessing a world marked by warmongering rhetoric. In the background, the nuclear issue acquires a renewed importance, with the possibility of nuclear proliferation, which means there is a possibility of an expansion contrary to the previous agreed need for a freeze on the nuclear club, to avoid tensions and potential threats.

Besides this, it is relevant to reflect on what extent the issue of globalisation is jeopardised by these retreats of a nationalist, protectionist and identity nature. These are linked not only to worrying signs of closure of certain countries, but also to the very functioning of the Schengen system and the



Não estamos apenas num mundo dividido em termos de poderes que se confrontam no terreno da guerra ou da diplomacia ativa. Estamos também num mundo dividido em relação aos valores essenciais que foram consensualizados no pós-guerra [e que] se mantinham como uma espécie de elemento referencial para o funcionamento da sociedade internacional.



We are not only in a world divided in terms of powers that confront each other on the terrain of war or active diplomacy. We are also in a world divided in relation to the essential values that were consensualised in the post-war period [and] maintained as a kind of reference element for the functioning of international society.

apenas aos sinais preocupantes de fechamento de determinados países, mas também ao próprio funcionamento do sistema de Schengen e à atitude crescente de partidos europeus que indicam uma cultura de recuo contrária ao que tinha sido a abertura para o mundo. Devemos tentar perceber em que medida é que isto significa que entramos num ciclo de “desglobalização” e se teremos um novo ciclo de protecionismo – que, no passado, deu origem a crises e tensões importantes no quadro internacional.

Além destes temas, importa ainda refletir sobre os recursos naturais e a competição pelos minerais raros, sobre as questões da transição energética e sobre quais os ganhadores e perdedores nestas dinâmicas. Adicionalmente, é relevante abordar um conjunto de novas dinâmicas, como as ligadas à Inteligência Artificial, que suscitam grandes interrogações e que estão, em

growing attitude of European parties that indicate a culture of retreat from what had been an openness trend throughout the world. We should try to understand to what extent this means that we are entering a deglobalisation cycle and if we will have a new cycle of protectionism, which in the past has given rise to major international crises and tensions.

It is also important to address natural resources and the competition for rare minerals, the energy transition issues and who are the winners and losers in these dynamics. Furthermore, it is relevant to approach a set of new dynamics, such as those linked to Artificial Intelligence, which raise many questions and are largely, uncontrolled or unregulated so far. Going beyond geopolitics, the 6th Lisbon Conference also debates, on the other hand, the role of journalism and

boa medida, incontroladas ou não totalmente reguladas. Indo para além da geopolítica, a 6ª Conferência de Lisboa olha ainda, por um lado, para o papel do jornalismo e o modo como este interpreta, potencia e condiciona, de certa maneira, a forma como olhamos o mundo e, por outro lado, numa nota um pouco mais leve, para como a ópera constitui um palco das crises e dos jogos de poder.

the way it interprets, enhances and/or conditions the way we look at the world and, on the other hand, on a slightly lighter note, how opera is a stage for crises and power games.





MARCELO REBELO DE SOUSA
Presidente da República Portuguesa
President of the Portuguese Republic

”

Esta é uma reflexão fundamental no nosso país, cruzando académicos nacionais e estrangeiros, políticos e jornalistas, saberes e experiências, áreas profissionais e temáticas, para benefício do debate português, europeu e internacional. O tema deste ano, “Um Mundo Dividido”, é particularmente pertinente.

O mundo está, de facto, dividido. A competição por influência, poder e recursos entre grandes potências, maiores ou menores, é uma evidência. A disputa tantas vezes beligerante sobre as regras vigentes na ordem internacional debilita o papel das organizações e do multilateralismo e põe em causa os alicerces das últimas décadas. Potências emergentes reivindicam legitimamente esse estatuto, à mesa das decisões, pressionando o lugar fundamental que outros tinham vindo a ocupar nas grandes instituições de regulação do poder e dos seus equilíbrios. Novas instituições financeiras e políticas vão surgindo, em paralelo, sinalizando o mesmo descontentamento, apontando para a mesma cristalização. Devemos, por isso mesmo, dotar o sistema internacional do reformismo urgente de que ele carece, integrando melhor para o salvaguardar. E esse é um primeiro passo para tentar esbater as divisões que se acentuam na política internacional.

O mundo está, de facto, dividido também por outra razão. A interpretação do Direito Internacional, em permanente depreciação, indica um desconforto com as suas regras, na definição de condutas e valores, como a carta das Nações Unidas, seja na estabilidade de fronteiras, na preservação da soberania, no cumprimento do Direito Humanitário ou no uso da força militar. Da incapacidade em respeitar e impor a lei à proliferação de conflitos étnicos ou interestatais vai um pequeno-grande passo. Infelizmente existem hoje dezenas de conflitos espalhados pelos vários continentes.

Só reforçando as organizações, o multilateralismo, o Direito Internacional, podemos recriar um roteiro de normalização das relações entre Estados, e entre estes e as suas sociedades. Este é o segundo passo. De outro modo, teremos menos condições para

This is a fundamental reflection in our country, bringing together national and foreign academics, politicians and journalists, knowledge and experience, professional areas and themes, for the benefit of the Portuguese, European and international debate. This year's theme, 'A Divided World', is particularly pertinent.

The world is indeed divided. The competition for influence, power and resources between the great powers, both major and minor, is obvious. The often-belligerent dispute over the rules of the international order weakens the role of organisations and multilateralism and it jeopardises the foundations of recent decades. Emerging powers are legitimately claiming this status at the decision-making table, putting pressure on the founding place that others had occupied in the major institutions for regulating power and its balances. New financial and political institutions are emerging in parallel, signalling the same discontent and pointing to the same crystallisation. We must therefore give the international system the urgent reform it needs, integrating it better in order to safeguard it. And this is a first step in trying to blur the divisions that are growing in international politics.

The world is in fact divided for another reason too. The interpretation of international law, which is constantly being depreciated, indicates a discomfort with its rules, in the definition of behaviour and values such as the United Nations Charter, whether in the stability of borders, the preservation of sovereignty, compliance with humanitarian law or the use of military force. From the inability to respect and enforce the law to the proliferation of ethnic or inter-state conflicts is a small step. Unfortunately, we have dozens of conflicts spread across several continents. Only by strengthening organisations, multilateralism, international law can we recreate a roadmap for normalising relations between states, and between states and their societies. This is the second step. Otherwise, we will have

compromissos globais, que são fundamentais na resposta às alterações climáticas, à conflitualidade, às migrações, às transições energética e digital, e ao combate à pobreza e desigualdades.

Porque o mundo está também dividido neste ponto. O fosso entre ricos e pobres aumentou na pandemia e com os ritmos distintos de recuperação das economias. O endividamento externo das sociedades mais pobres cresceu de forma galopante, nos últimos anos, gerando uma asfíxia financeira que limita qualquer intervenção nas áreas sociais, e tal acende novas tensões, expondo a fragilidade do poder político derrubado pela força. As desigualdades, entretanto, acentuaram-se entre regiões ricas e regiões menos ricas, num efeito gerador de vagas migratórias forçadas, a que se juntam fenómenos climáticos cada vez mais extremos, prolongados, e devastadores para quem pouco ou nada tem. E aqui surge o terceiro passo. Sem cuidarmos destes problemas, não conseguiremos prevenir que também eles venham a ocorrer nas sociedades mais desenvolvidas.

É preciso também abordar a fragilidade dos sistemas políticos existentes. Essa fragilidade é patente nos sistemas democráticos, incluindo a fragilidade do sistema norte-americano, e dos sistemas europeus, particularmente fortes na União Europeia. O que significa que, e este é o quarto passo, é necessário enfrentarmos essas fragilidades, porque se não o fizermos haverá conflitualidade, radicalização e movimentos e forças sistémicas e anti-sistémicas, que dificultarão tudo o que se possa querer fazer no plano internacional no âmbito dos outros passos acima referidos.

Esta fragilidade também existe em sistemas não democráticos, só que mais escondida, controlada, não tão visível. É ela que explica a desgradação da Federação Russa de superpotência global em potência regional alargada, e o desejo de recuperar um estatuto perdido. É isso que trava o movimento aparentemente rápido e imparável da China, no sentido de ser uma segunda superpotência global (travou na pandemia e na recuperação económica até ao presente). É isso que trava, noutros casos, temas não democráticos e potências emergentes que, por divisões internas ou fragilidades intrínsecas, não conseguem obter o lugar pretendido na cena internacional.

Nos sistemas democráticos, verifica-se uma falta de visão da correlação interna: no sistema de partidos, no sistema político

fewer conditions for global commitments, which are fundamental in the response to climate change, conflict, migration, the energy and digital transitions, and the fight against poverty and inequalities.

Because the world is also divided on this point. The gap between rich and poor has widened during the pandemic and as economies have recovered at different rates. The external indebtedness of the poorest societies has grown at a gallop in the last few years, generating a financial asphyxiation that limits any intervention in social areas, and it has ignited new tensions, exposing the fragility of political power overthrown by force. In the meantime, inequalities have increased between wealthy and less wealthy regions, generating forced migratory waves, coupled with increasingly extreme, prolonged and devastating climatic phenomena for those who have little to nothing. And here is the third step. Without taking care of these problems, we will not be able to prevent them from occurring in more developed societies.

It is also crucial to address the fragility of existing political systems. This fragility is evident in democratic systems, as in the US system and in European systems and those particularly strong in the European Union. Which means that, and this is the fourth step, if we do not tackle these weaknesses, there will be conflict, radicalisation and systemic and anti-systemic movements and forces that will hinder everything that might be done at the international level about the other steps above mentioned.

This fragility also exists in non-democratic systems, only it is hidden, controlled and not so obvious. It explains the downgrading of the Russian Federation from a global superpower to an extended regional power, and the desire to recover a lost status. It is what is holding back China's seemingly rapid and unstoppable move towards becoming a second global superpower (it held it back in the pandemic and in its economic recovery so far). In other cases, this is what is holding back non-democratic issues and emerging powers that, due to internal divisions or intrinsic weaknesses, are unable to achieve their desired place on the international stage.

In democratic systems, there is a lack of vision of the internal correlation: in the party system, in the global political

global, nos sistemas de parceiros económicos e sociais. É impressionante essa degenerescência.

Por último, é de salientar que estamos a viver um fim de ciclo. Não basta dizer que existe divisão e que nesta divisão pesam muitíssimas fragilidades dos sistemas políticos, económicos e sociais – mas sobretudo os políticos. Na geopolítica mundial é muito evidente que vivemos um fim de ciclo. A própria crise interna do sistema político americano tem confirmado e potenciado esse fenómeno, e o mesmo se passa em sistemas europeus. É um fim de ciclo em que tão depressa não teremos uma nova ordem internacional, mas em que podemos ter uma outra balança de poderes e em que perceberemos qual o epílogo de guerras, como é o caso da guerra da Ucrânia ou no Médio Oriente.



Se não enfrentarmos [a fragilidade dos sistemas políticos existentes, (...) patente nos sistemas democráticos], haverá conflitualidade, radicalização e movimentos e forças sistémicas e antissistémicas que dificultarão tudo o que se possa querer fazer no plano internacional.

Não é só nesse plano geopolítico global que estamos em fim de ciclo. Estamos em fim de ciclo nas lideranças, não apenas políticas, a nível internacional e europeu, mas também nas lideranças económicas, sociais, e comunicacionais. Além disso, a aceleração científica, tecnológica e da comunicação tornam mais evidente o fim de ciclo. Como todos os finais de ciclo, é um pouco como a aurora que não chega – mais escura ou mais clara, não se percebendo bem os contornos. É aí que estamos, e é nesta fase que é fundamental dar os passos acima mencionados.

system, in the systems of economic and social partners. This degeneration is impressive.

Finally, we are living through the end of a cycle. It is not enough to say that there is a division and that in this division the weaknesses of the political, economic and social systems weigh heavily – especially the political. In world geopolitics it is evident that we are witnessing the end of a cycle. The internal crisis of the American political system has confirmed and fuelled this phenomenon, and the same goes for European systems. It is the end of a cycle in which we won't soon have a new international order, but in which we may have another balance of powers and we will also realise what the epilogue to wars, such as the war in Ukraine and in the Middle East, will be like.



If we do not tackle [the fragility of existing political systems, (...) which is evident in democratic systems], there will be conflict, radicalisation and systemic and anti-systemic movements and forces that will hinder everything that might be done at the international level.

It is not just on this global geopolitical level that we are at the end of the cycle. We are at the end of the leadership cycle, politically at international and European levels, but also in economic, social and communication leaderships. The acceleration of science, technology and communication is also making the end of the cycle more evident. Like all end-of-cycles, it is a bit like the dawn that never comes – darker or lighter, with no clear outline. That is where we are, and it is at this stage that the steps above mentioned should be taken.

Percebemos que temos de dar esses passos, incluindo no sentido da reconstrução dos sistemas fragilizados, independentemente de vivermos um período de transição. Sabemos aquilo que queremos, quais os valores internacionais, quais os valores humanos, quais os direitos fundamentais, quais as regras e os princípios que importa fazer valer. Então, mudemos o que não funciona em termos de sistema, em termos de operacionalidade de comportamentos, enquanto é tempo. Daí a urgência desta Conferência de Lisboa, daí a importância de ser em Portugal. O ADN de Portugal é esse – uma plataforma que dialoga com todos, que tem os seus alinhamentos fundamentais, mas sempre aberta ao multilateralismo e a todos os mundos, transmitindo e aprendendo.

We do realise that we have to take these steps, just as we have to take steps towards rebuilding weakened systems, regardless of whether we are living in a period of transition. We know what we want, which international values, which human values, which fundamental rights, which rules and principles need to be enforced. So, let us change what does not work in terms of the system, in terms of operating behaviours, while there is still time. Hence the urgency of this Lisbon Conference and the importance of it being in Portugal. Portugal's DNA is this: a platform that dialogues with everyone, that has its fundamental alignments, but it is always open to multilateralism and open to all worlds, passing on and learning.

Veja o vídeo
Watch the video







Fernando Jorge Cardoso

BEM VINDOS!
A
GULBENKIAN

TRABALHO
EXTRAORDINÁRIO

Guilherme d'Oliveira Martins
TEMPOS
DIFÍCEIS!

CLUBE
DE LISBOA

TEMPO DE INCERTEZA

PRUDÊNCIA
PONDERAÇÃO

Franisco Seixas da Costa

LISBOA
LUGAR DE REFLEXÃO



UM MUNDO

DIVI

DIDO!

TEMA ÓBVIO



ORGANIZAÇÃO
APOIOS
PRODUÇÃO

- CLUBE DE LISBOA
- GULBENKIAN
- EMBAIXADA DO JAPÃO
- CHL
- INVF



[NAÇÕES
UNIDAS]



E OS EUA,
SÃO UMA FORÇA
EUROPEIA?

EUROPA
EM PÂNICO?

FIARÁ O MUNDO
DIVIDO
DEFINITIVAMENTE?

MUITO MAIS
QUE O
CONSELHO
DE SEGURANÇA

PERIGO DO NUCLEAR!



MINERAIS
RAROS...

OUTRA
GUERRA?



JORNALISMO



ÓPERA?



"A EUROPA NÃO PODE

Marcelo R

FRAG

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

EU

ILIDADE

IA

RÚSSIA

CHINA

ER-POTÊNCIAS

ER

CRIDOCRACIA

EMOS UN
DE CICLO!

POLÍTICO
GLOBAL...

LIDERANÇAS...

!

A ÓPERA COMO PALCO DE CRISES E JOGOS DE PODER

CONTINUA
ATUAL

CONCEIÇÃO LINO

BRUNO DE MENEZES RIBEIRO

ALEXANDRA
BERNARDO

ÓPERAS FORAM
USADAS PASSAR
MENSAGENS
FORTES...

O PODER
DA ÓPERA

O PODER
DAS VOZES

COM A ÓPERA VIMOS
TRAZER SOLUÇÕES
PARA TODOS OS PROBLEMAS
DE QUE SE FAZIU

TAMBÉM HAVIA
ÓPERAS PARA
ENDEUSAR

PROPAGANDA
COMO LUÍS XIV

CELEBRAÇÕES

NO INÍCIO, TEMAS MITOLÓGICOS
NO SÉC XVIII ISTO MUDA COM MOZART!

VITOR EMANUEL REI DE ITÁLIA...

HÁ ÓPERAS COM MUITO PODER. CASO DE VERDI!

PUCCINI ERA MUITO INTENSO...
E TUDO MUITO CINEMATOGRAFICO!

PROTAGONISTA DA
TOSCA ERA MULHER.

CONTINUA A FALAR-SE DE PODER...

A LIBERDADE ESTÁ SEMPRE PRESENTE, ÀS VEZES A DO ATOR

ENCERRAMENTO

CARLOS MOEDAS

NOVA ORDEM MUNDIAL!

HÁ MUITO PESSIMISMO...

JÁ NÃO É UMA PERGUNTA,
INFELIZMENTE...

MAS TODAS AS NOSSAS LIBERDADES
TÊM UM GRANDE VALOR.

DEBATERAM-SE

IDEIAS!

GEOPOLÍTICA E JOGOS
DE PODER

PRECISAMOS
DELE E DE NÃO
DEPENDER DA
CHINA E USA

AUTARCAS SÃO MODERADOS,
TEM NA REALIDADE

A AI E A
COMPUTAÇÃO
QUÂNTICA
VÃO SER FABULOSAS!

ESTAMOS NO INÍCIO
DA SUA EVOLUÇÃO

ESTAR DIVI/DIDA

MAIS
EUROPA!

E PRECISAMOS DE UM EXÉRCITO
SEGUNDO PUTIN, HÁ UM
CONFLITO DE VALORES.

ESPERANÇA!

UPSIDEUP.PT





PAINEL 1

PANEL 1

6ª CONFERÊNCIA DE LISBOA

Um Mundo Dividido

A Divided World

LISBON CONFERENCE

✓
2024

Conferências
de Lisboa

Lisbon Conferences





ANA SANTOS PINTO
Professora de Estudos Políticos,
Universidade NOVA, Lisboa
Professor of Political Studies at
NOVA Lisbon University, Lisbon



CATHRYN CLÜVER ASHBROOK
Conselheira Sénior na Fundação
Bertelsmann, Berlim
Senior Adviser at Bertelsmann Stiftung,
Berlin



ELISSA JOBSON
Leadership Member do International
Crisis Group, Londres
Leadership Member at the
International Crisis Group, London



LUIS TOMÉ
Diretor do Departamento de Relações
Internacionais da UAL, Lisboa
Head of the International Relations Department
of the UAL, Lisbon



WALTER RUSSELL MEAD
Distinguished Fellow do Hudson Institute,
Nova Iorque
Distinguished Fellow at the Hudson
Institute, New York

A GUERRA COMO PROLONGAMENTO DA GEOPOLÍTICA

Estarão as “guerras por procuração” a ressurgir na Europa e Médio Oriente? Refletem o postulado de Clausewitz “a guerra é a continuação da política por outros meios”? Vivemos o fim da arquitetura multilateral baseada em regras comumente aceites?

WAR AS AN EXTENSION OF GEOPOLITICS

Are proxy wars re-emerging in Europe and the Middle East? Do they fit with Clausewitz's postulate that war is the continuation of politics by other means? Might a multilateral, rules-based order coexist with a multipolar world?

RESUMO

A prossecução da guerra é hoje muito diferente devido à digitalização e mediatização, sendo marcada pela progressiva ausência de fronteiras no que respeita a fluxos de informação, às trocas económicas, ao espaço sideral e ao ciberespaço, à dimensão financeira e dos mercados, entre outras vertentes. Isto significa que é hoje necessária a colaboração entre uma variedade muito maior de atores, incluindo do setor privado, para identificar e compreender fatores de vulnerabilidade e risco, mas também novos sistemas de participação e envolvimento destes novos atores.

A dimensão política não tem recorrido à cooperação internacional com tanto ênfase e eficácia como anteriormente, preferindo outras vias para realização dos seus objetivos. Verificou-se uma transição de divisões marcadamente ideológicas para uma fase de predomínio do pragmatismo político e económico, em que os atores internacionais se posicionam para controlar o poder, obter vantagens económicas e outras. Isto tem levado a novas alianças e arranjos institucionais, principalmente a nível bilateral, trilateral e regional, com realinhamentos constantes e voláteis. Esta incerteza generalizada, combinada com o reforço de posições nacionalistas e protecionistas, leva a que não exista capacidade (ou vontade) de antecipação, previsão e preparação para o futuro, gerando ainda mais instabilidade e divisão.

Além disso, existe uma crise no âmbito da construção e manutenção da Paz. Não só o número de conflitos é maior, como são mais prolongados, gerando crises humanitárias alargadas. Em muitos dos conflitos em curso, as partes procuram a solução militar e as tentativas de sentar os beligerantes à mesa de negociações são raras e limitadas a questões específicas (como troca de prisioneiros ou prestação de ajuda humanitária), ou seja, não existem mecanismos de resolução pacífica, diálogos políticos e acordos de paz abrangentes que permitam construir soluções duradouras. Paralelamente, não existe suficiente atenção mediática e política para conflitos considerados não tão urgentes e relevantes do ponto de vista geopolítico, caso de vários conflitos em curso no continente africano, mas que não deixam de ter ramificações regionais e/ou globais e impactos indiretos noutras partes do mundo.

A esta secundarização dos processos políticos, junta-se o crescente envolvimento de potências regionais e a afirmação de multipolaridades, que acrescentam complexidade e incerteza, ligadas a uma menor confiança nos Estados Unidos como garante e líder das regras globalmente aceites. O desrespeito pela ordem e pelo direito internacional é evidente, expressando-se, nomeadamente, no questionamento do princípio basilar de integridade e soberania territorial.

SUMMARY

The pursuit of war is very different today due to digitalisation and mediatisation, and it is marked by the progressive absence of borders in terms of information flows, economic exchanges, outer space and cyberspace, the financial dimension and markets, among others. These developments entail a greater need for collaboration between a much wider variety of actors, including the private sector, to identify and understand vulnerability and risk factors, but also new mechanisms for a meaningful participation and engagement of these new actors.

The political dimension is not resorting to international cooperation as emphatically and effectively as before, preferring other ways of achieving its objectives. There has been a transition from marked ideological divisions to a phase of predominant political and economic pragmatism, in which international actors position themselves to control power, and gain economic and other advantages. This has led to new alliances and institutional arrangements, mainly at bilateral, trilateral and regional levels, with constant and volatile realignments. This generalised uncertainty, combined with the strengthening of nationalist and protectionist stances, leads to an inability (or unwillingness) to anticipate, predict and prepare for the future, thereby generating even more instability and division.

Furthermore, there is a crisis in peacemaking and peacekeeping. Not only are the number of conflicts higher, but they are also protracted, which generates widespread humanitarian crises. In many of the ongoing conflicts, the parties mostly seek a military solution and attempts to bring the belligerents to the negotiating table are rare and limited to specific issues (such as prisoner exchanges or the provision of humanitarian aid), i.e. there are no peaceful settlement mechanisms, political dialogues or comprehensive peace agreements to build lasting solutions. At the same time, there is not enough media and political attention for conflicts that are not considered so urgent and relevant from a geopolitical point of view, as is the case with various ongoing conflicts in the African continent, but which nonetheless have regional and/or global ramifications and indirect spillover effects on other parts of the world.

This sidelining of political processes is accompanied by a growing involvement of regional powers and an affirmation of multipolarities, which add complexity and uncertainty, and are linked to less liability of the United States as the guardian and leader of globally accepted rules. There is a clear disrespect for international order and law, particularly explicit in questioning the basic principle of territorial integrity and sovereignty.

Ana Santos Pinto sublinhou a ligação intrínseca e primordial entre a política e a condução da guerra, particularmente por via da partilha de objetivos, regras e princípios, pese embora exista uma perceção de autonomia entre os conceitos. O alargamento dos domínios tradicionais da geopolítica ao ciberespaço e espaço sideral esbatem agora as fronteiras geográficas e obrigam os países e as Organizações Internacionais a adaptarem-se a uma transformação que molda profundamente a condução da guerra hodierna e que tem consequências no envolvimento das próprias sociedades.

O que podemos debater nesta altura envolve duas questões. A primeira concerne ao conceito de grandes potências e de Sul Global – definições que, respetivamente, afastam o resto do mundo e cuja origem remete para o agrupamento daqueles que estão permanentemente afastados dos centros de decisão da ordem internacional. A segunda diz respeito ao conceito de desglobalização, uma vez que não só a interdependência económica, da qual as principais economias beneficiam, dificulta a dissociação de países como a China ou a Rússia, como o carácter comum dos desafios que enfrentamos, nomeadamente a escassez de recursos naturais e as alterações climáticas, a restringem. Dizer hoje que a guerra é o prolongamento da geopolítica é reconhecer a ineficácia do recurso à cooperação internacional e diplomacia vis-à-vis a história recente. Neste sentido, como é que a evolução do conceito da guerra altera a nossa compreensão das dinâmicas da geopolítica e transforma a organização do sistema internacional?



Dizer hoje que a guerra é o prolongamento da geopolítica é reconhecer a ineficácia do recurso à cooperação internacional e diplomacia.

Ana Santos Pinto emphasised the intrinsic and primordial link between politics and the conduct of war, particularly through the sharing of objectives, rules and principles, despite the perception of autonomy between the concepts. The extension of the traditional domains of geopolitics to cyberspace and outer space now blurs geographical boundaries and forces countries and International Organisations to adapt to a transformation that profoundly shapes the conduct of today's warfare and has consequences for the involvement of societies themselves.

What we can debate at this point involves two issues. The first concerns the concept of great powers and Global South – definitions that, respectively, alienate the rest of the world and whose origin refers to the grouping of those who are permanently removed from the decision-making centres of the international order. The second concerns the concept of deglobalisation, since not only does economic interdependence, from which the main economies benefit, makes it difficult to decouple from countries like China or Russia, but also the common nature of the challenges we face, namely the scarcity of natural resources and climate change, constrains it. To say today that war is an extension of geopolitics is to recognise the ineffectiveness of international cooperation and diplomacy in the face of recent history. In this sense, how does the evolution of the concept of war change our understanding of the dynamics of geopolitics and transform the organisation of the international system?



To say today that war is an extension of geopolitics is to recognise the ineffectiveness of international cooperation and diplomacy.

ANA SANTOS PINTO

Cathryn Ashbrook observou que as democracias se encontram passivamente perante um desafio de criatividade estratégica em relação a um conjunto de ameaças à ordem internacional que a ex-Secretária de Estado dos EUA Condoleezza Rice descreveu como os “Quatro Cavaleiros do Apocalipse” – o populismo, o nativismo, o isolacionismo e o protecionismo. A ausência de uma capacidade antecipatória não encontra agora sustento na analogia de Rumsfeld, atendendo a tudo aquilo que sabemos, e que nos deveria empoderar, sobre a ligação entre a política e a geopolítica. Apesar de a interconectividade que a integração económica e a globalização permitiram estar a ser explorada por diferentes forças – se quisermos, um eixo de vontade hostil – estamos a submeter-nos a estes desafios e a não tirar o devido partido das oportunidades que se apresentam.

Atualmente, vemos ultrapassados os princípios ideológicos que costumavam dividir o mundo em pontos de vista geo-económicos mais pragmáticos – razão pela qual discorda da premissa de estarmos perante uma nova Guerra Fria. Agora, no final deste modelo neoliberal, a geopolítica “come” a ideologia ao pequeno-almoço. Assim espelha o interesse imperialista da Rússia no Leste da Ucrânia, também motivado pela existência no território de 12,5 biliões de dólares de matérias-primas e pela ideia de que o seu sistema económico interno não pode sobreviver sem os ativos tecnológicos que delas derivam. Igualmente, não ter consciência da guerra híbrida que está a ser conduzida paralelamente às guerras cinéticas é ignorar a interseção entre as dimensões geopolítica e geo-económica, permanecendo num quadro reacionário e reduzindo as capacidades diplomáticas e de informações ocidentais.

Na corrida normativa para o fundo do poço, as potências que estão a desvirtuar o quadro estabelecido no pós-II Guerra Mundial acusam o Ocidente de dele se recorrerem com impunidade – algo que talvez tenha começado com Abu Ghraib e que se deteriorou com a discussão das “linhas vermelhas” na Síria –, tornando os seus princípios menos credíveis e a ordem internacional que deles deriva cada vez mais porosa, senão desmoronando-a por completo. Exemplo disso é o recurso da Administração Biden a acordos bilaterais individuais, numa tentativa de reconstruir uma arquitetura institucional para resolver as grandes questões

Cathryn Ashbrook observed that democracies are passively facing a challenge of strategic creativity regarding a set of threats to the international order that former US Secretary of State Condoleezza Rice described as the ‘Four Horsemen of the Apocalypse’ – populism, nativism, isolationism and protectionism. The absence of an anticipatory capacity cannot be now supported by Rumsfeld’s analogy, given all that we know, and which should empower us, about the link between politics and geopolitics. Despite the fact that the interconnectivity enabled by economic integration and globalisation is being exploited by different forces – an axis of hostile will, if we may – we are subjecting ourselves to these challenges and failing to make the most of the opportunities that present themselves to us.

Today, we see the ideological principles that used to divide the world into more pragmatic geo-economic points of view as outdated – which is why she disagrees with the premise that we are facing a new Cold War. Now, at the end of this neoliberal model, geopolitics ‘eats’ ideology for breakfast. This is reflected in Russia’s imperialist interest in eastern Ukraine, also motivated by the existence of 12.5 trillion dollars’ worth of raw materials in the territory and the idea that its internal economic system cannot survive without the technological assets they give place to. Likewise, to be unaware of the hybrid war being waged in parallel with the kinetic wars is to ignore the intersection between the geopolitical and geo-economic dimensions, remaining in a reactionary framework and reducing Western diplomatic and intelligence capabilities.

In the normative race to the bottom, the powers that are distorting the framework established in the aftermath of the II World War accuse the West of resorting to it with impunity – something that perhaps began with Abu Ghraib and deteriorated with the discussion of the ‘red lines’ in Syria – making its principles less credible and the international order that derives from them increasingly porous, if not collapsing altogether. An example of this is the Biden administration’s recourse to individual bilateral agreements in an attempt to rebuild an institutional architecture to solve major transnational issues, despite the impermanent nature of these relationships and the need to better understand the interests and fundamental needs of the new strategic partners for such.

transnacionais, não obstante o caráter impermanente dessas relações e a necessidade de melhor compreender os interesses e as necessidades fundamentais dos novos parceiros estratégicos para tal.

Muitos dos serviços diplomáticos ocidentais não estão em posição de começar a compreender até que ponto os atores empresariais, urbanos e partes dos serviços de informações precisam de ser consultados e trazidos para a visão antecipatória e de diagnóstico de um problema, conduzindo a melhor diplomacia e, por conseguinte, a um maior nível de resiliência dos sistemas. Fruto das codependências que criámos, os instrumentos de política industrial terão um efeito dissuasor nos mercados, mas não estamos a ser capazes de pensar estes elementos de forma holística, ficando vulneráveis em diferentes dimensões. Enquanto não nos apercebermos de que é sobre elas que devemos cooperar, não apenas segundo um quadro normativo de interação – que o Direito Internacional deve proporcionar –, mas também um quadro de diagnóstico, continuaremos a repetir estes fracassos, acabando numa espécie de interação tóxica entre populismo, nativismo, isolacionismo e protecionismo.



Atualmente, vemos ultrapassados os princípios ideológicos que costumavam dividir o mundo em pontos de vista geo-económicos mais pragmáticos (...). Agora, a geopolítica 'come' a ideologia ao pequeno-almoço.

Many of the Western diplomatic services are not in a position to begin to understand the extent to which business, urban and intelligence actors need to be consulted and brought into the anticipatory and diagnostic view of a problem, leading to better diplomacy and therefore a greater level of systems resilience. As a result of the codependencies we have created, industrial policy instruments will have a deterrent effect on the markets, but we are not being able to think about these elements holistically, leaving us vulnerable across different dimensions. As long as we do not realise that this is where we must cooperate, not just according to a normative framework of interaction – which international law must provide – but also a diagnostic framework, we will continue to repeat these failures, ending up in a kind of toxic interaction between populism, nativism, isolationism and protectionism.



Today, we see the ideological principles that used to divide the world into more pragmatic geo-economic points of view as outdated (...). Now, geopolitics 'eats' ideology for breakfast.

CATHRYN ASHBROOK

Elissa Jobson assinalou uma mudança no panorama dos conflitos para demonstrar que estamos a assistir a uma crise na construção da paz que contrasta com os acordos então celebrados. Fruto de um aumento da sua letalidade, longevidade e frequência, esta

Elissa Jobson pointed to a change in the panorama of conflicts to show that we are witnessing a crisis in peacebuilding that contrasts with the agreements made at the time. As a result of an increase in their lethality, longevity and frequency, this

mudança traduz-se, desde 2012, em dois principais momentos. O primeiro diz respeito à vaga de conflitos desencadeados pela Primavera Árabe na Líbia, Síria e Iémen, que se estendeu para sul e contribuiu para a desestabilização do Sahel. A esta seguiu-se uma segunda vaga de grandes combates desde 2020, entre os quais se contam o conflito entre a Arménia e o Azerbaijão no enclave de Nagorno-Karabakh – que terminou de forma abrupta em setembro passado –, o conflito na região de Tigray na Etiópia, a tomada de poder pelo exército no Myanmar, o ataque da Rússia à Ucrânia em 2022, e os conflitos devastadores no Sudão e em Gaza em 2023.

Esta crise no processo de paz está a manifestar-se de três formas diferentes. Em primeiro lugar, em muitas frentes de batalha, os esforços de paz não estão a ser consequentes. Em segundo lugar, os esforços diplomáticos que se verificaram em alguns conflitos tiveram como principal objetivo a gestão dos mesmos em detrimento da sua resolução – embora estas conversações sejam realmente valiosas, não substituem verdadeiramente as conversações políticas. Em terceiro lugar, os combates cessaram mais graças à vitória militar de um dos lados do que devido a um acordo, instalando uma espécie de tranquilidade incómoda sem uma via política duradoura ou qualquer esperança de acomodação entre as partes, convidando a nova beligerância. Tal poderá ser o caso dos rebeldes Houthis no Iémen, ou das fações líbias, que esperam uma oportunidade para conquistar mais território e poder.

Muitas das mudanças a que estamos a assistir no panorama dos conflitos têm que ver com mudanças no panorama geopolítico. Parece haver menos incentivos e pontos de pressão à disposição da comunidade internacional sobre os beligerantes para pôr cobro às hostilidades, havendo mais líderes dispostos a ultrapassar os limites estabelecidos e a tentar obter o que pretendem militarmente. A primeira mudança reflete um aumento da concorrência e da rivalidade entre grandes potências, anunciando o desaparecimento de uma espécie de momento unipolar. A segunda mudança assenta na volatilidade do papel global dos Estados Unidos como ator de paz e segurança, sendo a administração de Donald Trump e a própria disfunção política do país elementos que desafiam a fiabilidade deste mesmo papel. A terceira mudança a que temos assistido concerne ao papel de maior influência das médias potên-

change has been reflected in two main moments since 2012. The first concerns the wave of conflicts triggered by the Arab Spring in Libya, Syria and Yemen, which spread southwards and contributed to the destabilisation of the Sahel. This was followed by a second wave of major fighting since 2020, including the conflict between Armenia and Azerbaijan in the Nagorno-Karabakh enclave – which ended abruptly last September – the conflict in Ethiopia's Tigray region, the army takeover in Myanmar, Russia's attack on Ukraine in 2022, and the devastating conflicts in Sudan and Gaza in 2023.

This crisis in the peace process is manifesting itself in three different ways. Firstly, on many battlefronts, peace efforts are not being consistent. Secondly, the diplomatic efforts that have taken place in some conflicts have been primarily aimed at managing the conflicts rather than resolving them – although these talks are really valuable, they are not a real substitute for political talks. Thirdly, the fighting stopped more thanks to the military victory of one side than due to an agreement, installing a kind of uneasy tranquillity without a lasting political way forward or any hope of accommodation between the parties, inviting renewed belligerence. This could be the case with the Houthi rebels in Yemen, or the Libyan factions, who are waiting for an opportunity to conquer more territory and power.

Many of the changes we are seeing in the conflict landscape have to do with changes in the geopolitical landscape. There seem to be fewer incentives and pressure points available to the international community on the belligerents to end hostilities, with more leaders willing to go beyond established limits and try to get what they want militarily. The first change reflects an increase in competition and rivalry between major powers, heralding the disappearance of a kind of unipolar moment. The second change is based on the volatility of the United States' global role as a peace and security actor, with the Trump Administration and the country's own political dysfunction challenging the reliability of this role. The third change we've seen is the greater influence of the middle powers on the world stage – for example, Turkey's role in the agreement on the transit of grain in the Black Sea, Qatar's negotiations with Hamas and Saudi Arabia's efforts in Sudan. While not in itself a negative factor,

cias na cena mundial – veja-se por exemplo o papel da Turquia no acordo sobre o trânsito de cereais no Mar Negro, as negociações no Qatar com o Hamas e os esforços da Arábia Saudita no Sudão. Não constituindo em si um fator negativo, este envolvimento pode, contudo, complicar os esforços para resolver e prevenir conflitos, nomeadamente se as potências regionais, particularmente no Médio Oriente ou em partes do continente africano, se tornarem mais ativas nas guerras num esforço para proteger os seus interesses.

Outro problema é a questão da ordem internacional, nomeadamente a duplicidade de critérios e a quebra de confiança. O sistema internacional teve de absorver muitos choques que abalaram a ordem mundial e a confiança nas instituições e normas internacionais. A responsabilidade de proteger deixou de ter apoio, o direito humanitário internacional foi grosseiramente violado em Gaza e noutros locais, e o próprio Conselho de Segurança da ONU está bloqueado pelas divisões entre os cinco membros permanentes. A guerra na Ucrânia e a resposta europeia a Gaza trouxeram para o centro das atenções uma sensação de duplicidade de critérios e de desconfiança, gerando uma fratura política entre o Ocidente e o Sul Global – por falta de uma palavra melhor – que está a ser explorada e utilizada por poderes oportunistas.



O sistema internacional teve de absorver muitos choques que abalaram a ordem mundial e a confiança nas instituições e normas internacionais. A guerra na Ucrânia e a resposta europeia a Gaza trouxeram para o centro das atenções uma sensação de duplicidade de critérios e de desconfiança (...) que está a ser explorada e utilizada por poderes oportunistas.

this involvement can complicate efforts to resolve and prevent conflicts, particularly if regional powers, particularly in the Middle East or parts of Africa, become more active in wars in an effort to protect their interests.

Another problem is the issue of international order, namely double standards and the breakdown of trust. The international system has had to absorb many shocks that have shaken the world order and confidence in international institutions and norms. The responsibility to protect is no longer supported, international humanitarian law has been grossly violated in Gaza and elsewhere, and the UN Security Council itself is blocked by divisions between the five permanent members. The war in Ukraine and the European response to Gaza have brought a sense of double standards and mistrust into the spotlight, generating a political fracture between the West and the Global South – for want of a better word – which is being exploited and used by opportunistic powers.



The international system has had to absorb many shocks that have shaken the world order and confidence in international institutions and norms. The war in Ukraine and the European response to Gaza have brought a sense of double standards and mistrust into the spotlight (...) which is being exploited and used by opportunistic powers.

ELISSA JOBSON



Luis Tomé revisitou o quadro conceptual de geopolítica – um termo útil para compreender o fenómeno da guerra já que tem de associar espaço/geografia e poder/política –, e sintetizou algumas alterações que a geopolítica tem vindo a sofrer no século XXI.

A primeira diz respeito ao surgimento da guerra híbrida e assimétrica, com um aumento do protagonismo dos atores não estatais, cujo impacto pode evoluir por via do seu crescente acesso a tecnologia de *drones* e mísseis. A segunda concerne à crescente utilização dos espaços digitais na condução da guerra, simultaneamente testando as fronteiras do que constitui *casus belli* e figurando ameaças significativas à segurança das infraestruturas e dos processos democráticos. Paralelamente, o ritmo acelerado da inovação tecnológica e a utilização da Inteligência Artificial no desenvolvimento de sistemas de armas autónomos levantam questões de natureza ética, apesar de reduzirem os custos materiais e imateriais da guerra.

A quarta diz respeito à utilização da dimensão económica para fins de coação política – como o recurso a sanções e a tarifas comerciais ou a disputa por recursos naturais. A quinta alteração prende-se sobretudo com o declínio dos Estados Unidos – refletido na forma como o país saiu do Iraque e Afeganistão, e como permitiu a condução da guerra de Israel contra o Hamas –, e com a caracterização da estrutura de poder mundial como “bimultipolar”. Esta denominação justifica-se, porque, para além dos vários focos de poder regionais, existem duas superpotências: Estados Unidos e China, esta última um beneficiário significativo da nova ordem mundial pós-Guerra Fria.

A sexta mudança concerne à natureza das alianças e das estratégias de defesa, sendo possível observar uma tendência para o “minilateralismo”. É muito mais fácil gerir clubes a três ou a quatro, sendo disso exemplo o Diálogo Securitário Quadrilateral (QUAD), o acordo AUKUS, a parceria estratégica bilateral entre a Rússia e a China, ou os países dos BRICS. A sétima mudança diz respeito às grandes competições geopolíticas globais e regionais em curso, das quais as guerras na Ucrânia e no Médio Oriente (mas não a do Sudão) são exemplo, uma vez que os seus impactos se estendem muito para lá das fronteiras da região.

A oitava mudança espelha a militarização da informação, sob a forma de propaganda ou de desinformação, habilmente

Luis Tomé revisited the conceptual framework of geopolitics – a useful term to better understand the phenomenon of war since it has to associate space/geography and power/politics – and summarised some changes that geopolitics has undergone in the 21st century.

The first concerns the emergence of hybrid and asymmetric warfare, with an increase in the role of non-state actors whose impact may evolve through their growing access to drone and missile technology. Secondly, the use of digital spaces in the conduct of war is growing, simultaneously testing the boundaries of what constitutes *casus belli* and posing significant threats to the security of infrastructures and democratic processes. Concurrently, the fast pace of technological innovation and the use of Artificial Intelligence in the development of autonomous weapons systems are raising questions of an ethical nature, despite reducing the material and immaterial costs of waging war.

The fourth concerns the use of the economic dimension for political coercion – such as the use of sanctions and trade tariffs or the dispute over natural resources. The fifth change is mainly related to the decline of the United States – reflected in the way the country pulled out of Iraq and Afghanistan, and how it allowed Israel to conduct its war against Hamas – and the characterisation of the world power structure as “bimultipolar”. This designation is justified because, in addition to the various regional centres of power, there are two superpowers: the United States and China, the latter a significant beneficiary of the new post-Cold War world order.

The sixth change concerns the nature of alliances and defence strategies, with a trend towards “minilateralism”. It is much easier to manage three- or four-way clubs, such as the Quadrilateral Security Dialogue (QUAD), the AUKUS agreement, the bilateral strategic partnership between Russia and China, or the BRICS countries. The seventh change concerns the major global and regional geopolitical competitions underway, of which the wars in Ukraine and the Middle East (but not Sudan) are examples, since their impacts extend far beyond the region's borders.

The eighth change reflects the militarisation of information, in the form of propaganda or disinformation, skilfully used by major international players. And finally, the ninth change comes

utilizada por grandes atores internacionais. E por último, a nona mudança surge por via do crescente impacto das alterações climáticas nos territórios e nas populações, bem como da existência de matérias críticas necessárias ao desenvolvimento tecnológico e ao uso do instrumento militar.



Nunca houve tanto multilateralismo. O problema é o multilateralismo ineficaz das instituições globais que deveriam ter a responsabilidade principal de manter a segurança internacional.

Sobre a transformação do sistema global, o primeiro impacto é a erosão da ordem internacional criada no pós-Guerra Fria, por oposição à ordem criada no pós-II Guerra Mundial. A reconfiguração atual sucede a uma que se assemelha à do período da confrontação entre os Estados Unidos e a União Soviética, conduzindo à aceção de estarmos hoje num pós-dupla Guerra Fria. Ademais, Luis Tomé discorda da noção de enfraquecimento do multilateralismo. Nunca houve tanto multilateralismo. O problema é o multilateralismo ineficaz das instituições globais que deveriam ter a responsabilidade principal de manter a segurança internacional. De facto, existe não apenas mais multilateralismo alternativo ao do Ocidente, como se demonstra pela Organização para a Cooperação de Xangai, o grupo BRICS e o Novo Banco de Desenvolvimento, como as próprias instituições multilaterais têm mais membros – como é o caso da NATO, que passou de 16 para 32. Em segundo lugar, aponta a destruição completa dos regimes de proliferação nuclear e a problemática da Coreia do Norte, enquanto país que se nuclearizou depois de sair do Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Por fim, destaca o paradoxo inerente a uns Estados Unidos mais protecionistas por oposição a uma China defensora do comércio livre e do liberalismo económico,

about through the growing impact of climate change on territories and populations, as well as the existence of critical materials necessary for technological development and the use of military instruments.



There has never been so much multilateralism. The problem is the ineffective multilateralism of the global institutions that should have the primary responsibility of maintaining international security.

Regarding the transformation of the global system, the first impact is the erosion of the international order created in the post-Cold War period, as opposed to the order created in the aftermath of the Second World War. The current reconfiguration follows one that resembles the period of confrontation between the United States and the Soviet Union, leading to the idea that today we are in a post-double Cold War. Furthermore, Luis Tomé disagrees with the notion that multilateralism is weakening. There has never been so much multilateralism. The problem is the ineffective multilateralism of the global institutions that should have the primary responsibility of maintaining international security. In fact, not only is there more alternative multilateralism to that of the West, as demonstrated by the Shanghai Cooperation Organisation, the BRICS group and the New Development Bank, but the multilateral institutions themselves have more members – such as NATO, which has grown from 16 to 32. Secondly, it points to the complete destruction of nuclear proliferation regimes and the problem of North Korea, as a country that went nuclear after leaving the Nuclear Non-Proliferation Treaty. Finally, it highlights the paradox inherent in a more protectionist United States as opposed to a China that defends free trade and economic liberalism,

LUIS TOMÉ

e denuncia as distinções conceptuais entre Norte e Sul Globais – ou mundo desenvolvido e mundo em desenvolvimento – como falácias narrativas que não oferecem soluções e complicam a observação do mundo.

Walter Russell Mead destacou os três grandes momentos dos últimos 125 anos nos quais se procurou estabelecer algum tipo de estrutura duradoura para a paz. O primeiro, logo após a I Guerra Mundial, foi claramente um fracasso, pois vinte anos depois o mundo estava a travar um conflito ainda maior. A segunda tentativa, após a II Guerra Mundial, foi bastante mais bem-sucedida, em grande parte porque aqueles que tomaram as decisões em 1945 tiveram muitas vezes de combater na guerra de 1914-18 e depois de enviar os seus filhos para combater na II Guerra Mundial. A sua determinação em não deixar que isto voltasse a acontecer foi uma espécie de rochedo sobre o qual os países construíram a sua arquitetura de paz. Contudo, Estaline surgiu como um desafio a este tipo de ordem, e a ordem da Guerra Fria foi construída sobre os alicerces do que tinha sido visto como um plano universal.

O terceiro momento tem lugar com o fim da Guerra Fria, quando o mundo teve uma espécie de terceira grande oportunidade para tentar construir a paz. E o futuro dirá que falhámos. Passámos de uma era de pós-guerra para uma era de entre guerras, e agora parece que estamos numa era de pré-guerra, por via de uma formulação de políticas que as gerações futuras verão como semelhantes às de 1919-39.

Desde a intervenção militar no Afeganistão e na Líbia, aos programas de eleições democráticas na República Democrática do Congo, a abordagem de política externa do Ocidente parece assentar na aceção de que o *hard power* não é importante quando comparado com programas de desenvolvimento e educação. Isso é uma fantasia ao ponto de as pessoas serem incapazes de se envolver com a realidade que está à sua frente e encarar os factos, mesmo os da nossa atual ordem mundial, de frente.

O sistema internacional de 1945 pode ter tido a esperança de alcançar a paz, mas foi fundado em “dois pesos e duas medidas” (*double standards*). Os métodos para alcançar a vitória chocar-nos-iam hoje. A duplicidade de critérios é a base da ordem

and denounces the conceptual distinctions between the Global North and South – or the developed world and the developing world – as narrative fallacies that offer no solutions and complicate the observation of the world.

Walter Russell Mead highlighted the three great moments in the last 125 years in which attempts were made to establish some kind of lasting framework for peace. The first, right after World War I, was clearly a failure, as twenty years later the world was fighting an even bigger conflict. The second attempt, after World War II, was far more successful, largely because those who made the decisions in 1945 had often had to fight in the 1914-18 war and then send their sons to fight in World War II. Their determination not to let this happen again was a kind of rock on which countries built their peace architecture. However, Stalin emerged as a challenge to this kind of order, and the Cold War order was built on the foundations of what had been seen as a universal plan.

The third moment came with the end of the Cold War, when the world had a kind of third great opportunity to try to build peace. And the future will tell us that we failed. We went from a post-war era to an inter-war era, and now we seem to be in a pre-war era, by formulating policies that future generations will see as similar to those of 1919-39. From military intervention in Afghanistan and Libya, to gender equality programmes in Burkina Faso and democratic elections in the Democratic Republic of Congo, the West's foreign policy approach seems to be based on the idea that hard power is not important compared to development and education programmes. This is a fantasy to the extent that people are unable to engage with the reality in front of them and face the facts, even those of our current world order, head on.

The international system of 1945 may have hoped to achieve peace, but it was founded on double standards. The methods of achieving victory would shock us today. Double standards are the basis of the order – it's a foundation of blood and power on which everything built after 1945 was built. And it remains true that the world order is indeed based on pure power, although this doesn't mean that we should forget about questions of morality and rationality.

– é um alicerce de sangue e poder sobre o qual assentou tudo o que foi construído depois de 1945. E continua a ser verdade que a ordem mundial assenta de facto no poder puro, apesar de tal não significar que se deva esquecer as questões da moralidade e racionalidade.

Depois de 1990, este tipo de conceito ilusório sobre o mundo em que vivemos substituiu o que restava do senso comum que emergiu da II Guerra Mundial. Globalizaram-se as instituições e cortaram-se os orçamentos de defesa e de ajuda externa. Um exemplo desta mudança diz respeito ao desenvolvimento militar da China em torno de Taiwan, que tem como objetivo claro a sua conquista e integração forçada na China. Se antes os Estados Unidos detinham uma supremacia nos mares inigualável, sendo impensável que a China alterasse o statu quo por meios militares, hoje não estamos tão seguros disso. Paralelamente a uma crise de lideranças, esquecemo-nos do que é a base da ordem, e temos agido como uma espécie de herdeiros esbanjadores de uma família que fez fortuna nos negócios. Gastamos e divertimo-nos, mas não nos interessamos pelo negócio, e o negócio está a desmoronar-se. As gerações futuras terão de pensar à sua maneira e talvez lutar para sair de uma armadilha que lhes foi construída por pessoas com boas intenções.



Esquecemo-nos do que é a base da ordem [internacional], e temos agido como uma espécie de herdeiros esbanjadores de uma família que fez fortuna nos negócios. Gastamos e divertimo-nos, mas não nos interessamos pelo negócio, e o negócio está a desmoronar-se.



After 1990, this kind of illusory concept of the world we live in replaced what was left of the common sense that emerged from World War II. Institutions became globalised and defence and foreign aid budgets were cut. An example of this change concerns China's military development around Taiwan, which has the clear objective of conquering it and forcibly integrating it into China. If before the United States had unrivalled supremacy on the seas, and it was unthinkable that China would change the status quo by military means, today we are not so sure. Alongside a crisis of leadership, we have forgotten what the foundation of [international] order is, and we've acted like the sort of spendthrift heirs of a family that made a fortune in business. We spend and enjoy ourselves, but we're not interested in the business, and the business is falling apart. Future generations will have to think in their own way and perhaps fight their way out of a trap built for them by people with good intentions.

We have forgotten what the foundation of [international] order is, and we've acted like the sort of spendthrift heirs of a family that made a fortune in business. We spend and enjoy ourselves, but we're not interested in the business, and the business is falling apart.

WALTER RUSSELL MEAD



DEBATE

No decurso do debate, foram abordadas algumas temáticas relativas ao papel da indústria do armamento, à sobreposição dos interesses económicos aos esforços de paz e à credibilidade externa da Organização das Nações Unidas (ONU).

Walter Russel Mead fez notar que, apesar de a ONU ter vindo a perder autoridade e legitimidade desde 1946, tal não significa que vá desaparecer ou perder toda a utilidade. Esta é apenas um reflexo do mundo e não pode ser melhor que o mesmo. Por seu turno, Luis Tomé reforçou que a ONU é o que as potências fazem dela, e neste momento as potências estão desunidas. Sobre o papel da indústria do armamento, do lado europeu – e contrariamente ao resto do mundo –, houve um desinvestimento nas indústrias de defesa, acreditando-se que entraríamos num mundo definitivamente de paz. E esse desinvestimento complica os esforços atuais de manutenção dos nossos valores e ideais. Elissa Jobson não acompanhou Walter Russel Mead sobre o facto de a ONU ter vindo a perder legitimidade desde 1946, mas concedeu que existiram vários momentos de trajetória ascendente e descendente. Apesar do bloqueio que se verifica no Conselho de Segurança, a ONU continua a ser uma instância onde todos os Estados podem fazer ouvir a sua voz sobre as grandes crises da atualidade.

Para Cathryn Ashbrook, a tarefa fundamental de qualquer democracia é garantir a segurança e a prosperidade económica. Se não dispusermos de uma segurança física funcional e inovadora, que equivale a uma capacidade funcional de dissuasão, não temos nada. Parafraseando Willy Brandt, “sem paz, nada mais importa”. Por isso, a Europa não pode esperar ingenuamente que a cavalaria americana venha em seu auxílio. Sobre uma vertente económica, em particular a sobrevivência do modelo económico europeu, reforçou a necessidade de existir um quadro de diagnóstico e de compreender a instrumentalização dos interesses económicos. Além de se repensar o papel dos atores corporativos – os sismógrafos das crises futuras que detêm conhecimento que extravasa os limites governativos –, urge igualmente produzir

In the course of the debate, a number of themes were raised concerning the role of the arms industry and the overlapping of economic interests with peace efforts and the external credibility of the United Nations.

Walter Russel Mead pointed out that although the UN has been losing authority and legitimacy since 1946, this does not mean that it will disappear or lose all usefulness. It is merely a reflection of the world and cannot be better than it. For his part, Luis Tomé emphasised that the UN is what the powers make of it, and at the moment the powers are disunited. Regarding the role of the arms industry, on the European side – and contrary to the rest of the world –, there has been disinvestment in the defence industries, believing that we would enter a world of peace once and for all. And this disinvestment complicates current efforts to maintain our values and ideals. Elissa Jobson didn't agree with Walter Russel Mead that the UN has been losing legitimacy since 1946, but she conceded that there have been several moments of upward and downward trajectory. Despite the deadlock in the Security Council, the UN remains a forum where all states can make their voices heard on the major crises of the day.

For Cathryn Ashbrook, the fundamental task of any democracy is to guarantee security and economic prosperity. If we don't have functional and innovative physical security, which equates to a functional capacity for deterrence, we have nothing. To paraphrase Willy Brandt, “without peace, nothing else matters”. This is why Europe cannot naively expect the US cavalry to come to our aid. On the economic side, in particular the survival of the European economic model, she stressed the need for a diagnostic framework and an understanding of the instrumentalisation of economic interests. As well as rethinking the role of corporate actors – the seismographs of future crises who have knowledge that goes beyond governmental boundaries – there is also an urgent need to produce diagnostic tools

ferramentas de diagnóstico que permitam mapear as vulnerabilidades da indústria europeia. Tal deve ser feito não só ao longo das cadeias de abastecimento globais e das cadeias de matérias-primas, mas também em locais onde se podem obter o tipo de dados que a arquitetura de vigilância de atores mal-intencionados procura.

Questionados ainda sobre a divisão do mundo entre autocracias e democracias e o papel geopolítico da Europa, Cathryn Ashbrook concordou que existe um aumento do número autocracias *versus* democracias, parcialmente porque as democracias não estão a tornar o seu caso apelativo. Como há uma perceção de fracasso da governação, o eleitorado começa a envolver-se com esta ideia de autocracia ou pelo menos de democracia iliberal. Sobre o que a União Europeia pode fazer, esta continua a ser um mercado atrativo pelas suas grandes dimensões, mas corre o risco de se tornar uma amostra de Whitman – uma caixa de chocolates entre os Estados Unidos e a China que pretendem instrumentalizar tudo –, pelo que se torna importante repensar estrategicamente as suas parcerias.

Para Elissa Jobson, o mundo está dividido em muitas linhas diferentes, tendo dúvidas de que a divisão entre democracia/autocracia seja uma das mais úteis e importantes a realçar. Luis Tomé concordou, afirmando ser uma falácia considerar que o mundo está dividido entre democracias e autocracias, e considerando que insistir nesta binariedade só beneficia a narrativa de grandes autocracias como a Rússia e a China, porque estamos a alienar países do chamado Sul global. Existe um conjunto de ideias que o Ocidente tem que já foram comprovadamente refutadas. São exemplo a noção de que a interdependência, por si só, gera paz, e a ideia de que o liberalismo económico geral liberalismo político – algo que o modelo chinês veio a desmentir.

Sobre a União Europeia, se esta quer ser um ator geopolítico de nível global, precisa de três coisas: coesão para falar a uma só voz; força militar para poder promover e defender os seus interesses; e firmeza nos seus valores, sem deles abdicar, mas também sem os impor aos demais. Walter Russel Mead terminou apontando a espécie de demissão da UE de qualquer papel global de relevo como um dos grandes problemas da política externa americana atual. Tal representa uma espécie de enfra-

to map the vulnerabilities of European industry. This must be done not only along global supply and raw material chains, but also in places where the kind of data that the surveillance architecture of malicious actors seeks can be obtained.

Asked further about the division of the world between autocracies and democracies and the geopolitical role of Europe, Cathryn Ashbrook agreed that there is an increase in the number of autocracies versus democracies, partly because democracies are not making their case appealing. As there is a perceived failure of governance, the electorate begins to engage with this idea of autocracy or at least illiberal democracy. As for what the European Union can do, it remains an attractive market because of its large size, but it risks becoming a Whitman's sample – a box of chocolates between the United States and China, who want to instrumentalise everything – and it is therefore important to strategically rethink its partnerships.

For Elissa Jobson, the world is divided along many different lines, and she doubts that the democracy/autocracy divide is one of the most useful and important to emphasise. Luis Tomé agreed, saying that it is a fallacy to consider that the world is divided between democracies and autocracies, and considering that insisting on this binarisation only benefits the narrative of large autocracies such as Russia and China, because we are alienating countries in the so-called global South. There are a number of ideas that the West has that have been proven wrong. Examples include the notion that interdependence alone generates peace, and the idea that economic liberalism generates political liberalism – something that the Chinese model has disproved.

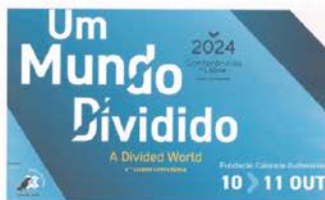
Regarding the European Union, if it wants to be a global geopolitical actor, it needs cohesion to speak with one voice, military strength to be able to promote and defend its interests, and firmness in its values without giving them up, but also without imposing them on others. Walter Russel Mead concluded by pointing to the EU's dismissal of any major global role as one of the major problems of American foreign policy today. It represents a kind of profound weakening of the American position at an international level, since, in general, the approaches of the two blocs on the international stage tend to be more or less

quecimento profundo da posição americana a nível internacional, uma vez que, no geral, as abordagens dos dois blocos no cenário internacional tendem a ser mais ou menos paralelas em aspetos muito importantes. O facto de a UE não ter hoje uma abordagem realista e funcional do desenvolvimento e da projeção de poder significa que os EUA se veem muitas vezes confrontados com a opção de tentar substituir o que a Europa costumava fazer ou de se afastar e deixar a natureza seguir o seu curso – um rumo que não é, muitas vezes, agradável.

parallel in very important aspects. The fact that the EU today does not have a realistic and functional approach to development and power projection means that the US is often faced with the choice of trying to replace what Europe used to do or standing back and letting nature take its course – a course that is often not particularly pleasant.

Veja o vídeo
Watch the video





A GUERRA COMO PROLONGAMENTO DA GEOPOLÍTICA

WAR AS AN EXTENSION OF GEOPOLITICS

ANA SANTOS

GUERRA E PODER MILITAR
PARA ALCANÇAR FINS POLÍTICOS...

- CIBER ESPAÇO
- ESPAÇO SIDERAL
- INTERNET (TEMPO REAL)

NOVOS
PARADIGMAS!

CATHRYN ASHBROOK

ALLIANCES!

DEMOCRACIES

CREATIVE STRATEGIES

VULNERABILITY

PROTECCIONISM ... BUT GREAT CAPACITY FOR

RUSSIA WANTS TO EXPAND

SOME COUNTRIES SUPPORT IT

LAW

VIOLATIONS!

OTHER

MANY ONGOING

CRISIS

BETWEEN
COUNTRIES,
GREAT

RIVALRY!

CONFLICTS!

PEACEKEEPING &
IN PEACEMAKING

CHANGES
IN THE
GEOPOLITICAL
LANDSCAPE...

LUIS TOMÉ

ESPAÇO E PODER (E CONTRA PODER) → GUERRA

GUERRA

CONVENCIONAL → ASSIMÉTRICA

CIBERGUERRA

- GRUPOS NÃO ESTATAIS
- DIMENSÃO ECONÓMICA
- PROGRESSOS TECNOLÓGICOS

- BIPOLARIDADE EUA/PROVEITO
- MUDANÇA DE ALIANÇAS E ESTRATÉGIAS
- CONDIÇÃO GEOPOLÍTICA
- MILITARIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
- FALSAS NOTÍCIAS



10

TÓPICOS

HA VIOLAÇÕES AS LEIS INTERNACIONAIS

POLÍTICA
GEOGRAFIA

- ÁGUA
- TERRA ARÁVEL
- OUTROS RECURSOS

WALTER RUSSEL HEAD

RAPIDLY DARKENING
INTERNATIONAL SITUATION

DERIVATION

IS CRUCIAL FOR PEACE
STRONGER AFTER WW2 THAN WW1.

MANY ACTIONS FOR PEACE BUT... IT INSANITY PREVAILS

ACTION!

DIAGNOSTIC!
DIPLOMACY!



CHICKENS
ARE COMING
HOME FOR...
ROOST!

AND THE NUMBER
IS RISING...

CHANGES
IN THE
GEOPOLITICAL
LANDSCAPE...

IMPACTOS

- LOCAIS
- REGIONAIS
- GLOBAIS



NUCLEAR
ENERGIA
SEGURANÇA
ALIMENTAR

OTIMISMO!

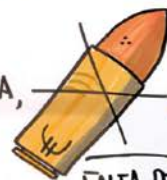


WRM

THE UN IS LOSING CREDIBILITY SINCE 1946

LT

A EUROPA DESINVESTIU NA GUERRA, ACREDITOU NA PAZ! RESTO DO MUNDO NÃO...



FALTA DE VONTADE DAS NAÇÕES DESUNIDAS

EJ

MANY CONFLICTS ARE RELATED!
SOME RELATIONS DETERIORATED.

A ONU FEZ O QUE DEVERIA FAZER...
MAIS PAÍSES NA ONU! RETIRAR DIREITO DE VETO?

UN STILL HAS STRONG CAPABILITIES

CA

DEMOCRACY MUST ENSURE SECURITY AND ECONOMIC PROSPERITY!

WE NEED TO BETTER RETHINK THE WORLD RELATIONS.

RADICAL CREATIVITY IS KEY,

MUNDO DIVIDIDO

HOW TO



THESE PROBLEMS?

E A UNIÃO EUROPEIA?

CA

THERE ARE DIFFERENT INTERPRETATION OF FACTS
SOME COUNTRIES IMPOSE THEIR WILL
THE ANCHOR OF THE SYSTEM: USA
MANY VIOLATIONS OF NORMS

EJ

THE WORLD IS DIVIDED IN STRONG GROUPS
THERE IS COMPETITION!
UN IS AS STRONG AS COUNTRIES WANT IT TO BE...

WRM

ABOUT FRIENDS AND FRIENDSHIPS?
IT'S ALL ABOUT POWER AND ALLIANCES!

ORDER!

LT

MUNDO DIVIDIDO EM DEMOCRACIAS E AUTOCRACIAS? FALSO!
ACREDITAMOS EM MUITAS IDEIAS E CONCEITOS FALSOS!
DIZ A CHINA: "SE FORMOS MAIS FORTES HA' MAIS PAZ..."

EUROPA PRECISA DE COESÃO E PAZ!



PAINEL 2

PANEL 2

Mundo Dividido

2021
Conferências
de Lisboa
Lisbon Conferences

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE





▼
BIANCA DRAGOMIR
Diretora do Cleantech for Iberia, Valencia
CEO of Cleantech for Iberia, Valencia



▼
HENRY SANDERSON
Editor Executivo da Benchmark Mineral
Intelligence, Londres
Executive Editor at Benchmark Mineral
Intelligence, London



▼
HUNG TRAN
Senior Fellow do Atlantic Council's
Geeconomics Center, Washington
Senior Fellow at Atlantic Council's
Geeconomics Center, Washington



▼
RAQUEL VAZ PINTO
Investigadora do IPRI-NOVA, Lisboa
Researcher at IPRI-NOVA, Lisbon



▼
TSUTOMU SATO
Senior Research Fellow do Nakasone
Peace Institute, Tóquio
Senior Research Fellow at Nakasone
Peace Institute, Tokyo

A GEOPOLÍTICA DOS MINERAIS CRÍTICOS E DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

O ritmo de extração de minerais críticos é sustentável para o planeta?
Que mudanças no cenário geopolítico são induzidas
pela transição energética? Poderão os países dependentes
da exportação de matérias-primas beneficiar destas dinâmicas?

THE GEOPOLITICS OF CRITICAL MINERALS AND ENERGY TRANSITION

Is the rate of mining sustainable for the planet?
What geopolitical changes are induced by energy transition
and the rush for critical minerals? Is industrialisation expectable
in developing countries dependent on the export of these materials?

RESUMO

É inegável que a humanidade está a perder a luta contra os efeitos das alterações climáticas e da degradação ambiental: em 2023, a temperatura média global já foi 1,6° graus acima do período pré-industrial, ultrapassando, portanto, a primeira meta do Acordo de Paris. Neste âmbito, o financiamento internacional para a transição energética e climática está desadequado às necessidades atuais e o apoio aos países mais pobres e vulneráveis para mitigação e adaptação também tem ficado aquém das expectativas.

Por outro lado, só agora estamos a despertar para os custos humanos, sociais e até ambientais que a transição energética implica. Muitos dos produtos que utilizamos diariamente, nomeadamente tecnológicos como telemóveis e computadores, implicam a extração e processamento de matérias-primas estratégicas, incluindo as chamadas “terras raras”, e estamos ainda muito alheados dos fatores geopolíticos relacionados e da disputa global pelo controlo desse tipo de recursos. A China soube tornar-se indispensável nas cadeias de valor e de abastecimento de materiais críticos a nível global, o que tem implicações na dependência e segurança económica de vários países, nomeadamente na região da Ásia-Pacífico.

A Europa não tem ainda uma estratégia industrial clara que lhe permita apostar de forma coerente, e na escala ne-

cessária, na inovação e nas tecnologias em que ainda pode assumir uma posição de liderança, tendo perdido oportunidades em vários campos, desde logo porque os enquadramentos legislativos e regulatórios estão muito fragmentados. É necessário que a Europa tenha um plano claro de investimento em tecnologias limpas e que ative a procura industrial. Além disso, os altos padrões ambientais dos países europeus encarecem os bens, e esses custos são impostos aos cidadãos, o que prejudica a adesão das pessoas à necessária transição energética e ambiental. Um pouco por todo o mundo, é necessário que os governantes e decisores comuniquem de forma eficaz com as populações, para que a necessidade de atribuir mais recursos e esforços à transição climática seja compreendida e acolhida.

África pode beneficiar fortemente da transição energética, porque possui grande parte dos recursos naturais necessários a essa transição e também tem grande potencial para a geração de energias limpas. No entanto, para tal, terá de reforçar a estabilidade política e de governação que permita um fornecimento estável, bem como avançar no âmbito do processamento e transformação, para gerar maior valor acrescentado antes da exportação destes materiais e assim gerar dividendos para o seu desenvolvimento.

SUMMARY

It is undeniable that humanity is losing the fight against the effects of climate change and environmental degradation: in 2023, the average global temperature was already 1.6 degrees above pre-industrial times, thus exceeding the primary target of the Paris Agreement. In this context, international financing for energy and climate transitions is inappropriate to current needs, and support for the poorest and most vulnerable countries in their mitigation and adaptation efforts has also fallen short of expectations.

On the other hand, we are only now waking up to the human, social and even environmental costs that the energy transition entails. Many of the products we use every day, particularly technological goods such as mobile phones and computers, involve the extraction and processing of strategic raw materials, including the so-called 'rare earths', and we are still very much unaware of the related geopolitical factors and the ongoing global dispute over control of these types of resources. China has managed to make itself indispensable in the value and supply chains of critical materials at a global level, which has implications for the dependence and economic security of several countries, particularly in the Asia-Pacific region.

Europe still does not have a clear industrial strategy that would enable a consistent investment (and on the necessary scale) in innovation and technologies where it can still take a leading position, and therefore it has missed opportunities in various fields, not least because the legislative and regulatory frameworks are too fragmented. Europe needs to have a clear plan for investment in clean technologies and to activate industrial demand. In addition, high environmental standards in European countries make goods more expensive, and these costs are being imposed on citizens, which undermines public support for the necessary energy and environmental transition. All over the world, leaders and decision-makers need to communicate effectively with people so that the need to allocate more resources and effort to climate transition is properly understood and welcomed.

Africa can strongly benefit from the energy transition because it has a large part of the natural resources needed for this transition, and also great potential for generating clean energy. However, for this to happen, it will have to strengthen political stability and governance to enable a stable supply, as well as make progress in processing and transformation to generate greater added value before exporting these materials and thus generate dividends for its own development processes.

Bianca Dragomir salientou a necessidade de se acelerar o processo de reindustrialização verde na Península Ibérica na Europa em geral, tendo por base o papel fundamental que os minerais críticos desempenham na escalabilidade das tecnologias limpas. A Península Ibérica detém uma vantagem competitiva em termos de energia abundante, limpa e barata (cerca de 3 a 4 vezes mais barata do que na Alemanha), e reunindo 20% dos projetos de hidrogénio verde a nível mundial. Este é um momento de escala ou de fracasso na história da inovação da Europa, que vê, por um lado, os Estados Unidos a terem um grande impacto no setor das tecnologias limpas com a Lei de Redução da Inflação, e, por outro, a China a estabelecer-se não só na vanguarda do investimento em tecnologias limpas, como também na indústria transformadora, ocupando já um lugar de liderança em relação aos EUA e à União Europeia. Neste sentido, não existe uma bala de prata para a Europa, mas a inovação está muito próxima de o ser.



Este é um momento de escala ou de fracasso na história da inovação da Europa (...). Não existe uma bala de prata [para a reindustrialização verde], mas a inovação está muito próxima de o ser.

Bianca Dragomir stressed the need to accelerate the process of green reindustrialisation on the Iberian Peninsula and in Europe in general, based on the fundamental role that critical minerals play in the scalability of clean technologies. The Iberian Peninsula holds a competitive advantage in terms of abundant, clean and cheap energy (around 3 to 4 times cheaper than in Germany), and bringing together 20 per cent of the world's green hydrogen projects. This is a make-or-break moment in the history of innovation in Europe, which sees, on the one hand, the United States having a major impact on the clean technology sector with the Inflation Reduction Act (IRA), and, on the other, China establishing itself not only at the forefront of investment in clean technologies, but also in the manufacturing industry, already occupying a leading position in relation to the US and the European Union. In this sense, there is no silver bullet for Europe, but innovation is very close to being one.



This is a make-or-break moment in the history of innovation in Europe (...). There is no silver bullet [for green reindustrialisation], but innovation is very close to being one.

BIANCA DRAGOMIR

Henry Sanderson concordou que este é um momento de escala ou fracasso para a Europa, mas relevou que, na discussão sobre minerais críticos, perde-se muitas vezes de vista o facto de os materiais não serem úteis até serem processados e transformados em bens manufaturados. Mesmo que enviemos cargas de lítio ou de materiais para a Europa, não sabemos o que fazer com elas, porque não temos capacidade de processamento ou de fabrico para as transformar em algo útil – algo que a China faz pelo

Henry Sanderson agreed that this is a make-or-break moment for Europe but pointed out that in the discussion about critical minerals, we often lose sight of the fact that materials are not useful until they are processed and turned into manufactured goods. Even if we send cargoes of lithium or materials to Europe, we don't know what to do with them because we don't have the processing or manufacturing capacity to turn them into something useful – something that China does all over the world and

mundo e que se reflete no seu domínio sobre mais de 60% da quota do mercado global. Neste sentido, falarmos de geopolítica dos minerais e de transição energética atualmente é falarmos da China. E, por isso, quando no Ocidente se pensa em reduzir a nossa dependência da China e em criar novas cadeias de abastecimento, é com este contexto que é preciso lidar.

Até agora, assistimos a duas respostas significativas. Uma dos EUA, com a Lei de Redução da Inflação, que viu o Departamento de Energia mudar a sua filosofia e não deixar os mercados atuarem por si só. Com recurso a subsídios e a créditos fiscais, os EUA estão a criar uma espécie de jardim murado, tentando construir o seu próprio mercado. A outra resposta veio da parte da União Europeia, com a introdução da Lei das Matérias-Primas Críticas. Apesar de partilhar com os EUA as mesmas preocupações de vulnerabilidade, o facto de a UE não ter, ao momento, apoiado a indústria verde por via de subsídios significa que a política terá de fazer o trabalho pesado e os governos terão de decidir o que estão dispostos a fazer para resolver este problema.



Falamos de geopolítica dos minerais e de transição energética atualmente é falamos da China. E quando falamos de criar novas cadeias de abastecimento, é com este contexto [de domínio chinês sobre mais de 60% da quota do mercado global] que temos de lidar.

Hung Tran apresentou cinco conclusões sobre a temática da geopolítica da transição energética. Em primeiro lugar, os produtos de energia verde e limpa consomem substancialmente mais minerais críticos do que os produtos convencionais, conduzindo a um aumento da sua procura. O problema reside no facto de a atual e

which is reflected in its domination of more than 60 per cent of the global market share. In this sense, to talk about the geopolitics of minerals and the energy transition today is basically a China story. And so, when in the West there is a reflection about reducing the dependence on China and creating new supply chains, this is the context we have to deal with.

So far, we've seen two significant responses. One from the US with the Inflation Reduction Act, which saw the Department of Energy change its philosophy and not let the markets act on their own. Through subsidies and tax credits, the US is creating a kind of walled garden, trying to build its own market. The other response came from the European Union, with the introduction of the Critical Raw Materials Act. Despite sharing the same vulnerability concerns with the US, the fact that the EU has not yet supported the green industry through subsidies means that politics will have to do the heavy lifting, and governments will have to decide what they are willing to do to solve this problem.



To talk about the geopolitics of minerals and the energy transition today is basically a China story. And when we talk about creating new supply chains, it's this context [of Chinese dominance over more than 60% of the global market share] that we have to deal with.

HENRY SANDERSON

Hung Tran presented five conclusions on the geopolitics of the energy transition. Firstly, green and clean energy products consume substantially more critical minerals than conventional products, leading to an increase in their demand. The problem lies in the fact that current and prospective mining production

prospetiva produção mineira de alguns deles não ser suficiente para satisfazer as necessidades relativas à transição energética até 2030.

Tal leva-nos à segunda conclusão: a grande competição para controlar as cadeias de abastecimento, como mencionado. A China, devido a projetos como a *Belt and Road Initiative (BRI)*, dispõe de particular avanço nesta matéria, controlando cerca de 65% da capacidade extrativa destes minerais e em alguns casos cerca de 85% da sua capacidade de processamento. A resposta dos EUA e da UE teve apenas um impacto – aumentar o preço destes produtos, sem, até à data, oferecer fontes de abastecimento alternativas viáveis para estes minerais críticos. Nesse sentido, a terceira conclusão é a de que o impacto da geopolítica na transição energética está a tornar-se claro – custos muito mais elevados e atrasos no cumprimento das metas de descarbonização, que provavelmente serão adiadas.

A quarta conclusão diz respeito às divergências em matéria de regulamentação e de política comercial e de concorrência. A UE dispõe de demasiados regulamentos e diretivas sobre normas ambientais que colocam barreiras ao comércio, especialmente com países em desenvolvimento, nomeadamente africanos. Ao não cumprirem normas exigentes, estes países têm de pagar taxas para igualar o custo de produção no seu país com o custo de produção europeu, prejudicando a economia europeia e mundial. Por último, a tensão geopolítica gera cada vez mais falta de confiança na capacidade de encontrar soluções conjuntas. Uma das questões principais é o dinheiro: quem é que vai pagar a transição climática? Há uma grande lacuna entre o que é necessário e o que foi feito.



O impacto da geopolítica na transição energética está a tornar-se claro – custos muito mais elevados e atrasos no cumprimento das metas de descarbonização, que provavelmente serão adiadas.

of some of them will not be sufficient to meet the needs of the energy transition by 2030.

This brings us to the second conclusion: the great competition to control supply chains, as above mentioned. China, thanks to projects such as the Belt and Road Initiative (BRI), has a particular head start in this area, controlling around 65% of the extraction capacity for these minerals and in some cases around 85% of their processing capacity. The response of the US and the EU has had only one impact – to increase the price of these products, without so far offering viable alternative sources of supply for these critical minerals. This reflects the third conclusion: the impact of geopolitics on the energy transition is becoming clear – much higher costs and delays in meeting decarbonisation targets, which are likely to be postponed.

The fourth conclusion concerns divergences in regulation and trade and competition policy. The EU has too many regulations and directives on environmental standards that put up barriers to trade, especially with developing countries, particularly in Africa. By not complying with demanding standards, these countries have to pay taxes to equalise the cost of production in their country with the cost of European production, damaging the European and global economy. Finally, geopolitical tension is increasingly generating a lack of confidence in the ability to find joint solutions. At the end of the day, it all comes down to money: who will pay for the climate transition? There is a big gap between what is needed and what has been done.



The impact of geopolitics on the energy transition is becoming clear – much higher costs and delays in meeting decarbonisation targets, which are likely to be postponed.

HUNG TRAN

Dividido

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE





Tsutomu Sato relevou a preocupação do Japão acerca da posição dominante chinesa nas cadeias de fornecimento de matérias-primas. Existe um receio de que a China imponha restrições à exportação das mesmas, particularmente tendo em conta que o país produziu 90% do gálio em todo o mundo e que 40% do mesmo é utilizado pelo Japão. Estas restrições, de grande impacto económico para os países importadores, podem inclusivamente ser espoletadas por via de perturbações na economia doméstica chinesa. Na Coreia do Sul, o mineral essencial utilizado para tratar o gás nos motores a gásóleo é a ureia, um mineral que a China cessou de exportar devido à sua própria escassez de carvão nacional – utilizado para o produzir – e a uma crise de energia, que limitou a sua capacidade de produção. Portanto, nem sempre se trata de coerção económica, mas sim de uma questão de mercado que se transforma numa questão de cadeia de abastecimento.

Estas preocupações levaram o Japão a apresentar propostas de segurança económica na reunião do G7 em Hiroshima em 2023, procurando alcançar um quadro económico sustentável e resiliente.



“[A restrição à exportação de matérias-primas] nem sempre se trata de coerção económica, mas sim de uma questão de mercado que se transforma numa questão de cadeia de abastecimento.”

Raquel Vaz Pinto sublinhou a mudança que se vive nas relações internacionais, exemplificada em três grandes temas. O primeiro diz respeito à competição pelos recursos e rotas de navegação do Ártico. Atualmente, e por consequência da guerra na Ucrânia, todos os países do Conselho do Ártico são membros da NATO, com a exceção da Rússia. O segundo grande tema concerne à geopolítica dos semicondutores – um tema que não só



“[Restricting the export of raw materials] is not always about economic coercion, but a market issue that becomes a supply chain issue.”

Raquel Vaz Pinto emphasised the changes taking place in international relations, exemplified by three major themes. The first concerns the competition for resources and shipping routes in the Arctic. Currently, and as a result of the war in Ukraine, all the countries of the Arctic Council are members of NATO, with the exception of Russia. The second major theme concerns the geopolitics of semiconductors – a theme that not only empha-

TSUTOMU SATO

coloca a tónica na questão de Taiwan, como também na Europa, por via do papel substancial que empresa neerlandesa ASML desempenha no fabrico do hardware para a produção de chips. Tal leva-nos ao terceiro grande tema, já mencionado: a competição por matérias-primas críticas.

Uma frase muito conhecida de Deng Xiaoping referia que o Médio Oriente tem petróleo e a China minerais de terras raras. Mas há igualmente outros países que precisam de ser analisados e incluídos nas nossas discussões, como é o caso da Austrália, Indonésia e República Democrática do Congo. Se olharmos para a geografia destes recursos, daqui a vinte ou trinta anos a geografia do poder talvez seja diferente. No caso da União Europeia, uma fonte de preocupação é a tensão existente entre os Estados-membros, particularmente no que diz respeito às diferentes políticas nacionais e dinâmicas eleitorais internas dos mesmos. Veja-se a Alemanha em particular e a sua posição contrastante em relação ao relacionamento com a China – se o volume de exportações de automóveis para Pequim é um elemento-chave da sua economia, que outras opções terá? Neste sentido, o maior obstáculo que impede a União Europeia e os europeus de serem realmente importantes neste mundo de alta tecnologia e de serem capazes de fazer a transição para uma economia verde e digital é mais interno do que externo – e isso é algo que podemos efetivamente trabalhar.



O maior obstáculo que impede a UE e os europeus de serem realmente importantes neste mundo de alta tecnologia e de serem capazes de fazer a transição para uma economia verde e digital é mais interno do que externo – e isso é algo que podemos efetivamente trabalhar.



sises the Taiwan issue, but also Europe, through the substantial role that the Dutch company ASML plays in the manufacture of hardware for chip production. This brings us to the third major issue, already mentioned: competition for critical raw materials.

Deng Xiaoping famously said that the Middle East has oil and China rare earth minerals. But there are also other countries that need to be analysed and included in our discussions, such as Australia, Indonesia and the Democratic Republic of Congo. If we look at the geography of these resources, in twenty- or thirty-years' time the geography of power may be different. In the case of the European Union, one source of concern is the tension between member states, particularly with regard to their different national policies and internal electoral dynamics. Take Germany in particular and its contrasting stance towards engagement with China – if the volume of automotive exports to Beijing is a key element of its economy, what options will it have? In this sense, the greatest hurdle preventing the EU and Europeans from being truly important in this high-tech world and from being able to make the transition to a green and digital economy is more internal than external – and that is something we can really work on.

The greatest hurdle preventing the EU and Europeans from being really important in this high-tech world and from being able to make the transition to a green and digital economy is more internal than external – and that is something we can really work on.

RAQUEL VAZ PINTO

Bianca Dragomir concordou com a necessidade de haver um foco interno numa altura de grande rivalidade e concorrência a nível mundial, particularmente porque esta é também uma oportunidade para novos atores se industrializarem. A fragmentação regulamentar na Europa é, porém, o principal obstáculo a processos de escala e, paralelamente a uma dificuldade de implementar políticas ambiciosas, representa o calcanhar de Aquiles europeu.

Neste âmbito, podem elencar-se três recomendações. Primeiramente, a Europa precisa de uma estratégia industrial clara, com uma posição definida em matéria de contratos públicos e sobre quais as tecnologias-chave em que queremos ser líderes a nível mundial. Neste sentido, o Relatório Draghi aponta as tecnologias relacionadas com eletrolisadores e a captura e armazenamento de carbono como potenciais áreas de vantagem europeia. Em segundo lugar, é necessário investir e ter um plano de investimento, pois, apesar de existirem bons objetivos, não existem incentivos suficientes para os concretizar. Por último, é ainda necessário ativar a procura industrial.

Henry Sanderson reforçou a questão da procura industrial, que é muito importante, também, porque os investidores precisam de ter certezas sobre a mesma para investir. A questão fundamental é estarmos perante um concorrente formidável como a China, que investiu muito dinheiro dos seus próprios contribuintes em subsídios à indústria. Há certos domínios em que a China tem um avanço de dez ou quinze anos e em que provavelmente desperdiçaríamos muito dinheiro dos contribuintes a tentar recuperar esse atraso. Mas há outros domínios, como a energia eólica, em que a Europa é particularmente forte, e essa força deve ser protegida. Já sobre os veículos elétricos, a questão fundamental é: a entrada de alguns veículos elétricos chineses vai estimular a nossa indústria automóvel ou vai destruí-la? Apesar de ser uma questão difícil de responder, talvez tenhamos de permitir a sua entrada ao mesmo tempo que nivelamos ligeiramente as condições de concorrência. Mas não podemos proteger completamente a indústria europeia de quaisquer desafios, senão corremos o risco de atrasar a transição.

Bianca Dragomir agreed on the need for an internal focus at a time of great rivalry and competition at global level, particularly as this is also an opportunity for new players to industrialise. Regulatory fragmentation in Europe is, however, the main obstacle to processes of scale and, alongside a difficulty in implementing ambitious policies, represents Europe's Achilles heel.

In this context, three recommendations can be put forward. Firstly, Europe needs a clear industrial strategy, with a defined position on public procurement and on the key technologies in which we want to be world leaders. In this regard, the Draghi Report points to technologies related to electrolyzers and carbon capture and storage as potential areas of European advantage. Secondly, it is necessary to invest and have an investment plan, because although there are good objectives, there are not enough incentives to realise them. Finally, it is necessary to activate industrial demand.

Henry Sanderson reinforced the issue of industrial demand, which is very important also because investors need to be certain about it in order to invest. The fundamental issue is that we are facing a formidable competitor like China, which has invested a lot of its own taxpayers' money in subsidising industry. There are certain areas where China is ten or fifteen years ahead and where we would probably waste a lot of taxpayers' money trying to catch up. But there are other areas, such as wind energy, where Europe is particularly strong, and that strength must be protected. As for electric vehicles, the fundamental question is: will the entry of a few Chinese electric vehicles stimulate our car industry or destroy it? Although it's a difficult question to answer, we may have to allow their entry while slightly levelling the playing field. But we can't completely shield the European industry from any challenges, otherwise we risk delaying the transition.

A Divided World

6TH LISA CONFERENCE



Hung Tran alertou para o facto de os esforços da Europa e dos EUA para criar uma cadeia de abastecimento alternativa no seu território para minerais críticos estarem a enfrentar enormes dificuldades. Primeiramente, não se trata apenas de um problema de dinheiro. É um problema de disponibilidade de trabalhadores qualificados para fazer este trabalho. Seguidamente, a razão pela qual a maior parte da refinação de terras raras e minerais gravitou para a China prende-se com o facto de a China ter reduzido e flexibilizado os seus requisitos ambientais. Será que os europeus vão fazer o mesmo? Se não o fizerem, então o subsídio multiplicar-se-á ainda mais, pois o custo será demasiado elevado e, no fim de contas, o custo é uma questão fundamental em termos de estímulo à procura.

Apesar de na base da regulamentação europeia estar o desejo de muitos cidadãos de disporem de ar puro e normas ambientais elevadas, tal exige não apenas uma mudança comportamental, como impõe custos mais elevados. Se olharmos para os EUA, uma administração Trump irá retirar o país do Acordo de Paris, revogar a Lei de Redução da Inflação e dissolver a Agência de Proteção Ambiental. Basicamente, os EUA estão fora deste esforço para atingir a neutralidade carbónica, o que não só atrasa tudo para o resto do mundo, como torna o regime regulamentar ainda mais complexo. Por outro lado, veja-se a China, que encara a energia limpa não apenas como algo desejável em si, o que é verdade, mas como uma campanha estratégica para se tornar autossuficiente e lutar contra a contenção dos EUA e da Europa. Assim, é mais provável que a China ganhe esta competição.

Tsutomu Sato destacou que, apesar das diversas preocupações ambientais, o custo da transição energética para alguns países asiáticos é ainda relativamente elevado, particularmente tendo em conta o seu foco na geração de riqueza em termos de PIB *per capita*. Estes países procuram essencialmente uma fonte de energia estável, quer em termos de mercado, quer em termos do próprio fornecimento energético.

Hung Tran warned that the efforts of Europe and the US to create an alternative supply chain on their territory for critical minerals are facing enormous difficulties. Firstly, it's not just a problem of money. It's a problem of the availability of skilled labourers to do this job. Next, the reason why most of the refining of rare earths and minerals has gravitated towards China is because China has reduced and relaxed its environmental requirements. Will the Europeans do the same? If they don't, then the subsidy will multiply even more, because the cost will be too high and, after all, cost is a key issue in terms of stimulating demand.

Although European regulation is based on the desire of many citizens to have clean air and high environmental standards, this not only requires a behavioural change, but also imposes higher costs. If we look at the US, a Trump Administration will withdraw the country from the Paris Agreement, repeal the Inflation Reduction Act and dissolve the Environmental Protection Agency. Basically, the US is outside this effort to achieve carbon neutrality, which not only slows everything down for the rest of the world but also makes the regulatory regime even more complex. On the other hand, look at China, which sees clean energy not just as something desirable in itself, which is true, but as a strategic campaign to become self-sufficient and fight against US and European restraint. Therefore, China is more likely to win this competition.

Tsutomu Sato emphasised that despite the various environmental concerns, the cost of the energy transition for some Asian countries is still relatively high, particularly given their focus on wealth generation in terms of GDP per capita. These countries are essentially looking for a stable source of energy, both in terms of the market and in terms of the energy supply itself.



DEBATE

A audiência questionou o painel sobre a existência de recursos minerais em quantidades suficientes para suportar a transição energética e digital, e sobre a forma como o chamado Sul Global poderá ter assento à mesa das negociações.

Para Bianca Dragomir, a extração a longo-prazo destes recursos minerais poderá necessitar de uma abordagem diferente. Aproveitando o conceito de criatividade radical mencionado no primeiro painel, a Europa precisa rapidamente de inovação radical, e, ao momento, existe um número considerável de empresas europeias focadas no desenvolvimento de tecnologias em áreas como a refinação, o processamento e a reciclagem destes materiais. O problema está no baixo nível de investimento que recebem, quando comparado com o nível de financiamento de empresas e *start-ups* congêneres nos EUA, que se reflete em diferentes capacidades de escalabilidade do negócio.

Henry Sanderson acrescentou que o problema dos recursos não é de escassez. Toda a gente previu que o petróleo e o gás iriam acabar rapidamente, mas a Revolução do Xisto demonstrou a nossa capacidade de encontrar novos recursos e formas de os obter. No caso dos recursos minerais, a verdadeira questão é relativa ao custo – monetário e não só – que estamos dispostos a suportar para a sua extração. Nesta matéria, Hung Tran salientou a distinção entre limites físicos e limites económicos dos recursos minerais. Sobre os primeiros, com o avançar do tempo vão-se descobrindo novos depósitos destes minerais, não sendo claro se estamos a chegar ao seu limite físico. Mas, mesmo que tal seja o caso, os limites económicos são mais flexíveis, desde que, como mencionado, os países esteja dispostos a suportar os custos inerentes. Sobre o Sul Global, defendeu que estes países, particularmente os africanos, têm primeiro de colocar a “casa em ordem”, aprender a confiar e a cooperar entre si para agir em uníssono perante a Europa, a China e os Estados Unidos. Só assim poderão exigir um lugar à mesa das negociações.

The audience questioned the panel on the existence of mineral resources in sufficient quantities to support the energy and digital transition, and on how the so-called Global South could have a seat at the negotiating table.

For Bianca Dragomir, the long-term extraction of these mineral resources may require a different approach. Drawing on the concept of radical creativity mentioned in the first panel, Europe is in dire need of radical innovation, and at the moment there is a considerable number of European companies focused on developing technologies in areas such as the refining, processing and recycling of these materials. The problem lies in the low level of investment they receive, when compared to the level of funding of similar companies and start-ups in the US, which is reflected in different business scalability capacities.

Henry Sanderson added that the problem of resources is not one of scarcity. Everyone predicted that oil and gas would run out quickly, but the Shale Revolution has demonstrated our ability to find new resources and ways of obtaining them. In the case of mineral resources, the real issue is the cost – monetary and otherwise – that we are willing to bear in order to extract them. In this regard, Hung Tran emphasised the distinction between the physical limits and the economic limits of mineral resources. With regard to the former, new deposits of these minerals are discovered over time, and it is unclear whether we are reaching their physical limit. But even if this is the case, economic limits are more flexible, as long as countries are willing to bear the inherent costs. Regarding the Global South, he argued that these countries, particularly those in Africa, must first put their “house in order”, learn to trust and cooperate with each other in order to act in unison towards Europe, China and the United States. Only then will they be able to demand a seat at the negotiating table.





Questionados sobre o facto de a forte intervenção nos mercados afetar a capacidade industrial da União Europeia, contrariamente ao que sucede na China, Bianca Dragomir destacou que um dos problemas na Europa é precisamente o excesso de regulação, que constrange os esforços de escalabilidade industrial. O Relatório Draghi talvez traga mudanças, mas é preciso mais incentivos vindos da liderança política europeia. Hung Tran concordou com a necessidade de criar regulamentação na prossecução de exigentes padrões ambientais, mas esses esforços não podem ir mais longe do que aquilo que as pessoas estão dispostas a pagar por tais medidas. Henry Sanderson destacou ainda o facto de existirem projetos que, mesmo que cumpram toda a legislação aplicável, não são expeditamente aprovados, causando atrasos e contribuindo para o enfraquecimento da inovação europeia. Já no que respeita ao caso da China, os milionários da indústria chinesa na área da energia renovável foram mais capitalistas do que os próprios americanos, tendo construído os seus negócios nos anos 90 num ambiente extremamente competitivo – uma espécie de *Wild West* do capitalismo que pouco ou nada teve que ver com o Estado. O que o Estado fez, progressivamente, foi definir políticas e objetivos de continuidade. Contrariamente, o Ocidente viu-se muitas vezes vítima do *lobbying*, enfraquecendo a confiança dos investidores.

Por último, no que concerne à perspetiva de cooperação entre os EUA e a Europa, Hung Tran afirmou existir espaço para cooperação – embora com fricções –, mas tal depende da administração norte-americana, uma vez que, com Trump, a cooperação é para esquecer. Sobre este ponto, Henry Sanderson destacou o facto de a Lei de Redução da Inflação ter prejudicado a Europa e levado a um fenómeno de *friendshoring*, através do qual as empresas mudam as suas sedes para os EUA para terem acesso a capital que na Europa não teriam. Contudo, o movimento do *America First* pode complicar este processo e ainda não é possível saber a compatibilidade de ambos. Bianca Dragomir acrescentou ainda que o capital de risco na Europa é praticamente não existente, prejudicando os esforços de inovação. Não apenas existem longos períodos de desenvolvimento que não se encontram alinhados com o ciclo do capital de risco, como não existem políticas para diminuir o risco associado a estes investi-

Asked whether heavy intervention in the markets affects the European Union's industrial capacity, unlike in China, Bianca Dragomir emphasised that one of the problems in Europe is precisely over-regulation, which constrains industrial scaling efforts. The Draghi Report may bring changes, but more incentives are needed from Europe's political leadership. Hung Tran agreed on the need to create regulation in pursuit of demanding environmental standards, but these efforts cannot go further than what people are willing to pay for such measures. Henry Sanderson also highlighted the fact that there are projects which, even if they comply with all the applicable legislation, are not approved promptly, causing delays and contributing to the weakening of European innovation. As for the case of China, the millionaires of the Chinese renewable energy industry were more capitalist than the Americans themselves, having built their businesses in the 1990s in an extremely competitive environment – a kind of *Wild West* of capitalism that had little or nothing to do with the state. What the state progressively did was define policies and objectives for continuity. In contrast, the West often found itself the victim of lobbying, weakening investor confidence.

Finally, with regard to the prospect of cooperation between the US and Europe, Hung Tran said that there is room for cooperation – albeit with friction – but it depends on the US Administration: with Trump, cooperation is a no-go. On this point, Henry Sanderson highlighted the fact that the Inflation Reduction Act has harmed Europe and led to a phenomenon of friendshoring, whereby companies move their headquarters to the US to gain access to capital they wouldn't be able to in Europe. However, the America First movement could complicate this process, and it is not yet possible to know how compatible the two are. Bianca Dragomir added that venture capital in Europe is practically non-existent, hampering innovation efforts. Not only are there long periods of development that are not aligned with the venture capital cycle, but there are no policies to reduce the risk associated with these technological investments. Although Europe is not standing still in this process, it can

mentos tecnológicos. Apesar de a Europa não estar parada neste processo, pode contribuir mais para o mesmo, porque sabemos que é algo que tem mesmo de acontecer.

contribute more to it, because we know that it is something that really has to happen.

Veja o vídeo
Watch the video



A GEOPOLÍTICA DOS MINERAIS CRÍTICOS

BIANCA DRAGONIR

IBERIA TO BECOME THE INDUSTRIAL LEADER!

SUPER POWER ON CLEAN ENERGY

20% OF THE WORLD INNOVATION

HENRY SANDERSON

MOST MINERALS GO DIRECTLY TO CHINA

NOT AN INTERESTING BUSINESS...
CONVERT INTO USEFUL HIGH-PURITY MINERALS...
FOR MOST OF THE WORLD

WITH CLEAN TECHNOLOGIES

CLEAN

LOW COST WORKERS

DIFFICULT TO GET INVESTMENT IN EUROPE...

US HAS ITS OWN MARKET

HUNG TRAN

- GREEN + CLEAN ENERGIES
- SUPPLY CHAIN IS COMPLEX
- IMPACT OF GEOPOLITICS IN MINERAL'S MARKET
- COSTS INCREASE IN E.U.
- TOO MANY REGULATIONS AND BARRIERS IN THE E.U.
- INTERNATIONAL ... LACK OF TRUST

CONSUMES MORE MINERALS THAN CONVENTIONAL

CHINA DOMINATES. MINERALS, RARE EARTH, INDUSTRY

OTHER COUNTRIES NEED TO MOVE FASTER...

EU IS NOT A NATION

INGENUITY, REGULATION...

EUROPE HAS A LOW PERCENTAGE OF NATURAL RESOURCES

WE NEED TO DOUBLE ON INNOVATION/INDUSTRY AND INVESTMENT

E.U. 30% OF PAPERS, BUT... ONLY 7% OF INNOVATION

MAKE IT HAPPEN!

TSUTOMU SATO

CHINA PRODUCES 90% OF GALLIUM, AND JAPAN CONSUMES 40% [Ga]

OTHER COUNTRIES DEPEND ON CHINA MINERALS ... LIKE KOREA,

AND CHINA IS REDUCING EXPORTS

RAQUEL VAZ PINTO

ARTIC REGION

ONE OF THE HOTTEST FIELDS OF COMPETITION

SEMI CONDUCTORS

TAIWAN? OTHER COUNTRIES...

CRITICAL RAW MATERIALS

PHONES, CARS, X-RAY, ETC.

RVP

COST VS EXPECT
YOUNG GENERATION HAS IMPACT ON CLIMATE CHANGE WANTS A CLEAN WORLD

HS

TO INVEST NEED TO BE CERTAIN ABOUT DEMAND.

HT

MONEY? WE NEED SKILL ENVIRONMENTAL STANDARDS THE COST GOES TO CITIZENS IF TRUMP WINS, US GET AGREEMENT. PROBLEM

TS

CLEAN OR C... IT IS EXPENSIVE ANOTHER SUPPLY CHAIN

MINING REGULATIONS LIMITED IN THE DEEP SEAS

E DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA





TALK1

Divided

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE





LUÍSA MEIRELES

Diretora de Informação da LUSA, Lisboa
Editor-in-chief of LUSA
Portuguese News Agency, Lisbon



SOFIA LORENA

Jornalista do Público, Lisboa
Journalist at Público, Lisbon

O JORNALISMO EM TEMPO DE GUERRA

Uma conversa sobre a guerra e as narrativas que a sustentam.

JOURNALISM IN TIMES OF WAR

A conversation on war and its narratives.

Nesta conversa, as jornalistas Sofia Lorena e Luísa Meireles partilharam as suas perspetivas e experiências em zonas de conflito, abordando os desafios éticos, logísticos e emocionais do jornalismo de guerra. A reflexão assenta numa vivência acumulada em cenários tão distintos como os Balcãs, a Síria, o Médio Oriente, Moçambique ou a Ucrânia, com enfoque nas dificuldades de aceder a informação isenta e verdadeira em contextos marcados por propaganda, desinformação e limitações impostas pelas partes envolvidas nos conflitos.

Ambas destacaram a importância de “estar lá” para compreender o que realmente se passa. A presença no terreno permite evitar as distorções que surgem de coberturas feitas à distância, baseadas apenas em agências noticiosas, imagens selecionadas ou fontes controladas. A experiência direta, o contacto com vítimas e populações locais, e o confronto com realidades humanas complexas são, segundo ambas, elementos essenciais para uma narrativa jornalística verdadeira e com contexto. Nesse sentido, rejeitam o sensacionalismo e defendem a necessidade de aprofundamento, rigor e questionamento – valores essenciais num tempo em que a verdade é frequentemente a primeira vítima da guerra.

Sofia Lorena partilhou momentos marcantes das suas reportagens no norte da Síria, onde entrou clandestinamente com a ajuda de contrabandistas, e na Cisjordânia, onde trabalhou sem *fixer* por dificuldades logísticas e políticas. Sublinhou como ser mulher, nestes contextos, pode ser simultaneamente um risco e uma vantagem, e como é preciso ponderar não apenas a sua segurança pessoal, mas também a daqueles que colaboram com os jornalistas estrangeiros. Os condicionamentos impostos pelas partes beligerantes, como no caso da cobertura da ofensiva em Gaza, tornam a equidade das narrativas um enorme desafio – com os jornalistas a serem frequentemente usados como veículos de propaganda.

In this conversation, journalists Sofia Lorena and Luísa Meireles shared their views and experiences in conflict zones, addressing the ethical, logistical and emotional challenges of war journalism. Their reflections are based on their accumulated experiences in scenarios as diverse as the Balkans, Syria, the Middle East, Mozambique and Ukraine, focusing on the difficulties of accessing unbiased and accurate information in contexts marked by propaganda, misinformation and limitations imposed by the parties involved in the conflicts.

Both highlighted the importance of “being there” to understand what is really going on. Being on the ground avoids the distortions that arise from remote coverage based solely on news agencies, selected images or controlled sources. Direct experience, contact with victims and local populations, and confrontation with complex human realities are, according to both, essential elements for a true and contextualised journalistic narrative. In this sense, they reject sensationalism and defend the need for depth, rigour and questioning – crucial values at a time when truth is often the first victim of war.

Sofia Lorena shared memorable moments from her reporting in northern Syria, where she entered clandestinely with the help of smugglers, and in the West Bank, where she worked without a fixer due to logistical and political difficulties. She emphasised how being a woman in these contexts can be both a risk and an advantage, and how it is necessary to consider not only her personal safety, but also that of those who collaborate with foreign journalists. The constraints imposed by the warring parties, as in the case of coverage of the offensive in Gaza, make the fairness of narratives a huge challenge – with journalists often being used as vehicles for propaganda.

6TH LISBON CONFERENCE



Luísa Meireles recordou, por sua vez, episódios vividos no colapso do regime de Ceausescu e na guerra da Jugoslávia, para sublinhar como a percepção mediática pode ser fabricada – mostrando como protestos aparentemente massivos eram, no local, realidades reduzidas e cuidadosamente encenadas para as câmaras. Para ambas, a crítica ao chamado “jornalismo sentado” é central, sendo impossível cobrir com profundidade um conflito a partir de uma redação, sem testemunho direto nem envolvimento humano.

Apesar da dureza emocional do trabalho – que pode deixar marcas psicológicas profundas –, Sofia Lorena defende que o papel dos jornalistas é contar histórias humanas com verdade e contexto, dando voz a quem normalmente não a tem. Mesmo assim, admite ter omitido algumas histórias por não saber, no momento, como as contar com a dignidade que mereciam.

Em tempos de guerra e de crise no jornalismo, as oradoras deixaram uma mensagem clara: é urgente defender um jornalismo sério, presencial, baseado na escuta, na dúvida e na empatia, capaz de resistir à pressão do imediato e à instrumentalização da informação.



É fundamental encontrarmos pessoas locais em quem confiar, mas nesses cenários temos de avaliar também as implicações de segurança para essas pessoas e o que pode significar para elas trabalhar connosco, porque podem existir consequências complicadas, nomeadamente após a nossa partida.

Luísa Meireles recalled episodes she experienced during the collapse of Ceausescu's regime and the war in Yugoslavia to highlight how media perception can be fabricated – showing how seemingly massive protests were, in reality, small and carefully staged for the cameras. For both, criticism of so-called “armchair journalism” is central, as it is impossible to cover a conflict in depth from a newsroom, without direct testimony or human involvement.

Despite the emotional toll of the work, which can leave deep psychological scars, Sofia Lorena argues that the role of journalists is to tell human stories with truth and context, giving a voice to those who normally do not have one. Even so, she admits to having omitted some stories because she did not know, at the time, how to tell them with the dignity they deserved.

In times of war and crisis in journalism, the speakers left a clear message: it is urgent to defend serious, face-to-face journalism based on listening, doubt and empathy, capable of resisting the pressure of immediacy and the instrumentalisation of information.



It is essential to find local people we can trust, but in these war scenarios, we also have to assess the security implications for these people and what it might mean for them to work with us, because there can be serious consequences, particularly after we leave.

SOFIA LORENA



Veja o vídeo
Watch the video







PAINEL 3

PANEL 3

Um Mundo Dividido

2019
Conferências
de Lisboa
Lisbon Conferences

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE





▼
FERNANDO AYALA
Professor da Universidade
Católica do Chile, Santiago do Chile
Professor at the Catholic University
of Chile, Santiago do Chile



▼
FIDEL AMAKYE OWUSU
CEO da DefSEC Analytics Africa, Acra
CEO of DefSEC Analytics Africa, Accra



▼
HELENA CARREIRAS
Vice-Reitora e Professora
do Iscte-IUL, Lisboa
Vice-Rector and Professor
at Iscte-IUL, Lisboa



▼
MADALENA MEYER RESENDE
Professora da Universidade
NOVA de Lisboa, Lisboa
Professor at NOVA Lisbon University,
Lisbon



▼
SHIVSHANKAR MENON
Diretor do Ashoka Centre for China
Studies, Nova Deli
Director of Ashoka Centre for China
Studies, New Delhi

NACIONALISMOS, IDENTIDADES E GLOBALIZAÇÃO

Porque é difícil a coexistência entre globalização e nacionalismo?

Está a diversidade identitária a ser utilizada como arma nos conflitos?

Porque subsistem narrativas anti-imigração em regiões onde a população envelhece e existe falta de mão de obra?

NATIONALISMS, IDENTITIES AND GLOBALISATION

Why is it so hard for globalisation and nationalism to coexist? Is identity being used as a common weapon in current conflicts? Why do anti-immigration narratives persist in regions of ageing populations and labour shortages?

RESUMO

Existem muitas formas de nacionalismo, sendo que o “nacionalismo étnico”, frequentemente associado a regimes autoritários ou ditatoriais, tem recentemente crescido nos sistemas democráticos e nos países do Ocidente. Por um lado, existem causas profundas e objetivas para o crescimento do tipo menos benéfico de nacionalismo, como as desigualdades económicas e a pobreza, nomeadamente ligadas a efeitos dos processos de globalização, que estão na base de descontentamentos sociais e que criam condições propícias ao crescimento de nacionalismos tóxicos e excludentes. Por outro lado, acrescem também fatores subjetivos, incluindo emoções como o medo e a incerteza, que são instrumentalizadas de forma muito eficaz por vários grupos, designadamente populistas e de extrema-direita. O nacionalismo e o patriotismo são também utilizados e distorcidos pelos políticos para chegar ao poder e lá se manterem, incluindo em regimes democráticos.

O nacionalismo, sendo uma construção social e política, sempre esteve ligado a guerras em todos os continentes, incluindo na Europa. A relação entre nacionalismos, identidades e geopolítica é complexa, e assume contornos diversos segundo os contextos históricos e geográficos, como as histórias de África e da América Latina bem demonstram.

A imigração é um dos elementos que tem sido utilizado como arma pelo populismo e por algumas formas de naciona-

lismo. Existem muitos mitos e desinformação sobre esta questão, que vingam, mesmo quando os factos os contradizem. O crescimento da resistência e do discurso de ódio contra pessoas migrantes é fomentado por oportunismo político que propaga a desinformação e aposta na culpabilização de alguns grupos sociais (os mais desprotegidos), jogando eficazmente com o descontentamento e os medos subjacentes.

O que fazer? É necessário investir na resolução pacífica de conflitos a todos os níveis e na educação para a paz e para os direitos humanos, embora tal não seja suficiente, porque é preciso incluir a dimensão política.

Na verdade, as identidades são formadas de forma muito fácil e relativamente rápida, mudando também ao longo do tempo, o que significa que não são tão enraizadas e rígidas como alguns pretendem fazer crer. As identidades podem ser usadas de forma positiva e constituir uma força para a mudança e para a aceitação do “outro”, particularmente porque todos temos identidades plurais e múltiplas. É necessário lembrar que algumas das épocas mais confusas e caóticas da História foram também das mais criativas e inovadoras, pelo que devemos acreditar que será possível encontrar caminhos partilhados, mais equitativos e inclusivos nas sociedades.

SUMMARY

There are many forms of nationalism. Ethnic nationalism, often associated with authoritarian or dictatorial regimes, has recently grown in democratic systems and in Western countries. On the one hand, there are deep and objective causes for the expansion of less beneficial types of nationalism, such as economic inequalities and poverty, particularly linked to the impacts of globalisation processes, which are at the root of social discontent, and which create favourable conditions to the growth of toxic and exclusionary nationalisms. On the other hand, there are also subjective factors, e.g. emotions such as fear and uncertainty, which are instrumentalised very effectively by various groups, such as (particularly far-right) populist and extremist movements. Nationalism and patriotism are also used (and distorted) by politicians to reach and maintain power, including in democratic regimes.

Being a social and political construct, nationalism has always been linked to wars on every continent, including in Europe. The linkages between nationalisms, identities and geopolitics are complex and take on different shapes depending on the historical and geographical contexts, as the histories of Africa and Latin America clearly demonstrate.

Immigration is one of the main elements used as a weapon by populism and some forms of nationalism. There are many

myths and misinformation about this issue, which remain even when contradicted by facts. The increasing resistance and hate speech against migrants are fuelled by political opportunism that spreads misinformation and focuses on blaming certain social groups (the most disadvantaged) for effectively playing on discontent and underlying fears.

What should be done? It is necessary to invest in the peaceful conflict resolution at all levels and in education for peace and human rights, although this is not enough because the political dimension also needs to be addressed.

In fact, identities are formed very easily and relatively quickly, and also change over time, which means that they are not as deep-rooted and rigid as some would suggest. Identities can be used positively and be a force for change and acceptance of the 'other', particularly as we all have plural and multiple identities. Some of the most confusing and chaotic times in history have also been some of the most creative and innovative, so we must believe that it will be possible to find shared, more equitable and inclusive paths in societies.

Helena Carreiras sublinhou a complexidade dos conceitos em debate: nacionalismo, identidade e globalização. Considerou-os como conceitos essencialmente contestados, ou seja, com significados diversos e alvo de discordância entre os seus utilizadores. Ainda assim, é possível reconhecer traços comuns: a globalização traduz-se numa aceleração do tempo e compressão do espaço, alterando profundamente experiências sociais, culturais e políticas; o nacionalismo envolve criação de uma identidade coletiva baseada na oposição a "outros"; e a identidade remete para a resposta à pergunta "quem somos?", feita tanto por aproximação como por diferenciação. Alertou para formas recentes de nacionalismo populista, marcadas por exclusão, emoção sobre a razão e confronto "tribal" em vez de debate racional. Estas tendências têm sido impulsionadas pela incapacidade em gerir os efeitos da globalização sobre a desigualdade e a justiça social. Apesar da longa história destes debates, a verdadeira questão é identificar o que há de novo hoje e interrogarmo-nos também até que ponto a má gestão da globalização abriu caminho a formas perniciosas de nacionalismo que colocam em causa a própria democracia.



A luta política já não assenta na confrontação racional de ideias, mas antes no confronto entre tribos, onde a emoção se sobrepõe à razão.

A imigração é um dos elementos que tem sido utilizado como arma pelo populismo e por algumas formas de nacionalismo. Existem muitos mitos e desinformação sobre esta questão, que vinham, mesmo quando os factos os contradizem. A percentagem de pessoas que vive num país diferente daquele em que nasceu tem-se mantido relativamente estável ao longo das décadas, em torno dos 3%; as deslocações ocorrem maioritariamente dentro dos países e a nível regional; as migrações não são maioritariamente dos países mais pobres para os mais ricos, sendo igualmente re-

Helena Carreiras highlighted the conceptual complexity of nationalism, identity and globalisation, describing them as essentially contested concepts. Despite divergent interpretations, she identified shared features: globalisation involves a compression of space and acceleration of time, reshaping human experience on cultural, political and social levels; nationalism emerges from collective identity built in opposition to others; and identity itself answers the question "who are we?" — often by differentiation. She pointed to a recent wave of populist nationalism that privileges emotion over reason, tribalism over deliberation, and exclusion over inclusion. These developments are largely a reaction to how poorly the effects of globalisation on inequality and justice have been managed. While these are not new debates, it is important identify what is new about the current moment, and to question to what extent did our failure to manage globalisation pave the way for dangerous forms of nationalism that threaten democracy itself.



Political struggle is no longer a rational confrontation of ideas, but a clash between tribes, where emotion outweighs reason.

HELENA CARREIRAS

Immigration is one of the main elements used as a weapon by populism and some forms of nationalism. There are many myths and misinformation about this issue, which remain even when contradicted by facts. The percentage of people living in a country other than the one in which they were born has remained relatively stable over the decades, at around 3 per cent; the majority of movements take place within countries and at regional level; migrations are not mainly from poorer to richer countries, but population movements within developed and de-

levantes movimentos populacionais entre países desenvolvidos ou entre países em desenvolvimento; nos países europeus, os migrantes contribuem para as economias dos países de acolhimento, nalguns aspetos muito mais do que os nacionais (como é o caso da segurança social). O crescimento da resistência e do discurso de ódio contra pessoas migrantes é, portanto, fomentado por oportunismo político que propaga a desinformação e aposta na culpabilização de alguns grupos sociais (os mais desprotegidos), jogando eficazmente com o descontentamento e os medos subjacentes, como mencionado pelos oradores.

Shivshankar Menon contextualizou a relação entre nacionalismo e globalização através da história, comparando o presente com o período entre 1850 e 1914. Sublinhou que essa mesma combinação existiu antes, com resultados distintos consoante o lugar: guerras mundiais para a Europa, ascensão para os EUA e URSS, e descolonização para o Sul Global. Hoje, a diferença é marcada pela visibilidade e rapidez trazidas pela tecnologia, que tornam as ameaças à identidade mais imediatas. A urbanização e a exigência de mobilidade da economia global fragilizam identidades tradicionais. Desde a crise de 2008, a legitimidade baseada em desempenho caiu, dando lugar ao apelo à emoção e ao hipernacionalismo. A tecnologia, outrora vista como instrumento de liberdade, é hoje também um instrumento de vigilância. Vivemos um paradoxo: apesar de grande parte da humanidade viver melhor, sente-se mais insegura. E isso é explorado por lideranças autoritárias, que alimentam o medo como estratégia de sobrevivência. Apesar do cenário sombrio, concluiu com uma nota otimista, lembrando que muitos dos períodos mais criativos da história ocorreram em tempos de caos.



Hoje, mais gente vive melhor do que nunca, mas sente-se mais insegura do que nunca — e os novos autoritarismos alimentam-se desse medo.

veloping regions are just as relevant; in European countries, migrants make a relevant contribution to the economies, in some aspects much more than nationals (as is the case with social security contributions). The increasing resistance and hate speech against migrants are therefore fuelled by political opportunism that spreads misinformation and focuses on blaming certain social groups (the most disadvantaged) for effectively playing on discontent and underlying fears, as mentioned by the speakers.

Shivshankar Menon contextualised the relationship between nationalism and globalisation historically, comparing today's situation to the period between 1850 and 1914. At that time, globalisation and nationalism coexisted, with different outcomes depending on geography: world wars for Europe, rising power for the US and USSR, and decolonisation for the Global South. Today, technology has made threats to identity more immediate, and globalised economic demands uproot people from their communities. Since the 2008 financial crisis, legitimacy through performance has declined, giving way to hyper-nationalistic populism. Technology, once seen as a liberating force, is now also a tool of surveillance and control. We live a paradox: although more people live better, healthier, and longer lives, they feel more insecure than ever. This insecurity is deliberately fuelled by new authoritarian leaders who thrive on fear. Despite the dark scenario, he concluded on an optimistic note, recalling how some of the most innovative periods in human history emerged from times of chaos.



Today, more people live better than ever before but feel more insecure than ever — and new authoritarianisms thrive on that fear.

SHIVSHANKAR MENON

Fidel Amakye Owusu apresentou uma perspetiva africana, focando-se na história da África Ocidental e no impacto do colonialismo europeu na formação das identidades e das fronteiras. Explicou que os primeiros contactos com os europeus foram de natureza comercial e que só mais tarde, no século XIX, com a intensificação da colonização, as identidades étnicas locais foram instrumentalizadas pelas potências coloniais para consolidar o domínio. O nacionalismo africano emergiu como reação ao colonialismo, culminando na luta pela independência a meio do século XX. No entanto, as fronteiras criadas artificialmente continuam a gerar conflitos, uma vez que várias etnias foram forçadas a coexistir em Estados-nação.

A partir do fim da Guerra Fria, a globalização impôs-se no continente africano, particularmente no âmbito económico, com os programas das instituições financeiras internacionais, e a questão das identidades foi ignorada. Com a nova fase de multipolaridades, verifica-se um ressurgimento das identidades, incluindo as ligadas a visões nacionalistas (como, p. ex., o nacionalismo Tuareg), o que é reforçado pelo renovado interesse de várias potências internacionais no continente, que acabam por apoiar, por várias razões, as pretensões de alguns grupos.

Sublinhou que a solução para os atuais conflitos passa por uma adoção séria da democracia, que permita representação e inclusão efetiva de todas as identidades nacionais. Em relação à migração, partilhou a sua experiência pessoal para ilustrar as barreiras burocráticas e os preconceitos existentes. Defendeu que a migração é um fenómeno natural e inevitável, mas que pode ser regulado de forma mais justa e segura através da cooperação internacional e da resolução das causas socioeconómicas que a motivam.



Não podemos parar a migração — é da natureza humana. Mas podemos reduzir os seus riscos se resolvermos os problemas socioeconómicos que a precedem.

Fidel Amakye Owusu brought an African perspective, focusing on the history of West Africa and the impact of European colonialism on identity and borders. He explained that early contact with Europeans was commercial, and only later, in the 19th century, did full-scale colonisation begin. Colonial powers exploited ethnic identities to strengthen control. African nationalism emerged as a response to colonisation and led to independence struggles in the mid-20th century. However, the colonial borders grouped multiple ethnicities into single nation-states, and these artificial constructs still fuel conflict.

Since the end of the Cold War, globalisation has imposed itself on the African continent, particularly at economic level, with the international financial institutions' programmes, and the question of identities has been mostly ignored. With this new phase of increased multipolarity, there is a resurgence of identities, including those linked to nationalist visions (such as Tuareg nationalism), also reinforced by a renewed interest of various international powers in the continent, which end up supporting the pretensions of certain groups for various reasons.

Owusu argued that serious democratic adoption is the key to addressing modern nationalism in Africa, ensuring all national identities are fairly represented. On migration, he shared his personal visa experience to Portugal, highlighting systemic biases and rigid processes. He stated that migration is human nature and cannot be stopped but can be made safer and more regulated through cooperation and by addressing the root socio-economic causes.



We can't stop migration — it's human nature. But we can reduce its dangers if we address the socio-economic drivers behind it.

FIDEL AMAKYE OWUSU



Madalena Meyer Resende abordou o nacionalismo na perspectiva europeia, lembrando que, apesar da sua reputação negativa após a II Guerra Mundial, o nacionalismo também contribuiu para a criação de Estados modernos e democráticos. Destacou a importância do nacionalismo cívico, baseado na cidadania voluntária e não na etnicidade, como modelo compatível com a democracia — um legado visível nos nacionalismos francês e americano. Realçou ainda que o projeto europeu, criado para ultrapassar rivalidades históricas como a franco-alemã, promoveu um tipo de nacionalismo “extrovertido”, capaz de cooperar com outras nações. No entanto, alertou para o ressurgimento de movimentos populistas e nacionalismos étnicos em várias partes da Europa, que colocam em risco este equilíbrio. Apontou que os Estados devem assumir uma estratégia clara na gestão da migração, para evitar que o tema seja instrumentalizado pelas forças populistas. Por fim, defendeu que os partidos democráticos devem reclamar uma narrativa de unidade nacional patriótica e positiva, sem a deixar nas mãos da extrema-direita.



As forças democráticas devem reivindicar uma identidade nacional benigna e patriótica — não deixá-las nas mãos dos populistas.

Fernando Ayala apresentou uma leitura histórica e crítica do nacionalismo a partir da perspectiva latino-americana, destacando que o continente ainda vive sob a sombra dos conflitos mal resolvidos do século XX.

Começou por recordar que o nacionalismo latino-americano teve origem nas lutas de independência contra o colonialismo espanhol, mas que ignorou as populações indígenas, cuja existência foi apagada na construção das novas repúblicas. As comunidades indígenas foram incorporadas nos novos países, criaram-se

Madalena Meyer Resende offered a European perspective on nationalism, recalling that despite its tarnished image post-WWII, nationalism also played a key role in building modern and democratic states. She highlighted the value of civic nationalism — a form based on voluntary citizenship rather than ethnicity — which emerged particularly in France and the US. This form of nationalism, she argued, is compatible with democracy. She praised the European project for fostering an “extroverted” nationalism that encourages cooperation rather than antagonism. Yet, she warned of the return of populist and ethnic nationalisms in parts of Europe, which threaten this legacy. She argued that national governments must adopt clear strategies for managing migration to prevent its political weaponisation. Finally, she called on democratic parties to reclaim a patriotic, unifying national narrative, rather than ceding it to the far right.



Democratic forces must reclaim a positive, patriotic national identity — not leave it in the hands of populists.

Fernando Ayala offered a historical and critical reading of nationalism from a Latin American perspective, emphasising that the continent still lives under the shadow of unresolved conflicts from the 20th century.

He noted that Latin American nationalism began with independence movements against Spanish colonialism but largely erased Indigenous peoples from the narrative of the new republics. Indigenous communities were incorporated into the new countries, flags and anthems were created and a national unity

MADALENA MEYER RESENDE

as bandeiras e os hinos e forjou-se uma unidade nacional que beneficiava do contentamento pela expulsão do poder colonizador.

Sublinhou que, apesar de uma partilha linguística e religiosa na América Latina, a imigração regional está hoje a gerar xenofobia e tensão social — como se vê no Chile, que recebeu milhares de migrantes venezuelanos nos últimos anos. Apontou as consequências negativas da desigualdade, das intervenções externas (nomeadamente dos EUA durante a Guerra Fria) e da atual crise de segurança ligada ao crime organizado.

Lembrou ainda que, apesar da promessa de paz pós-II Guerra Mundial, a Europa também protagonizou guerras recentes, como o conflito dos Balcãs. É fundamental reconhecer que o nacionalismo não é um fenómeno homogéneo e que os seus efeitos variam segundo o contexto histórico e geográfico. A resposta, defendeu, passa por enfrentar as causas estruturais da desigualdade e da exclusão social.



*Na América Latina partilhamos
língua e religião, mas mesmo assim
a migração está a gerar xenofobia
— a desigualdade e a falha política
explicam esse fenómeno.*

was forged that benefited from the common satisfaction of expelling the colonising power.

Although Latin American countries often share language and religion, intra-regional migration today is fuelling xenophobia and social tension — as seen in Chile with the recent influx of Venezuelan migrants. He linked this to inequality, external interventions (notably by the US during the Cold War), and rising insecurity tied to organised crime.

Ayala also reminded the audience that despite the post-WWII ideal of peace in Europe, the continent has seen recent wars, such as the Yugoslav conflict. Nationalism is not a uniform phenomenon, and its consequences depend on the historical and geographic context. The path forward, he argued, lies in addressing the structural roots of inequality and social exclusion.



*We share language and religion
in Latin America, yet migration
is fuelling xenophobia
— inequality and political failure
explain this.*

FERNANDO AYALA



DEBATE

O painel foi questionado sobre as principais motivações por detrás dos movimentos nacionalistas e populistas de direita, incluindo o papel do nativismo, das desigualdades sociais e da resistência de certos grupos sociais à mudança sociocultural.

Shivshankar Menon destacou o uso político da identidade e do medo, especialmente em contextos de mudança demográfica, como nos Estados Unidos, onde o receio de perda de estatuto por parte dos homens brancos tem sido politicamente explorado. Com efeito, o nacionalismo masculino branco ("*white male nationalism*") capitaliza a insegurança e o medo, mesmo que inconsciente, de os homens brancos perderem a sua posição dominante na sociedade, quer relativamente a outros grupos étnicos quer relativamente a outros géneros.

O nacionalismo e o patriotismo são também utilizados (e distorcidos) pelos políticos para chegar ao poder e lá se manterem, incluindo em regimes democráticos. Nos Estados Unidos, o discurso de unidade patriótica é predominante a nível oficial e nos dois principais partidos, mas esse discurso é também apropriado por forças disruptivas que o usam como se fosse uma força benigna de nacionalismo, em nome do "bem comum", para promover os seus interesses e fazer passar as suas mensagens populistas.

Foi também sublinhado que a educação é essencial, mas insuficiente — sendo a ação política imprescindível para contrariar a manipulação populista.

Debateu-se o papel da educação para a paz, com especial enfoque no continente africano. Fidel Amakye Owusu referiu que o investimento em educação pública tem vindo a aumentar em África, defendendo a sua importância para sensibilizar as populações para a diversidade, a tolerância e os riscos da migração irregular. Sublinhou que o desconhecimento alimenta decisões perigosas, e que a educação pode fomentar escolhas mais racionais. Madalena Meyer Resende acrescentou que o sentimento de insegurança identitária alimenta o nativismo e que estas

The panel was asked about the main drivers behind nationalist and right-wing populist movements, including the roles of nativism, social inequality, and the resistance of certain social groups to sociocultural change.

Shivshankar Menon responded by emphasizing the political use of identity and fear, especially in contexts of demographic transformation. He cited the U.S. as an example, where white male insecurity has been politically weaponised. White male nationalism capitalises on the insecurity and fear, even if unconscious, of white men losing their dominant position in society, both in relation to other ethnic groups and other genders.

Nationalism and patriotism are also used (and distorted) by politicians to reach and maintain power, including in democratic regimes. In the United States, the discourse of patriotic unity is predominant at public level and in the two main parties, but this discourse is also appropriated by disruptive forces that use it as if it were a benign force of nationalism, in the name of the 'common good', to promote their interests and convey populist messages.

The speakers stressed that while education is essential, it is not sufficient — political action is necessary to counter populist manipulation.

The discussion also explored the potential of peace education, particularly in Africa. Fidel Amakye Owusu pointed out that public education is expanding across the continent and argued for its role in promoting awareness of diversity, tolerance, and the dangers of irregular migration. He warned that lack of information can lead to irrational decisions and stated that education supports informed, rational choices. Madalena Meyer Resende added that identity insecurity fuels nativism and that such sentiments must be acknowledged — supporting minorities should not mean dismissing the frustrations of majorities.

Fernando Ayala recalled the historical impact of colonisation on indigenous peoples in the Americas, highlighting the

emoções devem ser reconhecidas — apoiar minorias não deve implicar ignorar frustrações de maiorias.

Fernando Ayala lembrou os impactos históricos da colonização sobre as populações indígenas das Américas, incluindo a perda de territórios, cultura e identidade. Realçou a importância de reconhecer estas histórias no debate sobre identidade e alertou para a urgência da crise ambiental global como desafio prioritário. Também abordou a questão da globalização, afirmando que esta deve ser repensada à luz das desigualdades criadas, especialmente no Sul Global.

A discussão prosseguiu com questões sobre o papel das identidades múltiplas como fator positivo.

Shivshankar Menon defendeu que assumir identidades plurais favorece a aceitação da diferença e combate exclusivismos. Explicou que, na Índia, a democracia foi mantida em grande parte devido à convivência de múltiplas minorias. Fidel Amakye Owusu debateu o papel da democracia em África, distinguindo o colapso de certos modelos pós-coloniais (nomeadamente em ex-colónias francesas) da rejeição da própria democracia. Enfatizou que muitos jovens africanos desejam liberdade de expressão e participação, alertando para os perigos de regimes militares que se perpetuam no poder sob falsas promessas.

No encerramento, os oradores foram convidados a dirigir mensagens às gerações mais jovens. Shivshankar Menon encorajou a juventude a pensar de forma crítica e a agir com foco nos resultados, não em narrativas. Fernando Ayala apelou à leitura da história e ao envolvimento político para transformar a ordem internacional sem necessidade de novos conflitos. Fidel Amakye Owusu alertou para os riscos da desinformação e da propaganda, incentivando a educação contínua e a verificação das fontes. Helena Carreiras encerrou com um apelo à reconstrução da confiança social e política, como antídoto para o medo e o discurso de exclusão — sublinhando que, entre ordens, todos somos agentes da mudança.

loss of land, culture, and identity. He emphasized the need to recognize these histories in identity debates and called attention to the global environmental crisis as a top priority. He also reflected on globalisation, stating it should be reassessed given the inequalities it perpetuates, especially in the Global South.

Further discussion focused on the potential of multiple identities as a positive force.

Shivshankar Menon argued that embracing plural identities fosters openness and combats exclusivism. He explained that Indian democracy has endured largely due to the coexistence of various minorities. Fidel Amakye Owusu discussed democracy in Africa, distinguishing the failure of certain post-colonial arrangements — particularly in former French colonies — from a rejection of democracy itself. He stressed that many African youths desire freedom of expression and participation, cautioning against authoritarian regimes that entrench themselves in power through propaganda.

In closing, the speakers addressed the younger generations. Shivshankar Menon urged them to think critically and prioritize tangible outcomes over rhetoric. Fernando Ayala advised reading history and engaging in politics to transform the international order without new wars. Fidel Amakye Owusu warned of the risks posed by disinformation and propaganda, advocating for continuous education and fact-checking. Helena Carreiras concluded by calling for the rebuilding of social and political trust to resist fear-based narratives — stressing that in a world between orders, we are all agents of change.

Veja o vídeo
Watch the video







NACIONALISMOS, IDENTIDADES

HELENA CARREIRAS

NATIONALISM

"A GROUP OF PEOPLE THAT INVENTS A COMMON PAST AND HATES THEIR NEIGHBOURS"



GLOBALIZATION

"ACCELERATION OF TIME, COMPRESSION OF SPACE"



ADAPTATION TO NATIONALISM



FROM RURAL TO DEVELOPED SOCIETIES



SOCIETIES WERE REFORMULATED



FERNANDO AYALA

HUMANS DEVELOPED THE CAPACITY TO KILL



SHIVSHANKAR MENON

IT ALL DEPENDS ON WHERE YOU ARE...



AND THERE ARE MANY

POPULISM APPEALS!

OUT OF POVERTY
INDIA 140M in 12y
CHINA 250M in 20y

BUT THEY FEEL INSECURE!

FIDEL OWUSU

COLONIALISM EXPLOITED IDENTITIES IN AFRICA



NOW COUNTRIES ARE BEYOND ETHNICITIES

CIVIL WARS

PROBLEMS OF HUMAN RIGHTS PERSISTS

WARS IN EUROPE!
SOME IN ASIA!
IN SOUTH/LATIN AMERICA?

WHAT ABOUT THE NATIVES?

INDEPENDENCE!

SOME TAKE ADVANTAGE OF FEAR.

IS THIS GOOD FOR AFRICA?

WE CAN HAVE MULTIPLE IDENTITIES

IDENTITY POSITIVE

DEEP GLOBALIZATION? ISN'T THIS SCARY?

WHO IS THE BIGGEST RULE-BREAKER?

RUSSIA | US | CHINA | EUROPE

HOW TO CONTROL THE NEGATIVE EFFECTS OF NATIONALISM? WE NEED GLOBALIZATION.

PAY ATTENTION! EDUCATE YOURSELF. WORK ON NARRATIVES.



E GLOBALIZAÇÃO

PATRIOTISM
VS
NATIONALISM
HOW TO CONVERT INTO
ECONOMIC
INTEGRATION
DOES NOT SOLVE
ALL PROBLEMS

WITH
OCRACY
ENT ETHNICITIES
PRESENTED

PERATION is KEY, BETWEEN
COUNTRIES

NATIONALISM!
AND NATIVISM?

NO ONE TALKED
ABOUT THIS

MALE-FEMALE
ISSUES?

WE NEED TO
SAVE THE PLANET
SO WE CAN KEEP KILLING EACH OTHER

WE NEED TO
THINK ABOUT
REGULATIONS

AFRICA ONLY
RECEIVE
VACCINES WHEN
OTHER ALREADY
HAVE THEM

COVID-19! REMEMBER?

TRUST

BE CAREFUL
WITH
FAKE NEWS!

MR

NATIONALISM
GOT A VERY
BAD NAME
AFTER WWII

FA

ISRAEL, SENSITIVE MATTER!

EXTREME NATIONALISM!

CHILE RECEIVES HUNDREDS OF MIGRANTS EACH DAY
MORE THAN 700 FROM!
VENEZUELA!!

SOME WARS STARTED AS ECONOMIC WARS.

WHERE CAN WE
FIND HUMANITY?

IMPOSE
TO OTHERS

COESION
TOLERANCE
ARE SO IMPORTANT

NATIONALISM
AND **PATRIOTISM**
IS NOT THE
SAME!

BEING PROUD
OF THE NATION

WHY ARE
AFRICANS FIGHTING
IN RUSSIA AND UKRAINE?

WELL SAID!

CONSOLIDATED
IDENTITIES



IS DEMOCRACY
USEFUL FOR AFRICA?

AFRICA HAS THE
YOUNGEST
POPULATION IN THE WORLD

WE NEED DEMOCRACY

LATIN
IN AMERICA

INEQUALITY IS LINKED
TO **LIBERALIZATION**

UPSIDEUP.PT



RECOMMENDATIONS
FOR THE YOUNGEST

THINK FOR YOURSELF
DON'T DO OUR **MISTAKES**

ALL GENERATIONS FACED
BIG PROBLEMS
READ **HISTORY**, GET INVOLVED
IN POLITICS!





PAINEL 4

PANEL 4

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE





BRANKO MILANOVIĆ
Académico sénior do Stone Center,
New York
Senior Scholar at Stone Center,
New York



CATARINA BARATA
Investigadora do Instituto de Sistemas
e Robótica, IST-UL, Lisboa
Researcher at Institute for Systems
and Robotics, IST-UL, Lisbon



KARIM EL AYNAOUI
Presidente Executivo do Policy Center
for the New South, Rabat
Executive President of the Policy Center
for the New South, Rabat



KATHY PEACH
Diretora do Centre for Collective
Intelligence Design, Nesta, Londres
Director of the Centre for Collective
Intelligence Design, London



LUÍS PAIS ANTUNES
Presidente do Conselho Económico
e Social, Lisboa
President of the Economic
and Social Council, Lisbon

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, FUTURO DO EMPREGO E DESIGUALDADES

Que implicações para o emprego e a regulação dos avanços na IA, automação e “big data”? É a globalização compatível com protecionismo e políticas industriais? As desigualdades diminuem globalmente, mas crescem dentro dos países?

TECHNOLOGICAL INNOVATION, FUTURE OF EMPLOYMENT, INEQUALITIES

How are technological advances in AI, automation and big data affecting employment and regulation? Can globalisation thrive with protectionism, industrial policies? Are inequalities decreasing globally while increasing within countries?

RESUMO

A reformulação do poder económico global, com o centro a transitar para a Ásia Pacífico, tem influenciado as tendências no âmbito da desigualdade de rendimentos, particularmente nos últimos 15 anos. A “curva do elefante”, o gráfico que ilustrava os ganhadores e perdedores da globalização entre 1988 e 2008, alterou-se substancialmente. Os países ocidentais já não estão sozinhos na parcela dos 20% mais beneficiados na distribuição de rendimentos a nível global e a estagnação da renda das classes médias no Ocidente tem sido uma fonte de descontentamento social e de aumento do populismo.

O potencial da IA na transformação das sociedades é enorme. Parece inevitável que setores da população sejam “deixados para trás”, o que significa aumentar desigualdades, nomeadamente económicas (uma vez que o rendimento será um fator importante para ter acesso a tecnologias de IA, na saúde, na educação, nos serviços públicos, etc.) e também geracionais.

Devemos questionar para que finalidades queremos a IA e como a podemos utilizar da forma mais adequada, para gerar benefícios alargados para as sociedades. As grandes empresas estão a utilizar a IA que nos automatiza, em vez de investirem mais em utilizações que contribuam para a inteligência humana coletiva. Além disso, deve existir uma maior compreensão sobre o funcionamento dos modelos de IA e os seus potenciais impactos na sociedade. Atualmente, a IA já esgotou os dados

disponíveis para computação, pelo que está a gerar dados artificiais que, por sua vez, alimentam os modelos, o que conduz a enviesamentos. É fundamental ter em atenção quem programa e a forma como se programa a IA. Atualmente, o grupo de homens, brancos, ocidentais e ricos é predominante na vertente da definição e programação, o que não exprime necessariamente os valores, perceções e necessidades do público mais alargado, nem representa a diversidade das sociedades em termos de grupos étnicos, religiões, género, etc. A questão que se coloca é, pois, como assegurar que os dados e modelos expressem a diversidade das identidades e experiências humanas.

Isto está ligado a questões sobre a regulamentação e a governação da IA. Não existindo regras globais nesta área, os modelos escolhidos são, por exemplo, diferentes nos EUA e na Europa, tendo a UE adotado recentemente a sua primeira regulamentação nesta área. Um dos dilemas europeus é como conduzir a IA numa direção mais equitativa e ética, sem ficar para trás relativamente aos EUA e à China.

Existe também um grande desconhecimento dos governantes e decisores políticos sobre estas questões, o que impede uma tomada de decisão informada e consciente que possa responder aos reais desafios colocados pela IA. No fundo, a decisão sobre o papel que a IA desempenha na sociedade é, fundamentalmente, uma decisão política.

SUMMARY

The reshaping of global economic power, with the centre shifting to Asia Pacific, has influenced income inequality trends, particularly in the last 15 years. The 'elephant curve' – the graph that illustrated the winners and losers of globalisation processes between 1988 and 2008 – has changed its shape substantially. Western countries are no longer isolated in the richest 20 per cent of global income distribution, and the stagnation of middle-class incomes in the West has been a source of social discontent and rising populism.

The AI potential for societal transformation is massive. It seems inevitable that some population groups will be left behind, contributing to increasing inequalities, particularly at economic level (since income will be a relevant factor in access to AI technologies, in health, education, public services, etc.) and also regarding generational inequalities.

We should question what we want AI for, and how we can use it to generate wide benefits for societies. Big companies are basically using AI to automate us, instead of investing more in applications that contribute to collective human intelligence. In addition, greater understanding of how AI models work and their potential impacts on society is needed. Currently, AI has

already used all the available data, so it is generating artificial data that feeds the models, which leads to biases. It is crucial to pay attention to who programmes AI and how. Currently, the group of men, white, western and wealthy is predominant in definition and programming, which does not necessarily express the values, perceptions and needs of the wider public, nor does it represent the diversity of societies regarding ethnic groups, religions, gender, etc. The question is therefore how to ensure that data and models express the diversity of human identities and experiences.

This is linked to AI regulation and governance. As there are no global rules in this area, the models adopted are different in the US and Europe, with the EU recently adopting its first regulation in this sector. One of the EU dilemmas is how to steer AI in a more equitable and ethical direction, without falling behind the US and China.

There is also substantial ignorance of government and political decision-makers regarding these issues, which hinders an informed and conscious decision-making that can respond to the real challenges posed by AI. In the end, the decision on the role that AI plays in society is fundamentally a political decision.

TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS E DESIGUALDADE GLOBAL

Luís Pais Antunes salientou que esta não é a primeira vez que se assiste ou se perspetiva uma alteração significativa na organização social e no mercado do trabalho. Como exemplo, ao longo dos últimos 25 anos, a estrutura volumétrica do mercado de trabalho português manteve-se essencialmente a mesma, uma ilustração de um aumento na categoria de especialistas de atividades intelectuais e científicas sensivelmente na mesma proporção que o decréscimo do peso da agricultura no volume de emprego. Uma grande parte do receio com os efeitos da revolução tecnológica em curso não serão substancialmente diferentes, do ponto de vista qualitativo, daqueles que já conhecemos em anos mais recentes.



Ultimamente, estamos à espera de um ponto fixo num mundo caótico, pois é disso que precisamos enquanto seres humanos. É a tensão permanente entre este desafio e a procura de conforto que nos leva a agir e para a qual a reorientação do nosso sistema educativo é fundamental.

Karim el Aynaoui sublinhou três transformações estruturais que afetam as sociedades contemporâneas. A primeira diz respeito à proteção que é exigida ao Estado por parte do cidadão face a mundo em desordem, e que implica também uma exigência de organização da aplicação e desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA).

Em segundo lugar, existe uma transformação demográfica assente no rápido envelhecimento das populações das econo-

STRUCTURAL TRANSFORMATION AND GLOBAL INEQUALITY

Luís Pais Antunes noted that this is not the first time we have seen or foreseen a significant change in social organisation and the labour market. As an example, over the last 25 years, the volumetric structure of the Portuguese labour market has remained essentially the same, an illustration of an increase in the category of specialists in intellectual and scientific activities in roughly the same proportion as the decrease in the weight of agriculture in the volume of employment. Much of the fear about the effects of the ongoing technological revolution will not be substantially different, from a qualitative point of view, from those we have already experienced in more recent years.



Ultimately, we have been waiting for a fixed point in a chaotic world, because that is what we need as human beings. It is the permanent tension between this challenge and the search for comfort that drives us to act and for which the reorientation of our education system is fundamental.

KARIM EL AYNAOUI

Karim el Aynaoui emphasised three structural changes affecting contemporary societies. The first concerns the protection demanded of the state by citizens in the face of a world in disarray, which also implies a need to organise the application and development of Artificial Intelligence (AI).

Secondly, there is a demographic transformation based on the rapid ageing of populations in advanced economies, jeopardising the efficiency necessary for democratic legitimacy and

mias avançadas, colocando em causa a eficiência necessária à legitimidade democrática e levando ao surgimento de um modelo iliberal que coloca pressão sobre as próprias democracias.

Por fim, assiste-se a uma transformação económica – uma espécie de corrida para o fundo do poço que cria um ambiente não cooperativo em termos de reformulação dos fluxos comerciais e das cadeias de valor global. Enquanto anteriormente vigorava o Consenso de Washington Plus, hoje o modelo de crescimento não é tão evidente, particularmente quando falamos do continente africano – qual é o modelo de crescimento num mundo de crescentes restrições comerciais e políticas protecionistas? Ultimamente, estamos à espera de um ponto fixo num mundo caótico, pois é disso que precisamos enquanto seres humanos. É a tensão permanente entre este desafio constante e a procura de conforto que nos leva a agir – e para a qual a reorientação do nosso sistema educativo é fundamental.

Branko Milanović refletiu sobre as grandes transformações económicas globais dos últimos dois séculos, com foco particular nos últimos 40 anos. Dados sobre desigualdade mundial desde o século XIX revelam que, apesar do crescimento das desigualdades internas em muitos países (como os EUA, Reino Unido, Índia ou Portugal), a desigualdade global entre indivíduos diminuiu significativamente, impulsionada sobretudo pelo rápido crescimento económico da China, e em menor grau, da Índia, Indonésia e Vietname. Este fenómeno, conhecido como “o efeito China”,



Com a China a atingir um nível de rendimento que já não contribui para a redução da desigualdade global, e com África a enfrentar dificuldades persistentes em convergir, o declínio dessa desigualdade pode ter atingido um ponto de inflexão.

leading to the emergence of an illiberal model that puts pressure on democracies themselves.

Finally, we are witnessing an economic transformation – a kind of race to the bottom that creates an uncooperative environment in terms of reshaping trade flows and global value chains. Whereas previously the Washington Consensus Plus was in force, today the growth model is not so evident, particularly when we talk about the African continent – what is the growth model in a world of increasing trade restrictions and protectionist policies? Ultimately, we have been waiting for a fixed point in a chaotic world, because that is what we need as human beings. It is the permanent tension between this challenge and the search for comfort that drives us to act, and for which the reorientation of our education system is fundamental.

Branko Milanović reflected on the major global economic transformations of the last two centuries, with a particular focus on the last 40 years. Data on global inequality since the 19th century reveal that, despite the growth of internal inequalities in many countries (such as the US, UK, India or Portugal), global inequality between individuals has decreased significantly, driven above all by the rapid economic growth of China, and to a lesser extent, India, Indonesia and Vietnam. This phenomenon, known as the ‘China effect’, marked a historic change: for the first time in two centuries, citizens of Asian countries have joined the upper echelons of the global income distribution in significant numbers.



With China reaching a level of income that no longer contributes to reducing global inequality, and with Africa facing persistent difficulties in converging, the decline in inequality may have reached a turning point.

-

BRANKO MILANOVIĆ

marcou uma mudança histórica: pela primeira vez em dois séculos, cidadãos de países asiáticos passaram a integrar, em número relevante, os escalões superiores da distribuição global de rendimento.

No entanto, essa tendência parece ter estagnado desde 2018. Com a China a atingir um nível de rendimento que já não contribui para a redução da desigualdade global, e com África a enfrentar dificuldades persistentes em convergir, o declínio dessa desigualdade pode ter atingido um ponto de inflexão. Esta redistribuição global de rendimentos implicou ainda um reposicionamento relativo: as classes médias e baixas de países ricos, como Itália ou EUA, desceram na hierarquia global, não por empobrecimento absoluto, mas porque foram ultrapassadas por milhões de cidadãos asiáticos em ascensão. Esta reconfiguração tem implicações geopolíticas profundas: o medo da ascensão chinesa explica em parte o recuo dos EUA em relação à globalização, ao passo que, a nível individual, o Ocidente deixou de dominar isoladamente os estratos mais altos da economia mundial.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: EVOLUÇÃO, POTENCIAL E LIMITES

Catarina Barata notou que uma transformação muito interessante nestes 25 anos consiste no facto de o computador se ter tornado uma ferramenta transversal a muitas profissões, tornando-se parte do nosso quotidiano e refletindo o crescimento exponencial da digitalização da informação. Por sua vez, a IA não é algo que tenha surgido agora – os primeiros avanços deram-se por volta dos anos 1950 e os modelos que hoje utilizamos surgiram entre 1980 e 1995.

Contudo, a transformação a que hoje assistimos deve-se não apenas aos avanços na área digital, mas sobretudo aos avanços na área da arquitetura de sistemas, impulsionada por empresas, como a NVIDIA, que têm gerado ferramentas que permitem desenvolver estes modelos. Tal com o computador, o interesse e a aplicação da inteligência artificial é transversal a todas as áreas, gerando contribuições que são hoje reconhecidas com Prémio

However, this trend seems to have stalled since 2018. With China reaching a level of income that no longer contributes to reducing global inequality, and with Africa facing persistent difficulties in converging, the decline in inequality may have reached a turning point. This global redistribution of income has also implied a relative repositioning: the middle and lower classes in rich countries such as Italy or the USA have fallen down the global hierarchy, not because of absolute impoverishment, but because they have been overtaken by millions of rising Asian citizens. This reconfiguration has profound geopolitical implications: fear of China's rise partly explains the US's retreat from globalisation, while on an individual level, the West no longer dominates the upper strata of the world economy in isolation.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE: DEVELOPMENTS, POTENTIAL AND BOUNDARIES

Catarina Barata noted that a very interesting transformation in these 25 years is that the computer has become a tool that cuts across many professions, becoming part of our daily lives and reflecting the exponential growth in the digitisation of information. AI is not something that has just emerged – the first advances were made around the 1950s and the models we use today emerged between 1980 and 1995.

However, the transformation we are witnessing today is due not only to advances in the digital area, but above all to advances in the area of systems architecture, driven by companies such as NVIDIA, which have generated tools that allow these models to be developed. Like the computer, the interest in and application of artificial intelligence cuts across all areas, generating contributions that are now recognised with Nobel Prizes. In the field of



Nobel. Na área da saúde, por exemplo, existem sistemas que permitem não apenas melhorar e acelerar o diagnóstico, como ajudar na investigação médica, provando à comunidade médica que estes sistemas podem ajudar a avançar o conhecimento e desbloquear uma colaboração sem medo da substituição.



Torna-se necessário ter em conta os alertas dos profissionais de IA para o facto de ser necessário regulamentar esta tecnologia, em particular a Inteligência Artificial Generativa, que pode ser utilizada para fins nefastos e prejudiciais aos melhores interesses das populações.

Luís Pais Antunes apresentou uma reflexão de um dos galardoados com o Prémio Nobel da Física, que disse recentemente que a inteligência artificial generativa, como a conhecemos hoje, ainda se limita a utilizar o conhecimento que nós enquanto seres humanos fomos desenvolvendo, mas que tal não se irá verificar em três ou quatro anos, pois já não vamos sequer perceber o que é que a máquina está a fazer. Por sua vez, **Catarina Barata** referiu que o facto de o lançamento do ChatGPT-5 ter sido atrasado deve-se à inexistência de mais dados para a sua aprendizagem. Quando o modelo é treinado com os dados gerados por si próprio, entra em colapso e gera dados sintéticos falsos – o que é preocupante, pois estaremos a informar as pessoas de coisas que não são verdadeiras.

Salientam-se também dois aspetos cruciais na abordagem a esta tecnologia. O primeiro diz respeito à dificuldade no acesso a ferramentas de IA, marcadas por uma distribuição que não é universal e que pode gerar desigualdades económicas. Apesar

health, for example, we have systems that not only improve and speed up diagnosis, but also help with medical research, proving to the medical community that these systems can help advance knowledge and unlock collaboration without fear of substitution.



It is necessary to take into account the warnings of AI professionals about the regulation of this technology, in particular Generative Artificial Intelligence, which can be used for nefarious purposes that are detrimental to the best interests of the population.

CATARINA BARATA

Luís Pais Antunes presented a reflection by one of the winners of the Nobel Prize for Physics, who recently said that generative artificial intelligence, as we know it today, is still limited to using the knowledge that we as human beings have developed, but that this will not be the case in three or four years, when we will no longer even understand what the machine is doing. **Catarina Barata** said that the fact that the launch of ChatGPT-5 has been delayed is due to the lack of more data for learning. When the model is trained with self-generated data, it collapses and generates false synthetic data – which is worrying because we'll be informing people of things that are not true.

There are also two crucial aspects in the approach to this technology. The first concerns the difficulty in accessing AI tools, which are not universally distributed and can lead to economic inequalities. Although there is a great opportunity in areas such as healthcare, for example, which will increase equal access to this service, there is still a great difficulty in distributing these tools,

de existir uma grande oportunidade em áreas como a prestação de cuidados de saúde, por exemplo, e que permitirá aumentar a igualdade no acesso a este serviço, existe ainda grande dificuldade em distribuir estas ferramentas, que, ao momento, continuam a ser significativamente dispendiosas. Em segundo lugar, torna-se necessário ter em conta os alertas dos profissionais de IA sobre a regulamentação desta tecnologia, em particular a Inteligência Artificial Generativa, que pode ser utilizada para fins nefastos e prejudiciais aos melhores interesses das populações.

which at the moment remain significantly expensive. Secondly, it is necessary to heed the warnings of AI professionals that it is necessary to regulate this technology, in particular Generative Artificial Intelligence, which can be used for nefarious purposes that are detrimental to the best interests of the population.



O Mundo Dividido

2024
Conferência
de Lisboa
Lisbon Conference

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE



GOVERNAÇÃO TECNOLÓGICA E PARTICIPAÇÃO PÚBLICA

Kathy Peach afirmou que, como seres humanos, a forma como sempre progredimos assenta num esforço coletivo de junção dos nossos conhecimentos, ideias e perceções que faz avançar a civilização. Como tal, urge questionar: como é que a IA nos ajuda a progredir e quais são os riscos que representa para a nossa inteligência coletiva? Apesar de existir um grande potencial nesta tecnologia, talvez estejamos a seguir o caminho errado.

Primeiramente, devemos ter consciência de que a IA é o produto de uma enorme quantidade de trabalho humano que continua a depender da inteligência coletiva de grupos de pessoas que estão a afinar esses mesmos modelos, moderando os seus resultados e testando as suas vulnerabilidades.

Seguidamente, temos de nos questionar para que estamos a utilizar a IA e porquê. Neste momento, o mundo e as grandes empresas estão a tentar construir uma IA que nos automatiza, em vez de nos melhorar enquanto humanos. Exemplo disso é o conjunto de aplicações desenvolvidas que substituem profissões criativas e que, apesar de espelhar ganhos de produtividade, não satisfaz a necessidade maior de promover a forma como trabalhamos em conjunto. Apesar de haver exemplos de modelos que ajudam a gerir recursos naturais e que promovem a participação política, os mesmos não representam a maior parte do investimento em IA, o que tem um impacto fundamental na desigualdade. Se olharmos para os grandes problemas da atualidade e que exigem compromissos realmente difíceis de alcançar – desde as alterações climáticas à desigualdade – há muito menos investimento em IA que nos ajude efetivamente a trabalhar em grupo de forma eficaz.

Além disso, o paradigma atual assenta na necessidade de ter modelos cada vez maiores, que exigem cada vez mais poder de computação, o que significa que toda a IA está atualmente a ser monopolizada por um número muito pequeno de empresas grandes e poderosas – o que deve ser objeto de grande preocupação.

TECHNOLOGICAL GOVERNANCE AND PUBLIC ENGAGEMENT

Kathy Peach noted that, as human beings, the way we have always progressed is based on a collective effort to bring together our knowledge, ideas and perceptions, which is what drives civilisation forward. As such, the question must be asked: how does AI help us progress and what risks does it pose to our collective intelligence? Although there is great potential in this technology, perhaps we are going down the wrong path.

Firstly, we must realise that AI is the product of an enormous amount of human work that continues to depend on the collective intelligence of groups of people who are fine-tuning those same models, moderating their results and testing their vulnerabilities.

Secondly, we have to ask ourselves what we are using AI for and why. At the moment, the world and big companies are trying to build AI that automates us, rather than augmenting us as humans. An example of this is the range of applications that have been developed to replace creative professions and which, although reflecting productivity gains, do not fulfil the greater need to promote the way we work together as a group of people. Although there are examples of models that help manage natural resources and promote political participation, they don't account for the majority of investment in AI, which has a fundamental impact on inequality. If we look at today's big problems that require really hard compromises – from climate change to inequality – there is much less investment in AI that actually helps us work together effectively.

Furthermore, the current paradigm is based on the need to have bigger and bigger models that require more and more computing power, which means that all AI is currently being monopolised by a very small number of large and powerful companies – and that should be a cause for great concern.

Karim el Aynaoui abordou o paradoxo da tecnologia como motor de desenvolvimento, destacando a desigualdade no seu acesso e aplicação a nível global. Apesar dos benefícios da inovação, em setores como a agricultura, tecnologias fundamentais – como sensores remotos e testes de solo – não estão a chegar de forma massiva a países africanos. Este bloqueio tecnológico revela uma assimetria estrutural que impede muitos de usufruírem das transformações digitais. No entanto, existem exemplos positivos de superação: o continente africano conseguiu contornar etapas convencionais noutros setores, como as telecomunicações ou os serviços financeiros, ao adotar diretamente soluções móveis – como o *fintech* – sem passar por infraestruturas caras e ineficazes. Esta capacidade de “salto tecnológico” (*leapfrogging*) é um sinal de que modelos alternativos são viáveis.

Adicionalmente, ferramentas de IA generativa, como o ChatGPT, podem elevar a capacidade cognitiva individual, criando novas possibilidades sobre a democratização do acesso ao conhecimento e transformando a relação das pessoas com o saber e a produtividade. Ultimamente, deve existir um modelo de governação global onde as empresas tecnológicas sejam parte ativa e responsabilizável, integrando estruturas de regulação com obrigações políticas e sociais claras, sendo responsabilizadas pelo mau uso das suas ferramentas. Esta abordagem, que admite a criação de uma taxa global para o seu financiamento, deve assentar na transparência, corresponsabilidade e numa governança partilhada, pois os impactos da IA — da cibersegurança às eleições — são globais e transversais.

Kathy Peach reforçou ainda a incerteza que ainda persiste sobre até que ponto a sociedade está disposta a aceitar a automatização total de certas interações, em especial nos serviços públicos. Recordou o trabalho desenvolvido com a Cruz Vermelha no Nepal, onde foi criada uma ferramenta de IA para prever as necessidades de diferentes comunidades após uma crise. Ao contrário do que antecipavam, as populações afetadas acolheram positivamente a solução, precisamente por verem na tecnologia uma alternativa mais justa aos sistemas existentes, frequentemente marcados por favoritismos e falhas estruturais. Este exemplo ilustra um ponto central: a aceitação social da IA

Karim el Aynaoui highlighted the paradox of technology as both an enabler of development and a source of global inequality. Despite its many advantages, in sectors such as agriculture, essential technologies – like remote sensing and soil testing – are still not reaching Africa at scale. This technological lag illustrates a structural asymmetry that hinders large segments of the population from benefiting from digital transformation. Yet, there are encouraging examples in Africa, particularly in telecommunications and fintech. Instead of relying on costly infrastructure such as nationwide landlines or brick-and-mortar banks, many countries have embraced mobile technology to deliver financial services, showing that alternative development models are viable.

Additionally, generative AI tools such as ChatGPT can raise individual cognitive capacity, creating new possibilities for democratising access to knowledge and transforming people's relationship with knowledge and productivity. Ultimately, there must be a global governance model in which technology companies are an active and accountable part, integrating regulatory structures with clear political and social obligations, and being held responsible for the misuse of their tools. This approach, which includes the creation of a global tax to fund it, must be based on transparency, co-responsibility and shared governance, because the impacts of AI – from cybersecurity to elections – are global and transversal.

Kathy Peach reinforced yet the uncertainty surrounding how far society is truly willing to accept full automation, especially within public services. She recalled her work with the Red Cross in Nepal, where an AI tool was developed to predict what types of aid different communities would need after a crisis. Contrary to expectations, affected populations embraced the system, precisely because they perceived it as a fairer alternative to existing aid distribution mechanisms, often seen as biased or inefficient. This example highlights a broader insight: social acceptance of AI hinges not only on the specific use case and context, but also on the perceived trustworthiness of the implementing institution.

Challenging the dominant narrative that AI is something merely “happening to us,” society retains agency – and should exercise that agency with deliberation and care. A stronger public

depende não apenas da sua função e contexto, mas também da confiança na instituição que a implementa.

Apesar da narrativa dominante de que “a IA está a acontecer connosco”, as sociedades mantêm margem de escolha – e esse poder de decisão deve ser exercido com responsabilidade. Por isso, é necessário um papel mais ativo do público na governação destas tecnologias, sobretudo no setor público, onde o impacto social é direto. Além disso, deve ser tida em conta a limitação de se tentar gerir riscos apenas através de modelos matemáticos, ignorando que o risco, em última análise, é uma construção social. Existe igualmente um novo desafio técnico e ético: à medida que se esgotam os dados humanos disponíveis para treino de modelos, cresce a utilização de dados sintéticos gerados por IA, o que pode comprometer, a prazo, a fiabilidade e robustez dos próprios sistemas.



Há uma sensação geral de que ‘isto está a acontecer-nos e não podemos fazer nada’. Não é esse o caso. Podemos absolutamente decidir como utilizar a IA – onde devemos e onde não devemos.



There is a general sense of ‘this is happening to us, and we cannot do anything about it’. That is not the case. We can absolutely decide how we use AI – where we should, where we should not.

-

KATHY PEACH



DEBATE

A discussão que se seguiu à apresentação de Branko Milanović centrou-se em temas como o futuro da redistribuição global de rendimentos, a ascensão económica da China, o papel da Índia e de África, o impacto da IA na desigualdade e os valores incorporados nestes sistemas.

Karim el Aynaoui questionou se a redistribuição global de rendimentos continuaria após 2018, tendo em conta as mudanças políticas na China, e que políticas seriam aconselhadas para os "perdedores" dessa dinâmica. Como salientado por Branko Milanović, com base em dados preliminares até 2022, a China continua a superar os EUA, ainda que a um ritmo mais lento. A continuação da redução da desigualdade global dependerá do desempenho de África e da Índia. Caso África não convirja economicamente, a desigualdade poderá voltar a aumentar. Quanto às políticas, expressou pessimismo face à escolha dos EUA por uma rota de desglobalização – rejeitando a redistribuição interna em favor de tarifas, blocos comerciais e contenção migratória.

Catarina Barata questionou que fatores impulsionaram a ascensão da China, tendo Branko Milanović atribuído esse sucesso à abertura económica de 1978 – só possível após a normalização das relações com os EUA –, que possibilitou o acesso ao mercado e à tecnologia americanos. Destacou ainda os elevados níveis de educação, igualdade de género e o facto de a China não ter caído na armadilha do endividamento externo, mas sim apostado no investimento direto estrangeiro.

Após Kathy Peach relevar a questão da IA como motor potencial de desigualdade, Branko Milanović admitiu incerteza, comparando o momento atual ao debate de David Ricardo sobre o impacto das máquinas no século XIX. No entanto, apontou para a possibilidade de a IA aumentar a quota do capital no rendimento nacional, em detrimento do trabalho, agravando assim a desigualdade antes de qualquer redistribuição.

Foi também referido que os decisores políticos deveriam agir com base em dados claros sobre desigualdade. No entanto, o

The discussion that followed Branko Milanović's presentation centred on topics such as the future of global income redistribution, China's economic rise, the role of India and Africa, the impact of AI on inequality and the values embedded in these systems.

Karim el Aynaoui questioned whether global income redistribution would continue after 2018, given the political changes in China, and what policies would be advised for the 'losers' of this dynamic. As highlighted by Branko Milanović, based on preliminary data up to 2022, China continues to outpace the US, albeit at a slower pace. The continued reduction in global inequality will depend on the performance of Africa and India. If Africa does not converge economically, inequality could rise again. As for policies, he expressed pessimism about the US choice of a de-globalisation path – rejecting internal redistribution in favour of tariffs, trade blocs and migratory containment.

Catarina Barata asked what factors drove China's rise, and Milanović attributed this success to the economic opening of 1978 – only possible after the normalisation of relations with the US – which allowed access to the American market and technology. He also emphasised the high levels of education, gender equality and the fact that China had not fallen into the trap of foreign debt, instead focusing on foreign direct investment.

After Kathy Peach highlighted the issue of AI as a potential driver of inequality, Branko Milanović admitted uncertainty, comparing the current moment to David Ricardo's debate on the impact of machines in the 19th century. However, he pointed to the possibility of AI increasing the share of capital in national income, to the detriment of labour, thus exacerbating inequality before any redistribution.

It was also mentioned that political decision-makers should act on the basis of clear data on inequality. However, the political process is slow, conditioned by electoral dynamics

processo político é lento, condicionado por dinâmicas eleitorais e medos identitários. Só quando a pressão popular aumenta – como acontece atualmente nos EUA e na Europa – é que essas questões entram na agenda política, ainda que, muitas vezes, sob formas populistas ou reacionárias.

Outras intervenções incidiram sobre a relação entre IA, valores e ética. Perante a pergunta sobre se as máquinas podem criar valores próprios, e a interrogação subsequente sobre como se definem os valores certos a programar, os oradores mostraram consenso: as máquinas não têm valores intrínsecos – apenas refletem os de quem as programa.

Neste sentido, é preciso salientar que os modelos matemáticos aprendem estatísticas e padrões, mas não ética. Além disso, existe uma homogeneidade de quem atualmente programa IA – sobretudo homens brancos, ocidentais e ricos – pelo que são necessários processos mais democráticos e participativos, como salientado por Kathy Peach. A propósito, partilhou uma experiência nos EUA em que os valores de um modelo de IA foram definidos por crowdsourcing junto da população.

Karim el Aynaoui lembrou que existe um conjunto mínimo de valores universais – como a liberdade, a segurança e o respeito pela vida humana – partilhado entre nações e essencial ao funcionamento coletivo. Catarina Barata introduziu uma distinção importante entre valores estruturantes da sociedade e aqueles aplicáveis a contextos específicos, como é o caso do diagnóstico médico. A este propósito, Branko Milanović concluiu que o maior desafio da IA não reside nos valores em si, mas sim na sua governação – uma tarefa ainda por concretizar, face à ausência de fronteiras digitais e aos limites da regulação nacional ou regional.

and identity fears. Only when popular pressure increases – as is currently the case in the US and Europe – do these issues enter the political agenda, albeit often in populist or reactionary forms.

Other interventions focussed on the relationship between AI, values and ethics. Faced with a question about whether machines can create their own values, and the subsequent question about how to define the right values to programme, the speakers agreed: machines don't have intrinsic values – they only reflect those of the people who programme them.

It should be noted that mathematical models learn statistics and patterns, but not ethics. There is also homogeneity of those who currently programme AI – mainly white, western and wealthy men – and therefore more democratic and participatory processes are needed, as mentioned by Kathy Peach. In this regard, she shared an experience in the US in which the values of an AI model were defined by crowdsourcing.

Karim el Aynaoui recalled that there is a minimum set of universal values – such as freedom, security and respect for human life – shared between nations and essential to collective functioning. Catarina Barata made an important distinction between values that structure society and those that apply to specific contexts, such as medical diagnosis. In this regard, Branko Milanović concluded that the greatest challenge of AI lies not in the values themselves, but in their governance – a task yet to be realised, given the absence of digital borders and the limits of national or regional regulation.

Veja o vídeo
Watch the video







INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, FUTURO DO EMPRE

KARIM EL AYNABOU

AI INFLUENCE ON JOBS?

POLITICS - PROTECTION
CLIMATE - ALSO IMPACTS
DEMOGRAPHICS - CHALLENGE

COUNTRIES HAVE
DIFFERENT GROWTH
MODELS

SERÁ QUE A IA
VAI EVOLUIR MAIS
DEPRESSA DO QUE
PENSAMOS

O PODER ASSENTA
EM MODELOS DE DECISÃO
AINDA ARCAICOS

CREATE
FEARS

RACIONALITY
+ INTUITION

IT WILL
AFFECT ALL
SECTORS

BRANKO MILANOVIC

LEVEL OF INEQUALITY
IS GROWING
UNTIL END OF 20TH CENTURY
NOW IT IS DECLINING

ECONOMY
ARE CHANGING
POSITION
THE RANKING

CHINA IS CAUSING IT

LUÍS PAIS ANTUNES

NÃO É A PRIMEIRA
GRANDE REVOLUÇÃO
TECNOLÓGICA

25 ANOS
A SOCIEDADE NÃO MUDOU
ASSIM MUITO, MAS...

AGRICULTURA 12% → 2%
INDÚSTRIA 23% → 13%
(-1M / +800K INTELLECTUAIS)

CATARINA BARATA

UMA FERRAMENTA
TRANSVERSAL!

A IA TEM
MUITOS ANOS...

GRANDES AVANÇOS
NOS ÚLTIMOS 12
ANOS

MÉDICO "A.I." → MAIOR EMPATIA!
ChatGPT

CB

DESIGUALDADES

KA

WILL THIS
TENDENCY
CONTINUE?

A INFRAESTRUTURA EVOLUI MUITO
E MAIS RECENTEMENTE

KATHY PEACH

WE TRAIN STUDENTS FOR THE LONG TERM

"COLLECTIVE INTELLIGENCE DESIGN"

HOW CAN AI
AUGMENT OUR
HUMAN INTELLIGENCE?

80 OPTIMISTS
20 PESSIMISTS

GOOD TECH, WRONG/BAD USE AND
APPLICATION

WE NEED
BIGGER MODELS.

MORE COMPUTING
POWER

SURPRISE! SOME PEOPLE WANT
MORE AUTOMATION...
DEPENDS ON WHO USES IT!

DANGER!

AI INFO BASED ON FAKE DATA

CB

WHAT WAS THE
GAME CHANGER
FOR CHINA?

KP

WHAT WILL
BE THE EFFECT
OF AI?

THE AI RACE IS
BETWEEN CHINA
AND THE USA

GO HOME. BI



ENERGY!

HOT!

139

TALK 2

undo Dividido

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE

2024
Conferência
de Lisboa

2024
Conferência
de Lisboa

TALK 2 TALK 2

A ÓPERA COMO PALCO DE CRISES E JOGOS DE
OPERA AS A STAGE OF CRISES AND POWER

Bruno de Menezes Ribeiro
Conceição Lino





BRUNO DE MENEZES RIBEIRO
Primeiro tenor de ópera, Lisboa & Roma
1st Opera Tenor, Lisbon & Rome



CONCEIÇÃO LINO
Jornalista sénior da SIC, Lisboa
Senior Journalist at SIC TV, Lisbon

A ÓPERA COMO PALCO DE CRISES E JOGOS DE PODER

Uma conversa sobre como a ópera é espelho frequente
de roturas e conflitos.

OPERA AS A STAGE OF CRISES AND POWER GAMES

A conversation about how opera mirrors rupture and conflict.

Nesta sessão, Conceição Lino e Bruno de Menezes Ribeiro exploraram a ópera como reflexo dos conflitos sociais, políticos e emocionais que marcam a história da humanidade. Com recurso a exemplos históricos, análise musical e interpretações ao vivo de árias de compositores como Monteverdi, Mozart, Verdi, Puccini e Haendel, a conversa demonstrou como esta forma artística traduz, nas suas narrativas e harmonias, as tensões e aspirações de cada época.

A conversa começou com a evocação de Viktor Ullmann, compositor morto em Auschwitz, cuja ópera *Der Kaiser von Atlantis* foi uma provocação direta ao regime nazi – evidência de como a arte pode ser veículo de resistência. Foi também salientado que, ao longo dos séculos, a censura e o controlo do poder moldaram o tipo de mensagens que as óperas podiam transmitir, tornando comum o uso de alegorias e mitologias.



A ópera é um reflexo de tudo aquilo que somos, das nossas situações políticas e sociais, do que se passa no mundo. No fundo, a definição daquilo que é a humanidade. A frágil humanidade.

Monteverdi, no século XVII, foi apontado como pioneiro da ópera moderna, ajudando a democratizar o acesso à arte com espetáculos pagos pelo público – o que contribuiu para a diversidade social nas plateias. Mozart, mais tarde, desafiou as convenções do Antigo Regime, com obras como *As Bodas de Fígaro* e *Don Giovanni*, que espelhavam desigualdades sociais e expunham os abusos cometidos pelas elites.

Verdi e Puccini ilustraram como a ópera pode tocar o coração coletivo de um povo. No caso de Verdi, *Nabucco* tornou-se símbolo do desejo de unidade italiana, com o célebre *Coro dos Escravos Hebreus* a ser quase adotado como hino nacional. Já

In this session, Conceição Lino and Bruno de Menezes Ribeiro explored opera as a reflection of the social, political, and emotional conflicts that shape human history. Through historical references, musical analysis, and live performances of arias by composers such as Monteverdi, Mozart, Verdi, Puccini, and Handel, the conversation revealed how this art form expresses the tensions and aspirations of its time.

The session opened with the story of Viktor Ullmann, a composer killed in Auschwitz, whose opera *Der Kaiser von Atlantis* was a direct provocation against the Nazi regime – a powerful example of art as resistance. The discussion also highlighted how censorship and political control have historically influenced the messages operas could convey, often requiring the use of allegories and mythological narratives.



The opera is a reflection of everything we are, of our political and social situations, of what is happening in the world. In essence, the definition of what humanity is. The fragile humanity."

Monteverdi, in the 17th century, was portrayed as a pioneer of modern opera, contributing to the democratisation of the art form by opening performances to paying audiences. Mozart, later, challenged the conventions of the Ancien Régime through works like *The Marriage of Figaro* and *Don Giovanni*, which exposed social inequalities and the abuses of the elite.

Verdi and Puccini demonstrated opera's ability to resonate with a people's collective heart. Verdi's *Nabucco*, for example, became a symbol of Italian unification, with the famous *Chorus of the Hebrew Slaves* nearly adopted as the national anthem. Puccini, deeply influenced by cinematic language and the turbulent

BRUNO DE MENEZES RIBEIRO



Puccini, profundamente influenciado pela linguagem cinematográfica e pelo seu tempo, criou obras intensamente emocionais, como *Tosca*, onde o poder masculino, a opressão e a luta pela liberdade convergem numa narrativa brutalmente humana.

A ária *Vissi d'arte*, interpretada ao vivo por Alexandra Bernardo, foi o ponto alto emocional do encontro, revelando a vulnerabilidade e força de uma mulher subjugada, mas resistente. A sessão terminou com uma reflexão sobre *Lascia ch'io pianga*, de Haendel, cuja invocação da palavra *libertà* mostrou como a música pode eternizar o desejo humano de emancipação, mesmo nos contextos mais sombrios.

A ópera, concluiu-se, permanece profundamente atual: o que foi relevante há séculos continua a tocar-nos hoje, porque a condição humana – com as suas contradições, dores e sonhos – pouco mudou.

politics of his time, composed emotionally charged works like *Tosca*, where male power, oppression, and the yearning for freedom converge in a profoundly human narrative.

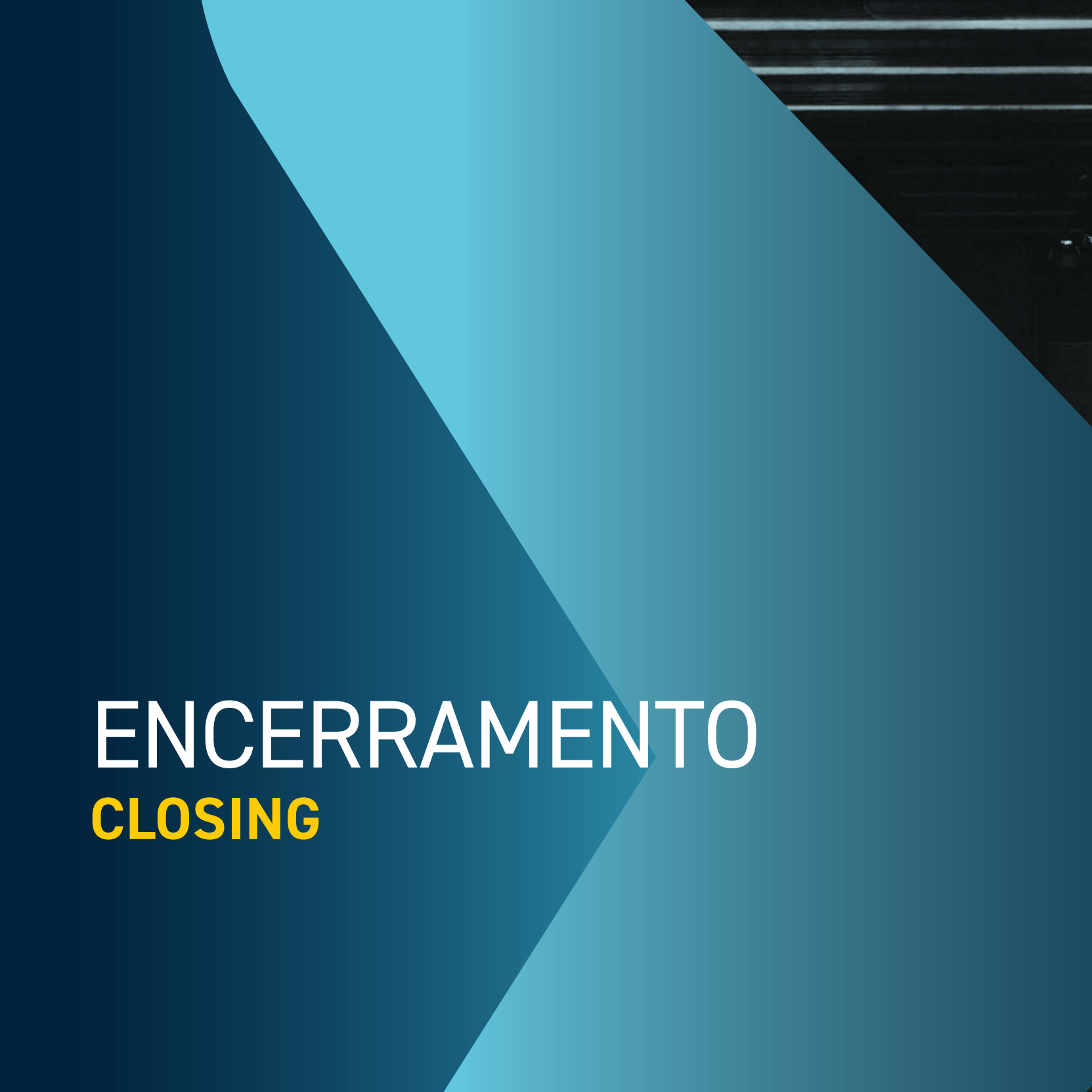
The aria *Vissi d'arte*, performed live by Alexandra Bernardo, stood as an emotional climax, portraying a woman torn by love, power, and circumstance – yet retaining agency. The session concluded with Handel's *Lascia ch'io pianga*, highlighting how the word *libertà* can musically encapsulate the universal longing for freedom, even in moments of despair.

Opera, it was concluded, remains strikingly relevant: what resonated centuries ago still moves us today, because the human condition – with its contradictions, pain, and yearning – remains essentially unchanged.

Veja o vídeo
Watch the video







ENCERRAMENTO
CLOSING

2024
Conferências
de Lisboa

ENCERRAMENTO CLOSING

2024
Conferências
de Lisboa
Lisbon Conference

Associação Calouste Gulbenkian

11 OUT

conferências
www.clu



CARLOS MOEDAS
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
Mayor of Lisbon

Carlos Moedas, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, reconheceu que há razões para estarmos mais pessimistas ao olhar para o mundo, entre as quais as guerras em curso, o crescimento das divisões globais e da polarização das sociedades, e os perigos para a democracia e para os valores fundamentais da liberdade de expressão, da liberdade religiosa, ou simplesmente da liberdade de pensar diferente – valores estes que fazem parte da identidade europeia.

Carlos Moedas, Mayor of Lisbon, acknowledged that there are reasons to be pessimistic when looking at the current state of the world, including wars, the rising global divisions and polarisation of societies, as well as threats to democracy and the fundamental values of freedom of expression, freedom of religion, or simply the freedom to think differently – values that are an integral part of the European identity.

➤ *Olhar para as guerras que vivemos e para as nossas sociedades divididas, e polarizadas – e principalmente para quem cresceu nos anos 80 ou 90 – parece quase impensável. Tudo isto parece algo que simplesmente não poderia ter acontecido, pelo que é difícil não cairmos no pessimismo. O mundo está diferente e tornou-se perigoso – inclusivamente no que diz respeito ao nosso próprio modo de vida, que a minha geração tomou como garantido.*

➤ *Looking at the wars we are experiencing and our divided and polarised societies – especially for those who grew up in the 1980s or 1990s – seems almost unthinkable. All this seems like something that simply could not have happened, so it is difficult not to fall into pessimism. The world is different and has become dangerous – including regarding our own way of life, which my generation took for granted.*

Citando o historiador Arnold Toynbee, “*as civilizações nascem e desenvolvem-se ao responder com sucesso aos desafios sucessivos. Elas desmoronam-se e fragmentam-se se, e quando, são confrontadas com um desafio que não conseguem superar*”. Esta é uma questão fundamental: será que falharemos os desafios que temos pela frente? Que respostas estão a emergir para enfrentar esses desafios? E os desafios são essencialmente em três áreas: o desafio político, o desafio moral e o desafio tecnológico.

Em primeiro lugar, enfrentamos um enorme desafio político com o regresso ao domínio do poder bélico e também à geopolítica como componente preponderante da economia. A Europa, que subcontratou a prosperidade económica à China, a energia à Rússia e a defesa aos EUA, tem agora de se adaptar à ideia de que precisa de superar essas dependências e vulnerabilidades – e isso só poderá ser combatido com mais Europa. Para que seja um ator político global, é preciso que a Europa volte a olhar para a sua industrialização, invista num mercado único de energia (que foi bloqueado durante tanto tempo) e aposte na sua segurança através de um exército europeu, mesmo que isso não seja conseguido a curto-prazo. Josep Borrell afirmou, há alguns anos, que toda a ideia da Europa, uma ideia tão bonita, foi construída contra a ideia de poder; mas a Europa tem agora de se readaptar à ideia de que precisa desse poder que repudiou, principalmente enquanto grande ator político.

Em segundo lugar, assistimos a um choque entre visões do mundo tão diferentes, que incorporam um conflito de valores. Existe uma divisão entre democracias liberais e várias formas de ditadura e autocracia – em que, como descrito no livro de Anne Applebaum, *Autocracy, Inc.*, as autocracias, sendo diferentes em vários aspetos, estão unidas na defesa daquilo que é autocrático, contra os sistemas democráticos. Nesse sentido, devemos defender a democracia, incentivar a moderação e evitar os extremismos, aprofundar a abertura, a tolerância e o respeito mútuo, e promover, cada vez mais, a união na Europa. As autarquias locais desempenham um papel importante da defesa destes valores, pois, por definição, os autarcas são moderados e tolerantes, trabalhando sempre na realidade concreta.

Por último, o desafio tecnológico, com a IA e a computação quântica, tem um potencial tão vasto que desafia a nossa imagina-

To quote historian Arnold Toynbee, “civilisations come to birth and proceed to grow by successfully responding to successive challenges. They break down and go to pieces if and when a challenge confronts them which they fail to meet.” This is a fundamental question: will we fail to meet the challenges ahead? What responses are emerging to address these challenges? And the challenges are essentially in three areas: the political challenge, the moral challenge, and the technological challenge.

Firstly, we face a huge political challenge with the return to the dominance of war power and also of geopolitics in economic issues. Europe has outsourced economic prosperity to China, energy to Russia and defence to the US, but it must now adapt to the idea that it needs to overcome these dependencies and vulnerabilities – and this can only be tackled with 'more Europe'. To become a global political actor, Europe needs to take another good look at its industrialisation process, to invest in a single energy market (which has been blocked for so long) and to prioritise its security by focusing on creating a European army, even if this is not achieved in the short term. Josep Borrell stated a few years ago that the whole idea of Europe, such a beautiful idea, was built against the idea of power; but Europe now has to readjust to the idea that it needs the power it rejected, especially as a major political player.

Secondly, we are witnessing a clash between such different world views, which embody a conflict of values. There is a division between liberal democracies and various forms of dictatorship and autocracy – and as described in Anne Applebaum's book, *Autocracy, Inc.*, while autocracies differ in many respects, they are united in their defence of what is autocratic, and against democratic systems. It is therefore crucial to defend democracy, encourage moderation and avoid extremism, reinforce openness, tolerance and mutual respect, and increasingly promote unity in Europe. Local authorities play an important role in advocating for these values because they are by definition moderate and tolerant, as they are always working in tangible realities.

Finally, the technological challenge, with AI and quantum computing, has huge potential, so great that defies our imagi-



2024

onferências de Lisboa

Lisbon Conferences

Fundação Calouste Gulbenkian

10 > 11 OUT

#conferenciaslx2024

www.clubelisboa.pt



ção. Estamos num momento de viragem e só teremos consciência dos impactos daqui a algumas décadas, mas este desafio constitui uma oportunidade única, principalmente para as novas gerações.

Debater ideias e pensar no nosso futuro é mais importante do que nunca, sendo as Conferências de Lisboa um espaço de grande relevância para a nossa cidade e fundamental para perspetivar as respostas aos atuais desafios.

nation. We are at a turning point and will only be aware of the impacts in a few decades, but this challenge is a unique opportunity, especially for the younger generations.

Debating ideas and thinking about our future is more important than ever, and the Lisbon Conferences are a space of great relevance for our city and fundamental for envisioning responses to current challenges.



Há dois anos, nestas Conferências de Lisboa, perguntávamos se caminhávamos para uma nova ordem mundial e hoje, nesta edição, já discutimos os contornos dessa ordem, porque ela já é uma realidade.



Two years ago, at the Lisbon Conferences, we were asking whether we were moving towards a new world order and today, in this 6th edition, we are already discussing the features of that order, because it is already a reality.

Veja o vídeo
Watch the video



6ª CONFERÊNCIA DE LISBOA

Um Mundo Dividido

A Divided World

6TH LISBON CONFERENCE

2024
Conferências
de Lisboa
Lisbon Conferences







BIOGRAFIAS

SHORT BIOS

ORADORES POR ORDEM ALFABETICA
SPEAKERS IN ALPHABETICAL ORDER



┌ ANA SANTOS PINTO

Professora auxiliar no Departamento de Estudos Políticos da Universidade NOVA de Lisboa e investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-NOVA). É membro do Conselho de Curadores da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), membro do Conselho Consultivo da Fundação Anna Lindh e membro do Conselho Estratégico do Clube de Lisboa. Presidiu ao Grupo de Peritos Independentes que apresentou, em 2024, um relatório sobre a abordagem da NATO à vizinhança meridional. Ana foi Secretária de Estado da Defesa Nacional (2018-2019). As suas principais áreas de investigação e publicações académicas centram-se nas identidades na política internacional, na política externa e de segurança da UE, na segurança e defesa nas relações transatlânticas e na geopolítica do Médio Oriente.

Assistant Professor at the Department of Political Studies at Lisbon NOVA University and a Researcher at its Portuguese Institute of International Relations (IPRI-NOVA). Ana is a member of the Board of Trustees of the Luso-American Development Foundation (FLAD), a member of the Advisory Council of the Anna Lindh Foundation and a member of the Strategic Council of the Club of Lisbon. She chaired the Group of Independent Experts which delivered in 2024 a report on NATO's approach to the Southern Neighbourhood. She served as Secretary of State for National Defence (2018–2019). Her research and publications focus on Identities in International Politics, EU Foreign and Security Policy, Security and Defence in Transatlantic Relations, Middle East Geopolitics.



┌ BIANCA DRAGOMIR

Diretora do Cleantech for Iberia, que visa tornar a região no próximo líder industrial europeu em tecnologias limpas. Foi consultora da Comissão Europeia para "Indústria 2030", "Clusters industriais" e "Competências para a indústria das energias renováveis". Bianca foi a primeira mulher nomeada pela CE "Gestor Europeu de Clusters do Ano". Foi mais de uma década CEO da AVAESEN, fundou o primeiro acelerador europeu de clusters e a plataforma Clusters of Change. Tem dois mestrados e completou os estudos Exponential Thinking & Foresight na Singularity University. Colabora com o MIT Center for Collective Intelligence e a Global Entrepreneurship Network. Oradora em mais de 40 países, tem publicações em meios de comunicação internacionais, p.ex., The Independent, Financial Times, Politico.

Director of Cleantech for Iberia, aiming to make the region the next European clean technologies industrial leader. She was a consultant for European Commission on 'Industry 2030', 'Industrial clusters' and 'Skills for the renewable energy industry'. Bianca was the first woman to be named European Cluster Manager of the Year by the EC. She was CEO of AVAESEN for over a decade, founded the first European cluster accelerator and the Clusters of Change platform. He has two MA and completed Exponential Thinking & Foresight Studies at Singularity University. She collaborates with MIT Centre for Collective Intelligence and Global Entrepreneurship Network. She was a speaker in over 40 countries and publishes in international media, e.g. The Independent, Financial Times, Politico.



┌ BRANKO MILANOVIĆ

Académico sénior do Stone Center, New York City University. É especialista no estudo da desigualdade de rendimentos. Foi economista principal no Departamento de Investigação do Banco Mundial por 20 anos, saindo para escrever *Worlds Apart* (2005). The Globalist selecionou *The Haves and the Have-nots* (2011) como Livro do Ano de 2011. *Global Inequality* (2016) ganhou o Prémio Bruno Kreisky para melhor livro político de 2016 e o Prémio Hans Matthöfer (2018). Branko estuda os efeitos económicos e políticos da globalização e introduziu o conceito de "vagas de Kuznets" da desigualdade. Com Mariana Mazzucato, recebeu o Prémio Leontief de 2018 para o Avanço das Fronteiras do Conhecimento Económico. Livros recentes: *Capitalism, Alone* (2019), e *Visions of Inequality* (2023).

Senior Scholar at Stone Centre, City University of New York. His main area of work is income inequality. He was a senior economist in World Bank for almost twenty years, leaving to write *Worlds Apart* (2005). The Globalist selected *The Haves and the Have-nots* (2011) as the 2011 Book of the Year. *Global Inequality* (2016) won the Bruno Kreisky Prize for the best political book of the year and the Hans Matthöfer Prize in 2018. He addresses economic and political effects of globalisation and introduced the concept of inequality "Kuznets waves". With Mariana Mazzucato was awarded the 2018 Leontief Prize for Advancing the Frontiers of Economic Knowledge. Recent books: *Capitalism, Alone* (2019), *Visions of Inequality* (2023).



BRUNO DE MENEZES RIBEIRO

Primeiro tenor de ópera. Diretor artístico da AGLAIA, associação que apoia jovens cantores portugueses. Atuou nas principais salas de ópera e concerto em: Montreal, Florida, Minnesota, Dallas, Wexford, Hong Kong, Klosterneuburg, Viena, St Gallen, Leipzig, Wiesbaden, Parma, Florença, Turim, Monte Carlo, Dublin, Bilbao, Barcelona, Palma de Maiorca, Lisboa. Desempenhos: Verdi – La Traviata, Il Corsaro, Nabucco, La forza del Destino, Don Carlo, Stiffelio, Attila, Requiem; Puccini – Tosca, La Rondine; Rossini – Il Barbiere di Siviglia, Il Turco in Italia; Massenet – Manon; Bizet – Carmen; Bellini – I Capuleti e i Montecchi; Donizetti – Lucrezia Borgia; Strauss – Salomé; Montemezzi – L'amore dei tre re; Wagner – Tristão e Isolda; Cilea – Adriana Lecouvreur.

First Opera Tenor, acclaimed on various world stages. He is artistic director of the AGLAIA Association, aimed to promote young Portuguese singers. He performed in major opera houses and concert halls, in Montreal, Florida, Minnesota, Dallas, Wexford, Hong Kong, Klosterneuburg, Vienna, St Gallen, Leipzig, Wiesbaden, Florence, Parma, Turin, Monte Carlo, Dublin, Bilbao, Barcelona, Palma de Mallorca, and Lisbon. He performed: Verdi's La Traviata, Il Corsaro, Nabucco, La forza del Destino, Don Carlo, Stiffelio, Attila, Requiem; Puccini's Tosca, La Rondine; Rossini's Il Barbiere di Siviglia, Il Turco in Italia; Massenet's Manon; Bizet's Carmen; Bellini's I Capuleti e i Montecchi; Donizetti's Lucrezia Borgia; Strauss's Salomé; Montemezzi's L'amore dei tre re; Wagner's Tristan und Isolde; Cilea's Adriana Lecouvreur.



CARLOS MOEDAS

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Trabalhou no grupo Suez Lyonnaise des Eaux e na Goldman Sachs. Desde 2004 chefiou a Aguirre Newman em Portugal, sendo membro da Comissão Executiva do Grupo em Espanha. Em 2008 criou a sua empresa de gestão de investimentos. Eleito deputado em 2011, foi Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro (2011-2014). Foi Comissário Europeu da Investigação, Inovação e Ciência (2014-2019). Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian (2019-2021), é também Vice-Presidente do Instituto Jacques Delors em Paris. Das suas publicações destaca-se Open Innovation: Research, Practices and Policies, California Management Review, co-autoria com Henry Chesbrough (criador do conceito Open Innovation). É licenciado em Engenharia Civil pelo IST e MBA pela Universidade de Harvard.

Mayor of Lisbon. He worked at Suez Lyonnaise des Eaux Group and at Goldman Sachs. Since 2004 he chaired Aguirre Newman Portugal and was Member of the Group's Executive Committee in Spain. In 2008 he created his own investment management company. Elected to Parliament (2011), he was Assistant Secretary of State to the Prime Minister (2011-2014). He was European Commissioner for Research, Innovation and Science (2014-2019). A trustee at Calouste Gulbenkian Foundation (2019-2021), he is also Vice-President of Jacques Delors Institute, Paris. Publications include Open Innovation: Research, Practices and Policies, California Management Review, with Henry Chesbrough (creator of the Open Innovation concept). He is a Civil Engineer from IST and has an MBA from Harvard University.



CATARINA BARATA

Professora auxiliar do Instituto Superior Técnico (IST-UL). É também investigadora no Computer and Robot Vision Lab (VisLab) do Instituto de Sistemas e Robótica (ISR/IST-ID) e no Center for Responsible AI. O seu foco de investigação é a IA explicável (machine and deep learning), com ênfase ao desenvolvimento de representações mais eficientes para redes neuronais, inspiradas na forma como os humanos percebem o mundo e integram novas experiências. Na sequência do seu trabalho de investigação sobre visão computacional, com especial destaque para a análise de imagens médicas, Catarina ganhou um prémio de investigação Google Scholar em 2021. É autora e coautora de várias publicações científicas. Tem um doutoramento em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores pelo Instituto Superior Técnico.

Assistant Professor at the Instituto Superior Técnico (IST-UL). She is also a researcher at the Computer and Robot Vision Lab (VisLab) of the Institute for Systems and Robotics (ISR/IST-ID) and at the Centre for Responsible AI. Her research focus is on explainable AI (machine and deep learning), with an emphasis on developing more efficient representations for neural networks, inspired by the way humans perceive the world and integrate new experiences. Due to her research work on computer vision, with a particular focus on analysing medical images, Catarina won a Google Scholar research award in 2021. She has authored and co-authored several scientific publications. She has a PhD in Electrical and Computer Engineering from Instituto Superior Técnico.



┌ CATHRYN CLÜVER ASHBROOK

Conselheira Sénior da Fundação Bertelsmann, tendo sido sua Vice-Presidente Executiva. Dirigiu o German Council on Foreign Relations. Com o Embaixador Nicholas Burns, co-fundou e dirigiu durante mais de uma década o Projeto Futuro da Diplomacia na Harvard Kennedy School. Foi Diretora Executiva de programas no Belfer Center. Cientista política, investiga sobre novos actores da geopolítica e geoeconomia, política tecnológica, relações transatlânticas e arquitetura da segurança internacional. Foi membro da Administração do European Policy Centre. Iniciou carreira como jornalista na CNN-International. Cathryn escreve sobre questões internacionais em revistas académicas e nos principais média alemães, americanos, britânicos e espanhóis. Eisenhower e Truman Fellow, participa em conselhos de administração de organizações sem fins lucrativos e em conselhos consultivos académicos.

Bertelsmann Stiftung Senior Advisor, having served as an Executive Vice President. She led the German Council on Foreign Relations. With Ambassador Nicholas Burns she co-founded and directed for over a decade the Future of Diplomacy Project at Harvard Kennedy School. At Belfer Center, she was Executive Director for programmes. A political scientist, her research focusses on new actors in geopolitics, geoeconomics, technology policy, transatlantic relations and international security architecture. She was Board Member of European Policy Centre Management. Began her career as a broadcast journalist for CNN-International. Cathryn writes widely on international affairs in academic journals and mainstream German, US, British, Spanish media. Eisenhower and Truman fellow, she serves on non-profit boards and academic advisory councils.



┌ CONCEIÇÃO LINO

Jornalista sénior da SIC TV desde 1992, tendo integrado os profissionais fundadores. Além de notícias em prime time, apresentou: entre 1994 e 2010, Primeira Pessoa, Grande Plano, O País em Direto, Hora Extra, Casos de Polícia e Praça Pública; a partir de 2010, 15|25, programa semanal de debate da atualidade mundial na perspetiva da Geração Z, A Rede 2019, sobre casos de cat-fish da internet, então o programa de jornalismo de investigação mais visto da televisão portuguesa, E Se Fosse Consigo? sobre preconceito, discriminação e violência através de experiências sociais encenadas, entrevistas e testemunhos, Nós por Cá, sobre violação dos direitos dos cidadãos, que levou à resolução de vários casos. Previamente trabalhou na Rádio Comercial e Expresso.

Senior Journalist at SIC TV since 1992, integrating its founding professionals. For several years she presented Morning and Evening News. Since 2010, she starred: 15|25, a weekly programme aimed at discussing current world affairs through the eyes of Generation Z; A Rede 2019, on internet "catfish", a most watched programme; E Se Fosse Consigo? on prejudice, discrimination and violence, through staged social experiments, interviews, testimonies; Nós por Cá, on violation of citizens' rights, which led to the resolving of many cases. Before 2010 Conceição presented Primeira Pessoa (2007-2008), Grande Plano (2004), O País em Directo (2003), Hora Extra (2003-2003), Casos de Polícia (1996-2000), Praça Pública (1994-1995). Prior to SIC she worked at Rádio Comercial, and Expresso.



┌ ELISSA JOBSON

Diretora de Advocacia e membro do Conselho de Administração do International Crisis Group. Elissa orienta a estratégia e supervisiona a advocacia global do Grupo e é responsável pela definição das estratégias para a maximização do impacto político. Previamente, foi directora de Advocacia Regional do ICG em África e a principal ligação da organização com a União Africana. Antes de entrar para o International Crisis Group, foi especialista em relações com os meios de comunicação social na UNICEF em Nova Iorque, onde ajudou a coordenar a defesa pública dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável. Entre 2012 e 2014, foi jornalista freelancer baseada em Adis Abeba, tendo trabalhado para o The Guardian, Africa Confidential, The Africa Repo e Business Day.

Leadership Member and the Chief of Advocacy at the International Crisis Group. Elissa guides the strategy and oversees the Group's advocacy, and she is also responsible for the strategies to maximise the political impact of the organisation's activities. Previous to that, she was the ICG's Regional Advocacy Director in Africa and its main liaison with the African Union. Before joining the International Crisis Group, Elissa was a media relations specialist at the UNICEF in New York, where she helped to coordinate public advocacy for the Sustainable Development Goals. Between 2012 and 2014, Elissa was a freelance journalist based in Addis Ababa, working for several news media, namely The Guardian, Africa Confidential, The Africa Repo and Business Day.



┌ FERNANDO AYALA GONZALEZ

Professor associado do Instituto de Ciências Políticas da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Foi diretor adjunto para Assuntos Estratégicos e Relações Institucionais da Universidade do Chile. Antes de ingressar na Universidade foi Subsecretário da Defesa do Chile. Anteriormente, foi Conselheiro Especial para a Parceria, Cooperação Sul-Sul e Assuntos Parlamentares na FAO, em Roma. No decorrer da sua carreira diplomática, desempenhou várias funções em diversos países, tendo sido Secretário da Embaixada do Chile em Seul, Cônsul em Estocolmo e Chicago, Cônsul Geral em Milão, Embaixador no Vietname, em Portugal, em Trinidad e Tobago e em Itália. Foi Diretor-Geral do Cerimonial e do Protocolo, cargo que ocupou durante três anos e meio. É economista, com pós-graduação em Ciências Políticas.

Associate Professor at the Political Science Institute of the Pontifical Catholic University of Chile. He was Deputy Director for Strategic Affairs and Institutional Relations at the University of Chile. Before joining the University, he was Chile's Undersecretary of Defence. Previously, Fernando was Special Adviser for Partnership, South-South Cooperation and Parliamentary Affairs at FAO in Rome. In his diplomatic career, he was Secretary of the Chilean Embassy in Seoul, Consul in Stockholm and Chicago, Consul General in Milan, Ambassador to Vietnam, Portugal, Trinidad and Tobago and Italy. He was Director General of Ceremonial and Protocol, a post he held for three and a half years. He is an economist with a postgraduate qualification in Political Science.



┌ FIDEL AMAKYE OWUSU

Consultor para questões relativas a geopolítica e segurança na Riley Risk Inc., uma empresa dedicada à avaliação de ameaças e de riscos potenciais para os clientes da empresa. Anteriormente, foi analista sénior de conflitos no Conflict Research Consortium for Africa. É fundador e diretor executivo da DefSEC Analytics Africa Ltd., uma empresa de consultoria que presta aconselhamento estratégico e soluções em matéria de segurança e defesa em África. Anteriormente, trabalhou como Assistente Especial do Vice-Presidente do Gana e também no gabinete do Presidente. Nos últimos anos, tem vindo a publicar regularmente, incluindo em fontes abertas, tais como o LinkedIn, análises concisas sobre questões estratégicas e geopolíticas atuais, cobrindo diversas várias regiões e países do continente africano.

Geopolitics and Security Consultant at Riley Risk Inc., a company dedicated to assessing potential threats and risks for the company's clients. Prior to that, he was Senior Conflict Analyst at the Conflict Research Consortium for Africa. He is the founder and the CEO of DefSEC Analytics Africa Ltd, a consultancy company providing strategic advice and solutions on security and defence in the African Continent. Previously, he served as Special Assistant to the Vice President of Ghana and worked also in the President's Office. In recent years, he has regularly published short analyses on current strategic and geopolitical issues, including in open sources, such as the LinkedIn, covering various regions and countries of the African continent.



┌ FRANCISCO SEIXAS DA COSTA

Presidente do Clube de Lisboa. Foi diplomata, entre 1975 e 2013. Esteve colocado na Noruega, em Angola e no Reino Unido, tendo sido embaixador na ONU, na OSCE, na UNESCO, no Brasil e em França. Foi Secretário de Estado dos Assuntos Europeus (1995-2001) e Diretor Executivo do Centro Norte-Sul, do Conselho da Europa (2013-2014). Foi consultor, docente convidado e investigador em universidades. Desenvolve atividade profissional de gestão, consultoria estratégica e supervisão junto de entidades do setor privado, sendo, nomeadamente, administrador não-executivo do grupo Mota-Engil. Comenta questões internacionais na comunicação social, em especial na CNN Portugal. Tem diversas obras publicadas, a última das quais "Antes que me Esqueça: a diplomacia e a vida"(2023).

Club of Lisbon Chairman. He was a career diplomat (1975-2013), serving in Norway, Angola and the UK, and being Ambassador to the UN, OSCE, UNESCO, Brazil and France. He was Secretary of State for European Affairs (1995-2001) and Executive Director of the North-South Centre of the Council of Europe (2013-2014). Francisco was consultant, teacher and researcher in universities. Develops professional activity in management, strategic consultancy and supervision in the private sector, namely as non-executive Member of the Board at Mota Engil group. He is a media commentator on international affairs, mostly on CNN Portugal. He published several works, the latest being: Antes que me Esqueça: a diplomacia e a vida (2023).



┌ GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian (desde 16 de novembro de 2015). É Professor Catedrático Convidado da Universidade Lusíada de Lisboa e do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Exerceu, entre outras, funções de Presidente do Centro Nacional de Cultura (2002-2016), do Tribunal de Contas (2005-2015), do Conselho de Prevenção da Corrupção (2008--2015), da EUROSAI – Organização das Instituições Superiores de Controlo das Finanças Públicas da Europa (2011-2014) e de Auditor Geral da Assembleia da UEO – União Europeia Ocidental (2008-2011). Foi Presidente da SEDES – Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (1985-1995). Foi também Deputado à Assembleia da República e Ministro da Presidência, Ministro das Finanças e Ministro da Educação.

Executive Trustee of the Calouste Gulbenkian Foundation (since 16th November 2015). He is a Guest Tenured Professor at the Lusíada University of Lisbon and ISCSP – the Higher Institute of Social and Political Sciences of the Technical University of Lisbon. Among others, he held the positions of President of the National Centre of Culture (2002-2016), President of the Portuguese Court of Audit (2005-2015), and Council of Corruption Prevention (2008-2015), EUROSAI – European Organisation of Supreme Audit Institutions (2011-2014), and General Auditor of the Assembly of the Western European Union (2008-2011). He was President of SEDES – the Association for Economic and Social Development (1985-1995). He was also Member of the Portuguese Parliament and Minister to the Presidency, Minister of Finance and Minister of Education.



┌ HELENA CARREIRAS

Vice-Reitora para a Aliança Pioneer e Professora catedrática de Sociologia no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa. É membro do Conselho Estratégico do Clube de Lisboa. Foi Ministra da Defesa Nacional (2022-2024) e diretora do Instituto da Defesa Nacional, IDN (2019-2022). Foi diretora da Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Iscte-IUL (2016-2019), presidente do European Research Group on Military and Society, ERGOMAS (2017-2019), membro da direção da Associação Europeia de Sociologia (2009- 2013) e vice-presidente da Associação Portuguesa de Sociologia (1994-1996). Em 2013 foi professora visitante na Universidade de Georgetown (Departamento de Governo). Publicou diversos livros, capítulos de livros e artigos académicos. É doutorada em Ciências Sociais e Políticas pelo Instituto Universitário Europeu (Florença).

Vice-Rector for the Pioneer Alliance and Full Professor of Sociology at Iscte-IUL. She is a Member of the Strategic Council of the Club of Lisbon. She was Minister of National Defence (2022-2024) and Director of the National Defence Institute, IDN (2019-2022). She was Director of the School of Sociology and Public Policy at Iscte-IUL (2016-2019), President of the European Research Group on Military and Society, ERGOMAS (2017-2019), Board Member of the European Sociological Association (2009- 2013) and Portuguese Sociology Association Vice-President (1994-1996). In 2013 she was a Visiting Professor at Georgetown University (Department of Government). She has published several books, book chapters and academic articles. She holds a PhD in Social and Political Sciences from the European University Institute (Florence).



┌ HENRY SANDERSON

Editor executivo da Benchmark Mineral Intelligence e membro associado da RUSI. Escreveu *The Volt Rush: the winners and losers in the race to go green* (2022), escolhido pelo Observer como livro da semana e pelo The Times como um dos melhores livros de ciência e ambiente de 2022. Durante sete anos, cobriu as áreas de matérias-primas e de exploração mineira para o Financial Times. Antes disso, viveu e trabalhou em Pequim, onde foi chefe de gabinete adjunto e repórter de finanças empresariais da Bloomberg. Com Michael Forsight, escreveu *China's Superbank: debt, oil and influence* (2012), que aborda o sistema financeiro e o capitalismo de Estado chinês e o seu impacto em vários países, da Venezuela à Etiópia.

Benchmark Mineral Intelligence Executive Editor, and Associate Fellow at RUSI. He authored *The Volt Rush: the winners and losers in the race to go green* (2022), chosen by the Observer as book of the week and by The Times as one of the best science and environment books of 2022. For seven years, he covered raw materials and mining for The Financial Times. Prior to that, he lived and worked in Beijing, where he served as Deputy Bureau Chief and Corporate Finance Reporter for Bloomberg. With Michael Foresight, he co-authored *China's Superbank: debt, oil and influence* (2012), that deals with the China's financial system and state capitalism and its impact in various countries from Venezuela to Ethiopia.



┌ HUNG TRAN

Non resident Senior Fellow no Centro de GeoEconomia do Conselho do Atlântico. É um economista de renome, com uma vasta experiência no sector privado, em organizações internacionais e em instituições de investigação. Tran produziu investigação relevante e moldou decisões políticas relativas a economias de mercado avançadas e emergentes, mercados de capitais globais, dívida e fluxos de capital, e questões de estabilidade financeira. De 2007 até à sua reforma em 2018, Tran trabalhou no Institute of International Finance (IIF). Nesta instituição foi Diretor Sénior do Departamento de Capital e Mercados Emergentes a partir de 2012, antes de se tornar Diretor Executivo. Previamente, trabalhou durante seis anos no FMI como diretor-adjunto do Departamento de Mercados Monetários e de Capitais.

Non-resident Senior Fellow at the GeoEconomics Centre of the Atlantic Council. He is a renowned economist, with extensive experience in the private sector, at international organisations and at research institutions. Tran has produced important research and shaped policy decisions concerning advanced and emerging market economies, global capital markets, debt and capital flows, as well as financial stability issues. From 2007 until his retirement in 2018, Hung worked at the Institute of International Finance (IIF). Since 2012, he started out as Senior Director, Capital and Emerging Markets Department, before becoming the IIF's Executive Managing Director. Prior to that, he worked for six years at the IMF as a Deputy Director of the Monetary and Capital Markets Department.



┌ KARIM EL AYNAOUI

Presidente executivo do Policy Center for the New South (PCNS). É também vice-presidente executivo da Universidade Politécnica Mohammed VI e diretor do seu Pólo de Humanidades, Economia e Ciências Sociais. De 2005 a 2012, trabalhou no Banco Central de Marrocos. Antes desta funções, Karim trabalhou durante oito anos no Banco Mundial como economista nas unidades do Médio Oriente e Norte de África e de África. Publicou livros e artigos em revistas sobre questões macroeconómicas relativas a países em desenvolvimento. A sua investigação recente tem-se vindo a centrar no crescimento e no mercado de trabalho em Marrocos, bem como na reforma da economia internacional do desenvolvimento. Tem um doutoramento em Economia pela Universidade de Bordéus, em França.

Executive President of the Policy Center for the New South (PCNS). He is also Executive Vice-President of Mohammed VI Polytechnic University and Dean of its Humanities, Economics and Social Sciences Cluster. From 2005 to 2012, he served at the Central Bank of Morocco. Previously, Karim has worked for eight years at the World Bank as an Economist for its units of the Middle East and North Africa and Africa. He published books and journal articles on macroeconomic issues in developing countries. His recent research has been focused on growth and the labour market in Morocco, as well as on reforming international development economy. He holds a PhD in Economics from the University of Bordeaux in France.



┌ KATHY PEACH

Directora e co-fundadora do Centro de Design de Inteligência Colectiva da Nesta (National Endowment for Science, Technology and the Arts), que explora formas como a inteligência humana e a inteligência das máquinas podem ser combinadas para desenvolver soluções inovadoras para desafios sociais. É consultora especializada do Fórum Económico Mundial sobre Tecnologia e Sociedade. Anteriormente, Kathy foi diretora de Inovação e Prospetiva na Bond – rede global de organizações internacionais de desenvolvimento. Entre 2013 e 2019 foi membro do Conselho de Administração do Mines Advisory Group (MAG), instituição de beneficência galardoada com o Prémio Nobel, e membro do Comité do Prémio Newton Fund em 2018 e 2020. Anteriormente, trabalhou em organizações como a Healthwatch England, Scope e VSO.

Director and co-Founder of the Collective Intelligence Design Centre at Nesta (National Endowment for Science, Technology and the Arts), which explores how human and machine intelligence can be combined to develop innovative solutions for social challenges. She is a Specialised Consultant for the World Economic Forum on Technology and Society. Prior to that, Kathy was Director of Innovation and Foresight at Bond – a global network of international development organisations. Between 2013 and 2019 she was a Member of the Board at Mines Advisory Group (MAG), the Nobel Prize-winning charity, and between 2018 and 2020 a Member of the Board at Newton Fund Prize Committee. Previously, Kathy worked in various organisations, namely Healthwatch England, Scope and VSO.



┌ LUÍSA MEIRELES

Chefe de redação da LUSA. É vice-presidente do Clube de Lisboa e membro do Centro de Estudos Eurodefesa-Portugal e da Euromed – IHEDN. Exerceu advocacia durante 10 anos até ingressar no Expresso (1989), onde foi editora Internacional (2000-2006) e redatora sénior de Política (2006-2018). Cobriu, como enviada especial, os últimos anos da URSS, transições políticas no Centro e Leste europeu e as guerras dos Balcãs. Publicou *E Depois do Iraque?*, em parceria com Loureiro dos Santos (2003), e *General Loureiro dos Santos – uma biografia* (2018). Principais interesses: Política, Defesa, Segurança, Assuntos Europeus. Auditora do curso de defesa nacional é licenciada em Direito pela Universidade de Lisboa e pós-graduada em Assuntos Europeus pela Universidade Católica de Lisboa.

Editor-in-chief of LUSA. She is Vice-President of the Club of Lisbon, Member of Eurodefence-Portugal Center of Studies and of Euromed – IHEDN. Practiced law for 10 years, before joining Expresso in 1989. As a special envoy, covered the final years of the USSR, regime transitions in Central and Eastern Europe, and the Balkan wars. Her expertise is on Politics, Defense, Security and European Affairs. At Expresso, Luísa was International Editor (2000-2006) and Senior Political Writer (2006-2018). She published *E Depois do Iraque?* in partnership with General Loureiro dos Santos (2003), and *General Loureiro dos Santos – uma biografia* (2018). She has a Law degree from Lisbon University, and post-graduated in European Affairs at the Catholic University of Lisbon.



┌ LUÍS PAIS ANTUNES

Presidente do Conselho Económico e Social desde julho de 2024. É presidente do Conselho Fiscal do Clube de Lisboa. Fez parte da Direção do Fórum para a Competitividade (2018-2024). Integrou a Direção Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa (2023-2024). Foi diretor executivo do IEEI-Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (2008-2012). Luís serviu como Secretário de Estado do Trabalho (2002-2005) e foi deputado ao Parlamento (2005-2009). Trabalhou no serviço jurídico da União Europeia (1986-1994) e foi Referendário do Tribunal de Justiça Europeu (1989-1994). Foi Diretor-Geral da Concorrência e Preços (1994-1996). Advogado desde 1982, entrou para a PLMJ em 1997, tendo sido Managing Partner (2015-2023). As suas áreas de especialidade incluem Direito do Trabalho e da Concorrência.

President of the Economic and Social Council since July 2024. He is President of the Supervision Council of the Club of Lisbon. He was on the Board of the Competitiveness Forum (2018-2024). He integrated the National Board of the Portuguese Red Cross (2023-2024). A lawyer since 1982, he joined PLMJ in 1997, being Managing Partner (2015-2023). He served as Secretary of State (2002 – 2005) and was Member of the Parliament (2005-2009). Luís was Executive Director of IEEI – Institute for Strategic and International Studies (2008-2012), Director-General for Competition and Prices (1994-1996), Legal Secretary at the European Court (1989-1994) and worked at the European Union Legal Service (1986-1994). Areas of interest include labour and competition law.



┌ LUIS TOMÉ

Professor catedrático e diretor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa. Investigador do IPRI-NOVA, é professor convidado do Instituto da Defesa Nacional, do Instituto Universitário Militar, do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, da Sapienza Università, Roma e da Middle East Technical University, Ankara. Luís foi especialista para Relações Internacionais e Combate ao Terrorismo no Gabinete do Ministro da Administração Interna (2015-2017), assessor do Vice-Presidente do Parlamento Europeu (1999-2004) e Investigador NATO-EAPC, tendo redigido o relatório *Russia and NATO's Enlargement*, (2000). Tem como foco de interesse as regiões Euro-Atlântica, Eurásia e Ásia-Pacífico. É autor e coautor de mais de uma dúzia de livros e de numerosos ensaios e artigos em revistas especializadas.

Full Professor at the Autonomous Lisbon University and Director of its Department of International Relations. Researcher at IPRI-NOVA, he is Guest Professor at National Defense Institute, Military University Institute, Higher Institute of Police Sciences and Internal Security and Visiting Professor at La Sapienza Università, Roma and at the Middle East Technical University, Ankara. Luís was Expert for International Relations and Combating Terrorism in the Office of the Minister of Internal Administration (2015-2017), Advisor to the Vice-President of the European Parliament (1999-2004) and NATO-EAPC Researcher, writing the report *Russia and NATO's Enlargement* (2000). His focus is on Euro-Atlantic, Eurasia and Asia-Pacific regions. He authored and co-authored a dozen books and several essays and articles in specialised journals.



┌ MADALENA MEYER RESENDE

Professora associada com agregação da Universidade NOVA de Lisboa e investigadora no Instituto Português de Relações Internacionais, IPRI. É presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política e vice-presidente da International Political Science Association, IPSA. Antes de ingressar na NOVA em (2006, Madalena foi assistente no Collège d'Europe, Varsóvia (1998-1999) e no Departamento de Governo da LSE, Londres (2001-2002), Gulbenkian Research Fellow no Centre for European Policy Studies, CEPS, Bruxelas (2005-2006) e Research Associate na Europa Universitaet Viadrina, Frankfurt-Oder, (2012-2016). A sua investigação centra-se na intersecção entre religião e política, no nacionalismo e nos partidos políticos, tendo sido autora e co-autora de várias publicações. Doutorou-se em Ciência Política na London School of Economics em 2005.

Associate Professor with habilitations at NOVA Lisbon University and Researcher at the Portuguese Institute of International Relations (IPRI-NOVA). She is President of the Portuguese Political Science Association and Vice-President of the International Political Science Association (IPSA). Before joining NOVA (2006), Madalena was Assistant Lecturer at Collège d'Europe, Warsaw (1998- 1999) and at the Government Department, London School of Economics, LSE, London (2001-2002), Gulbenkian Research Fellow at the Centre for European Policy Studies, CEPS, Brussels (2005-2006) and Research Associate at the Europa Universitaet Viadrina, Frankfurt-Oder (2012-2016). Her research focuses on the intersection between religion and politics, on nationalism and on political parties and she authored and co-authored several publications. She is PhD in Political Science from LSE (2005).



┌ MARCELO REBELO DE SOUSA

Presidente da República Portuguesa desde 2016. Foi Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, teve uma vida académica bastante ativa, em órgãos associativos e académicos, e lecionou em várias universidades portuguesas e estrangeiras. Paralelamente, desempenhou diversas funções nos media e foi um dos fundadores do Expresso e do Semanário. A partir de 2000 iniciou-se no comentário político, alternadamente na TVI e RTP. Aderiu ao PSD desde a sua fundação em 1974, tendo presidido ao partido (1996-1999). Em 1975, na Assembleia Constituinte, participou na elaboração da primeira Constituição da Democracia portuguesa. Desempenhou vários cargos governativos e foi membro do Conselho de Estado nos mandatos dos Presidentes Jorge Sampaio (2000-2001) e Cavaco Silva (2006-2016).

President of the Portuguese Republic since 2016. A Full Professor at University of Lisbon Law School he was very much involved in several associations and academic bodies, having lectured at various Portuguese and foreign universities. In parallel, he performed various positions in the media, being one of Expresso and Semanário founders. In 2000 he began to perform as a political commentator, alternately on TVI and RTP. He entered PSD in 1974, its foundation year, and chaired the Party (1996-1999). In 1975, at the Constituent Assembly, he helped draft the first Constitution of the Portuguese Democracy. He served in governmental positions and integrated the Council of State during Jorge Sampaio (2000-2001) and Cavaco Silva (2006-2016) Presidential terms.



┌ RAQUEL VAZ PINTO

Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais, IPRI, e professora associada convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Foi presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política (2012-2016) e consultora do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian (2020-2022). Raquel é autora de várias publicações, entre as quais se contam A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen, a China e os Direitos Humanos, e Os Portugueses e o Mundo. Os seus interesses de investigação atuais centram-se na Política Externa e Estratégia Chinesa, nos EUA e o Indo-Pacífico, na Liderança e Estratégia. Tem um doutoramento em Ciência Política e é analista residente de política internacional da SIC Notícias.

Researcher at the Portuguese Institute of International Relations (IPRI) and an Invited Associate professor at the School of Social Sciences and Humanities at NOVA Lisbon University. She was President of the Portuguese Political Science Association, PPSA (2012-2016) and a Consultant to the Board of Directors of the Calouste Gulbenkian Foundation (2020-2022). Her publications include: A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen, A China e os Direitos Humanos, Os Portugueses e o Mundo. Her current major research interests are Chinese Foreign Policy and Strategy, the US and the Indo-Pacific, and Leadership and Strategy. Raquel has a PhD in Political Science and is an international politics resident analyst for SIC Notícias TV.



SHIVSHANKAR MENON

Distinguished Fellow do Centre for Social and Economic Progress (CSEP) na Índia e é presidente do Centro de Estudos sobre a China da Universidade de Ashoka. Foi Conselheiro Nacional de Segurança do Primeiro-Ministro indiano (2010-2014), Secretário dos Negócios Estrangeiros da Índia (2006-2009) e Embaixador e Alto Comissário da Índia em vários países. Shivshankar foi Distinguished Fellow da Brookings India. Publicações: Choices: Inside the Making of Indian Foreign Policy (2016) e India and Asian Geopolitics: The Past, Present, (2021). Foi Richard Wilhelm Fellow no Centro de Estudos Internacionais do MIT e Fisher Family Fellow no Belfer Center da Universidade de Harvard. Em 2010, a Foreign Policy nomeou-o como um dos "100 melhores pensadores globais do mundo".

Distinguished Fellow at the Centre for Social and Economic Progress (CSEP) in India and Chairman of the Centre for China Studies at Ashoka University. Shivshankar was National Security Advisor to the Indian Prime Minister (2010-2014), India's Foreign Secretary (2006-2009) and India's Ambassador and High Commissioner to several countries. He was a Distinguished Fellow at Brookings India. He published Choices: Inside the Making of Indian Foreign Policy (2016) and India and Asian Geopolitics: The Past, Present (2021). He was Richard Wilhelm Fellow at the MIT Centre for International Studies and Fisher Family Fellow at Harvard University's Belfer Center. In 2010, the Foreign Policy magazine chose him as one of the "100 best global thinkers in the world".



TSUTOMU SATO

Investigador sénior do Instituto da Paz Nakasone. É especialista em Relações Internacionais, Alterações Climáticas e Finanças, Segurança Económica. No Banco Japonês de Cooperação Internacional (JBIC), trabalhou mais de 20 anos em projectos de infra-estruturas na Ásia e no financiamento do clima. Em meados dos anos 1990, foi representante do JBIC em Beijing e, no início dos anos 2000, foi destacado para o Ministério da Economia, Comércio e Indústria. Desde 2020 é consultor em finanças sustentáveis na Agência de Serviços Financeiros do Japão e trabalha como perito em grupos de estudo sobre energia e clima. Doutorado (JD) em Direito pela Universidade de Tsukuba (2016) e Fellow da Escola de Pós-Graduação em Estudos Ambientais da Universidade de Nagoya (2022-23).

Senior Researcher at Nakasone Peace Institute. He is an Expert in International Relations, Climate Change and Finance, Economic Security. He worked for over 20 years on infrastructure projects in Asian, and on climate finance at Japan Bank for International Co-operation (JBIC). In mid-1990s, he was JBIC representative in Beijing, and in the early 2000s he served at the Japan's Ministry of Economy, Trade and Industry. Since 2020, he is an Adviser on Sustainable Finance to Japan Financial Services Agency and currently works in energy and climate study groups. He holds a JD in Law from the University of Tsukuba (2016) and was a Fellow of the Graduate School of Environmental Studies at Nagoya University (2022-23).



WALTER RUSSELL MEAD

Hudson Institute Strategy, Statesmanship Distinguished Fellow, Alexander Hamilton Strategy and Statecraft Professor no Hamilton Center for Classical and Civic Education, Universidade da Florida. Colunista "Global View" no Wall Street Journal. Membro do Aspen Institute Itália. Membro (1997-2010) do Council on Foreign Relations (Henry Kissinger Senior Fellow para a política externa dos EUA desde 2003). O Foreign Policy Research Institute atribuiu-lhe o Prémio Benjamin Franklin de 2012 pelo trabalho sobre política externa americana. Publicações: Special Providence: American Foreign Policy and How It Changed the World (2004); God and Gold: Britain, America and the Making of the Modern World (2007); The Arc of A Covenant: The United States, Israel, and the Fate of the Jewish People (2022).

Hudson Institute Strategy and Statesmanship Distinguished Fellow and Alexander Hamilton Professor of Strategy and Statecraft at Hamilton Center for Classical and Civic Education at University of Florida. Wall Street Journal Global View Columnist and Aspen Institute Italy Fellow. From 1997-2010, Council on Foreign Relations Member (Henry Kissinger Senior Fellow for US Foreign Policy from 2003). Foreign Policy Research Institute awarded him the 2012 Benjamin Franklin Prize for his work on American foreign policy. Publications: Special Providence: American Foreign Policy and How It Changed the World (2004); God and Gold: Britain, America and the Making of the Modern World (2007); The Arc of a Covenant: The United States, Israel, and the Fate of the Jewish People (2022).

Órgãos sociais

(à data da Conferência)

Governing Bodies

(at the Conference date)

CONSELHO DIRETIVO

BOARD OF DIRECTORS

Francisco Seixas da Costa

(Presidente *President*)

Alberto Laplaine Guimarães

(Vice-Presidente *Vice-President*)

Luísa Meireles

(Vice-Presidente *Vice-President*)

Fernando Jorge Cardoso

(Diretor executivo *Executive Director*)

Bernardo Ivo Cruz

Bernardo Pires de Lima

Graça Canto Moniz

Luis Tomé

Sónia Reis Neto

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

GENERAL ASSEMBLY BOARD

Luís Amado

(Presidente *President*)

Clara Carvalho

(Vice-Presidente *Vice-President*)

Laura Lisboa

CONSELHO FISCAL

SUPERVISORY BOARD

Luís Pais Antunes

(Presidente *President*)

Henrique Burnay

(Vice-Presidente *Vice-President*)

Noémia Pizarro

CONSELHO ESTRATÉGICO

STRATEGIC COUNCIL

Ana Santos Pinto

António Costa Silva

António Rebelo de Sousa

Carolina Feilman Quina

Cristina Casalinho

Helena Carreiras

Hélder de Oliveira

João Vieira Borges

Luís Valença Pinto

Marina Costa Lobo

Raquel Vaz Pinto



O Clube de Lisboa

The Club of Lisbon

O Clube de Lisboa é uma associação com membros individuais e coletivos que partilham a visão de Lisboa como cidade global e como espaço de reflexão, debate e intervenção sobre temas relevantes da agenda internacional, incluindo o desenvolvimento sustentável, a globalização e a segurança e com particular atenção aos desafios para o futuro e o papel de Portugal na Europa e no mundo.

É nossa razão de ser promover aumentar o conhecimento e promover novas visões e perspetivas sobre questões que afetam a nossa vida em sociedade, a sustentabilidade do planeta e o futuro das novas gerações. Acreditamos em regras democráticas, no respeito pelos direitos humanos e pela igualdade de género e num mundo regido pelo direito internacional e pela procura da solução pacífica de conflitos.

Somos uma plataforma de atividades em rede, em ligação com membros do Clube, que beneficiam e contribuem ativamente para o sucesso das nossas iniciativas.

The Club of Lisbon is an association with individual and collective members who share the vision of Lisbon as a global city and a hub for reflection, debate and action on relevant international issues, including sustainable development, globalisation and security, with particular attention to future challenges and to the role of Portugal in Europe and in the world.

It is our purpose to increase knowledge, promote critical thinking and new perspectives on issues that affect our life in society, the sustainability of the planet and the future of new generations. We believe in democratic rules, respect for human rights and gender equality and in a world governed by international law and the search for peaceful conflict resolution.

We function as a network platform, in connection with our members, who profit from and actively participate in the conception and implementation of our initiatives.

Organizador | Organiser





PARCEIROS E
PATROCINADORES
PARTNERS AND
SPONSORS

A 6ª Conferência de Lisboa contou com a parceria e o patrocínio das seguintes instituições
The 6th Lisbon Conference counted with the partnership and sponsorship of the following institutions

Parceiros Fundadores das Conferências de Lisboa | Founding Partners of the Lisbon Conferences



**Câmara de Comércio
e Indústria Portuguesa**
*Portuguese Chamber
of Commerce
and Industry*

A CCIP é uma associação empresarial privada ao serviço das empresas portuguesas desde 1834, que promove em particular o desenvolvimento dos seus associados a nível nacional e internacional. Diariamente trabalhamos para apoiar as empresas associadas no seu crescimento, afirmando-nos como um parceiro privilegiado para a internacionalização da economia nacional e promotores da ligação entre as Pequenas e Médias Empresas (PME) e as grandes empresas.

► www.ccip.pt



**Câmara Municipal
de Lisboa**
Municipality of Lisbon

A Câmara Municipal de Lisboa é o órgão autárquico do concelho, constituído por um Presidente e dezasseis Vereadores eleitos por sufrágio direto, que tem por missão definir e executar políticas que visam a defesa dos interesses e a satisfação das necessidades da população local. Compete-lhe administrar a vida da cidade, promovendo o seu desenvolvimento, em todas as áreas da vida dos cidadãos, como a educação, o desenvolvimento social e a habitação, o ambiente e saneamento básico, o desporto, a cultura, o turismo, o urbanismo, os direitos sociais, e a proteção civil. A Câmara Municipal Lisboa visa através da atuação dos seus serviços tornar Lisboa uma cidade mais participativa, empreendedora, solidária e sustentável, apostando ainda em áreas como a economia, a mobilidade, a segurança e a cooperação internacional.

► www.lisboa.pt



**Instituto Marquês
de Valle Flôr**
Marquês de Valle Flôr Institute

Criado em 1951 como instituição privada de utilidade pública, o IMVF é uma Fundação para o desenvolvimento e a cooperação, tendo iniciado atividade como Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) em 1988 em São Tomé e Príncipe. A partir dos anos 90 expandimos a nossa ação a outros países, com predominância aos de língua oficial portuguesa, e alargamos as áreas de atividade. Os resultados alcançados tornaram o IMVF numa entidade de referência nos domínios da cooperação, da cidadania global e da reflexão sobre o desenvolvimento.

► www.imvf.org

Parceiros Fundadores | Founding Partners



Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Iscte-Lisbon University Institute

O Iscte-IUL é uma instituição pública de ensino universitário. No âmbito das suas atividades de ensino, investigação e prestação de serviços à comunidade, é uma instituição universitária que se destina à formação de quadros e especialistas qualificados, cujas competências culturais, científicas e técnicas os tornam aptos a intervir no desenvolvimento sustentado não só do país, mas também a nível global. Os seus objetivos estratégicos são a inovação, a qualidade, a internacionalização e o desenvolvimento de uma cultura empreendedora.

› www.iscte-iul.pt



Sociedade para o Financiamento do Desenvolvimento

Development Finance Society

A SOFID tem como objetivo contribuir para o crescimento económico de países emergentes e em vias de desenvolvimento, articulando com os objetivos e a estratégia do Estado Português em matéria de economia, cooperação e ajuda pública ao desenvolvimento. Através da oferta de serviços e produtos financeiros junto de empresas privadas ou públicas (desde que geridas de forma comercial), a SOFID deve contribuir para o incremento das relações a nível produtivo e comercial entre Portugal e os países emergentes e em vias de desenvolvimento, de modo a estimular o seu progresso económico e social.

› www.sofid.pt



União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

Lusophone Countries' Capitals Union

A UCCLA é uma associação intermunicipal de natureza internacional, sem fins lucrativos, que tem por objetivo principal fomentar o entendimento e a cooperação entre os seus municípios membros, pelo intercâmbio cultural, científico e tecnológico e pela criação de oportunidades económicas, sociais e conviviais, tendo em vista o progresso e o bem-estar dos seus habitantes.

› www.uccla.pt

Parceiros Institucionais | Institutional Partners



Fundação Calouste Gulbenkian Calouste Gulbenkian Foundation

Nasceu em 1956 como uma fundação portuguesa para toda a humanidade, destinada a fomentar o conhecimento e a melhorar a qualidade de vida das pessoas através das artes, da beneficência, da ciência e da educação. Com o desenvolvimento do país, o papel da Fundação foi redefinido: as prioridades deixaram de ser apenas portuguesas ou lusófonas, para passarem a inscrever-se num quadro internacional, relacionando-se com questões globais, como o diálogo intercultural, as migrações e a mobilidade, e o ambiente. É neste contexto que são criados os Programas Gulbenkian e os projetos e iniciativas que a Fundação Calouste Gulbenkian promove, diretamente ou em parceria com outras entidades, para refletir sobre temas da sociedade contemporânea, procurando respostas inovadoras para os problemas do mundo atual.

› www.gulbenkian.pt



Instituto Diplomático Diplomatic Institute

Criado em 24 de fevereiro de 1994, o Instituto Diplomático prossegue as atribuições da Secretaria-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros no âmbito da organização e preservação do património e arquivo, promovendo boas práticas de gestão de documentos nos serviços e organismos do Ministério dos Negócios Estrangeiro; no âmbito da formação dos funcionários diplomáticos e restante pessoal; e promovendo o estudo e a investigação por forma a capacitar os serviços do Ministério em áreas da sua competência. O Instituto promove também ações e publicações que visam um maior conhecimento do seu acervo e da sua missão. Tem como visão ser reconhecido, no âmbito da sua atuação no quadro da política externa, como um serviço de projeção nacional e internacional, com especial ênfase nas vertentes da diplomacia pública, de estudos, da formação de alto nível, da Biblioteca e Arquivo.

› www.idi.mne.gov.pt



Universidade Autónoma de Lisboa Autonomous University of Lisbon

A UAL foi criada pela Cooperativa de Ensino Universitário (CEU) em dezembro de 1985 e é a mais antiga Universidade privada do país. Com um corpo docente de excelência e uma vasta oferta formativa composta por licenciaturas, mestrados e doutoramentos, nas mais variadas áreas do conhecimento, a UAL é uma realidade incontornável no Ensino Superior. A Autónoma assume-se como um exemplo da capacidade de iniciativa e de empreendimento, que desde logo quis inovar veiculando novos conceitos na pedagogia, na investigação e na ligação com o mundo económico e laboral.

› www.autonoma.pt

Patrocínios e Apoios | Sponsorship and Support



Altis Grand Hotel
www.altishotels.com



CTT-Correios de Portugal
www.ctt.pt

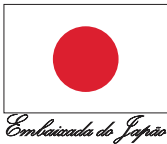


Fundação Luso-Americana
para o Desenvolvimento
www.flad.pt



UAL MEDIA
ualmedia.pt

Cooperação da Embaixada do Japão em Portugal
Cooperation of the Embassy of Japan in Portugal



2024

Conferências de Lisboa

Lisbon Conferences

Junho 2025

June 2025

Edição *Edition*

Clube de Lisboa

Autoria e edição de conteúdos *Author of contents and editing*

Patrícia Magalhães Ferreira

Sebastião Sabino

Coordenação *Coordination*

Fernando Jorge Cardoso

Fotografias *Photos*

Paulo Morais

Graphic Recording

Daniel Perdigão | UpSideUp

Design e Paginação *Design and Layout*

Joana Miguéis | 004

Produção *Production*

Clube de Lisboa e 004

Impressão *Printing*

Imprensa Municipal – Câmara Municipal de Lisboa

ISBN

978-989-53057-7-3

Depósito Legal *Legal Deposit*

553115/25

6ª Conferência de Lisboa

6th Lisbon Conference

UM MUNDO DIVIDIDO A DIVIDED WORLD

Agradecimentos *Acknowledgements*

O Clube de Lisboa agradece a todos os que, com o seu trabalho e dedicação, tornaram possível a realização da 6ª Conferência de Lisboa:

The Club of Lisbon acknowledges the work and dedication of all who contributed to the 6th Lisbon Conference:

Cristina Rocha

Diana Alves

Inês Vicente

Joana Miguéis

Mónica Santos Silva

Nádia Dias

Patrícia Magalhães Ferreira

Pedro Cruz

Disclaimer

O conteúdo desta publicação corresponde a um resumo das intervenções e debates da conferência, pelo que as opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e intervenientes e não comprometem qualquer instituição.

As biografias apresentadas correspondem à realidade aquando da realização da Conferência "Um Mundo Dividido", não contemplando quaisquer alterações desde então.

Pode copiar ou imprimir o conteúdo desta publicação, bem como citar ou reproduzir trechos dos textos desde que mencione a fonte. Esta publicação deve ser citada como "Clube de Lisboa (2025). Um Mundo Dividido. 6ª Conferência de Lisboa, 2024".

The contents of this publication corresponds to a summary of the speeches and debates held at the conference, and therefore the views expressed are those of the authors and speakers only and should not be attributed to any other person or institution.

The biographies presented correspond to the reality at the time of the Conference "A Divided World" and do not include any changes since then. You may copy and print this publication, as well as quoting or using its contents, provided that the source is mentioned. This publication should be cited as "Club of Lisbon (2025). A Divided World. 6th Lisbon Conference, 2024"





@cluboflisbon



@clubedelisboa



clube-de-lisboa



clubedelisboa

www.clubelisboa.pt

Parceiros Fundadores **Founding Partners**



Parceiros Institucionais **Institutional Partners**



Patrocínios e Apoios **Sponsorships & Support**



Cooperação da Embaixada do Japão em Portugal **Cooperation of the embassy of Japan in Portugal**



Com o alto patrocínio **Under the high patronage**

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA

